

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA

**A CONGREGAÇÃO SÃO PEDRO AD'VINCULA EM MARA
ROSA GO (1961-1995): MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES**

ROMILDA ALVES DA SILVA ARAÚJO

GOIÂNIA 2011

Romilda Alves da Silva Araújo

**A CONGREGAÇÃO SÃO PEDRO AD'VINCULA EM MARA
ROSA GO (1961-1995): MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Poder.

Orientação: Prof^a. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

GOIÂNIA 2011

A663c Araújo, Romilda Alves da Silva.
A Congregação São Pedro Ad'Vincula em Mara Rosa GO (1961-1995) : memórias e representações / Romilda Alves da Silva. – 2011.
115 f. : il.

Bibliografia: p. [106]-109

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante”.

1. Congregação São Pedro Ad'Vincula - memórias - representações - Mara Rosa (GO). 2. Igreja católica - missionários. 3. Martinez Arias, Lorenzo, Pe. - atuação missionária - Mara Rosa (GO). Título.

CDU: 253(817.3Mara Rosa) (043.3)
266

A CONGREGAÇÃO SÃO PEDRO AD'VINCULA EM MARA ROSA GO (1961-1995): MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

Dissertação defendida pelo Programa de Pós-graduação em História, nível Mestrado, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em _____ de _____ de _____ pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

ORIENTADORA

Prof. Dr. Eduardo José Reinatto

MEMBRO

Prof^ª. Dra. Heloisa Fernandes Selma Capel

MEMBRO

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

SUPLENTE

Dedico este trabalho aos meus três raios de luz:

Douglas, Raissa e Monique. Filhos e fãs.

*Ao meu amado esposo, Douglair por me amar e
sonhar (junto) comigo.*

*À minha mãe, pelo amor incondicional,
importante.*

Aos meus irmãos e irmã Rose

*Ao Padre Lourenzo (in memoriam) e a os padres
da Congregação de São Pedro Ad' Vincula.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre agir em minha vida e na vida dos meus.

Aos colegas de trabalho na UEG / Porangatu, pelo estímulo.

Aos professor@s do Mestrado PUC / GO, reconhecimento e carinho.

Um agradecimento especial, devo à minha querida orientadora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante pela orientação paciente, comprometida, e inteligente.

Aos queridos professores, Heloísa Capel e Eduardo Reinato pelas dicas na qualificação.

*Ao meu cunhado Douglimar Araújo por ter me avalizado no financiamento junto à
FUNDAPLUB.*

*À minha sogra Lourdes Reis pelo constante incentivo e por acreditar que eu seria capaz de
concluir esse trabalho.*

*Ao Padre Adeenes pároco da Paróquia Santo Antonio de Mara Rosa por permitir que eu
pesquisasse nos arquivos da paróquia e às secretárias Suelen e Mônica pela atenção dispensada
à minha pessoa na secretaria da paróquia.*

*Aos Padres Marcos Rogério, José Maria e Benjamin Garcia Paíno por me abrirem as portas da
Congregação de São Pedro Ad'Vincula.*

A Dom José da Silva Chaves, pelas informações preciosas.

A todos que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa se realizasse.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a trajetória da Congregação de São Pedro Ad'Vincula em Mara Rosa GO, cujo ícone é o Pe. Lorenzo Martinez Arias. Este padre chegou à cidade de Mara Rosa em 1961 para assumir a Paróquia de Santo Antonio de Pádua (em Amaro Leite), permanecendo na função de pároco até sua morte, ocorrida em 1995. Cabe ressaltar que buscamos na correspondência do padre Lourenzo, as representações construídas por ele em torno das pessoas e do lugar, bem como de si, seu sacerdócio e do papel que exerceu. As fontes utilizadas na pesquisa foram: a coleção de documentos intitulada “Escritos do Padre Lourenzo”, documentos pertencentes ao livro tomo na paróquia de Santo Antonio em Mara Rosa. Também utilizamos dois pequenos livros sobre a história da congregação escrita por padres Ad'.Vincula. Outra fonte foi o blog da Congregação no Brasil. Os resultados aos quais chegamos possibilitam apreender que padre Lourenzo estendeu seu papel como missionário da Congregação de São Pedro Ad'Vincula para além do campo religioso. Exerceu outras atividades como Pároco. Esteve também próximo da política local, oferecendo apoio e incentivo nas realizações e projetos que beneficiassem a cidade e seu povo. E, ao mesmo tempo, analisando, discutindo e, às vezes, criticando ações do poder público. Também aparece envolvido na educação. Primeiramente, na Escola da Congregação e, depois, no serviço público como diretor do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco. Chegamos à conclusão de que as realizações do padre, são frutos de sua compreensão, sobre o papel que tem a cumprir como missionário, em relação à sua congregação: sacrificar-se por ela. Ou seja, fazê-la prosperar – em relação às pessoas do lugar; levar-lhes “civilidade”, e fazer-las partícipes da igreja católica. Enfim, a dedicação com que cumpre sua missão, pode ser entendida como consequência das representações que faz de si, e de sua missão salvífica: de almas e da própria congregação.

Palavras-chave: Memória. Representações. Congregação Religiosa. Mara Rosa.

ABSTRACT

The research purpose was to analyze the Congregation of São Pedro Ad' Vincula trajectory in Mara Rosa-GO, which icon is the Priest Lorenzo Martinez Arias. This priest came to the town of Mara Rosa in 1961 to take on the Santo Antônio de Pádua Parish (in Amaro Leite), remaining in the position of vicar until his death, in 1995. It is worth noting that we searched on Priest Lorenzo's mailing, the representations built by him around the people and place, as well as around himself, his priesthood and the role he exercised. The sources used on the research were: the data collection entitled "Priest Lorenzo's writings", documents that belong to the book tumble in the Santo Antônio Parish in Mara Rosa. We also used two small books about the congregation history written by Ad' Vincula priests. Another source was the Congregation blog in Brazil. The results we reached made it possible to apprehend that priest Lorenzo extended his role as the São Pedro Ad' Vincula Congregation missionary beyond the religious field. He exercised other activities as vicar. He was also near the local politics, offering support and incentive on the realizations and projects that could bring benefits to town and its people. And, at the same time, he was analyzing, arguing and, sometimes, criticizing the government actions. He also appears involved on education. Firstly, on the Congregation School and, after, on the public service as the Colégio Estadual Presidente Castelo Branco principal. We concluded that the priest's realizations are fruit of his comprehension on the role he had to fulfill as a missionary, regarding his congregation: sacrifice himself for it. Which means, make it prosper – in relation to the local people, bring them some "civility" and make them participants of the Catholic Church. In the end, the dedication with which he fulfills his mission can be understood as a consequence of the representations he made about himself, and of its salvific mission: the congregation itself and its souls

Keywords: Memory. Representations. Religious Congregation. Mara Rosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pe. Carlos José Maria Fissiaux - fundador a Congregação de São Pedro Ad' Vincula	21
Figura 2: Escudo da congregação de São Pedro ad Vincula.....	23
Figura 3: Mártires fissionianos da guerra civil espanhola	28
Figura 4: Foto ordenação	32
Figura 5: Brasão da Diocese de Uruaçu.....	36
Figura 6: Fotografia de Dom Francisco Prada Carrera	39
Figura 7: Foto de Dom José da Silva Chaves	40
Figura 8: Missa de posse do prefeito Amado Olímpio Rosa	84
Figura 9: Cópia dos limites da paróquia de santo Antonio	86
Figura 10: Mapa da Microrregião de Porangatu	91
Figura 11: Excursão com a primeira turma de formando Colégio Castelo Branco	92
Figura 12: Ata da benção da pedra fundamental da igreja matriz de santo Antônio	95
Figura 13: Igreja Matriz construída pelo padre Lourenzo em reforma.....	98
Figura 14: Prospecto da nova matriz de Mara Rosa	98

SUMÁRIO

Resumo	5
Abstract.....	6
Lista de Figuras	7
INTRODUÇÃO.....	9
1. A CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS DE SÃO PEDRO AD VINCULA “DIRIGINDO-SE AO CORAÇÃO DO BRASIL”	20
1.1 “Dirigindo-se ao coração do Brasil”	33
1.2 A diocese de Uruaçu	36
1.3 A eleição da Paróquia de Amaro Leite.....	40
1.4 A chegada da congregação de São Pedro ad Vincula à Mara Rosa	43
2. “ESCRITOS DO PADRE LORENZO”: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES	49
2.1 O que as cartas falam?.....	59
2.1.1 Representando a vida e a morte	71
2.2 Padre lourenzo: memória da doença	75
2.2.1 Memórias do fim.....	79
3. REALIZAÇÕES AD VINCULA EM MARA ROSA: OS LUGARRES, A MEMÓRIA O ESQUECIMENTO	84
3.1 A Escola São Pedro.....	87
3.2 O Jeep.....	90
3.3 O sete de setembro	93
3.4 A sede paroquial	96
3.5 O Colégio Castelo Branco	98
3.6 As religiosas	99
3.7 Latência ou Esquecimento?.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	106

INTRODUÇÃO

Mergulhar no passado como está implicado na idéia de ressurreição integral é uma empresa que não apenas é vã e ilusória, como anticientífica. Temos que tentar reencontrar o sabor do passado, a vida, os sentimentos, as mentalidades de homens e mulheres, mas em sistemas de exposições e interpretações de historiadores do presente.

LE GOFF, Jacques. 1998, p. 103.

Em julho de 1960, dois sacerdotes se encontraram em viagem, a bordo de um navio “o Cabo São Vicente” que ia da América ao velho continente. Um era o padre Euzébio *Lecué*, secretário de Dom Francisco Prada Carrera, bispo da recém-criada diocese de Uruaçu; o outro era o Pe. Vicêncio Illera, superior local de uma casa da Congregação de São Pedro Ad Vincula na Argentina, que convocado para o Capítulo Geral da congregação, viajava para a Espanha.

De acordo com Mariano Bustillo (2001, p. 57): Os dois conversaram animadamente sobre a possibilidade de o Superior da Congregação enviar missionários para o Brasil a fim de realizarem missão sacerdotal na Diocese de Uruaçu, a qual pertencia o padre Euzébio *Lecué*. Aquele encontro resultou no envio de dois sacerdotes recém-ordenados da Congregação do padre Illera à diocese de Uruaçu. Tratava-se do Pe. Lorenzo Martinez Arias e do Padre Pedro Martinez Carrizo, que chegando ao Brasil, se hospedaram na casa do bispo Dom Prada, que também era espanhol. Após um período de adaptação e sondagem do local, os missionários puderam escolher livremente onde desejariam se estabelecer e missionar, dentro da diocese. Pe. Lorenzo escolheu a paróquia de Santo Antonio de Amaro Leite. A sede se encontrava em Mara Rosa, cidade resultante da transferência da sede municipal de Amaro Leite. Fora transferida para um local onde segundo a tradição oral, havia possibilidade de crescimento urbano.

Ao se estabelecer na diocese, os religiosos adotaram uma prática já bastante difundida entre os missionários europeus e americanos: comunicar-se por meio de cartas com suas congregações.

Dessa prática, resultou uma coleção de cartas enviadas pelo padre Lourenzo aos superiores, parentes, amigos e outras pessoas. E, cartas a ele remetidas por diversos autores. Esta coleção encontra-se encadernada e intitulada pela congregação como “Escritos do Padre Lourenzo”.

Buscar nessa correspondência elementos que identificassem as representações feitas pelo sacerdote missionário, sobre si e sua missão; sobre as pessoas e o lugar; o modo como nortearam as práticas do religioso; foi nosso objetivo, nesta pesquisa. Seguimos a noção de representação encontrada em Chartier, de que são as práticas que identificam as representações feitas pelo sujeito da ação.

Conforme este autor, por meio das representações é possível identificar, três maneiras de se relacionar com o mundo social:

(...) em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de ser no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 2002, p. 23)

As representações construídas pelo padre Lourenzo situam-se nas três esferas. Observamos, de início, a configuração intelectual dos missionários; é possível ver o mundo que descrevem – marcado por um olhar europeu; desvendar as práticas sacerdotais e outras que desenvolvem na comunidade. Enquanto sacerdote Pe. Lorenzo realiza tarefas óbvias; enquanto religioso ad'vincula, vai além das ações próprias da missão. Nas cartas recebe orientações de seus superiores. São inúmeras as recomendações para viverem o mais próximo possível do modo de vida das pessoas do lugar. Se chegarem a se destacar, que seja apenas pelas boas ações e pelo trabalho. Pe. Lorenzo, enquanto representante da congregação de São Pedro ad'Vincula, era identidade que se misturava bastante com a identificação de outros padres diocesanos. Ainda que procurasse deixar claro que era religioso, havia também à identificação marcante por seu sacerdócio.

Assim, a noção de “representação” torna-se central na medida em que é entendida, como o próprio Chartier (CHARTIER, 2002, p. 20) propõe: “[como] instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.” Por esse prisma, as representações são frutos da significação dada pelo “representante” ao mundo que lhe rodeia.

Assim, a pesquisa é norteada pelo problema proposto: como padre Lourenzo em seus escritos se auto representava, e como percebia as pessoas e o lugar? Como essas representações se traduziram em práticas?

Quer saber se as representações do padre se traduziram em práticas que beneficiaram a comunidade da Paróquia de Santo Antonio e a sociedade mararrosense; também, por que em tão pouco tempo após sua morte, sua memória se encontra nas vias do esquecimento?!

Vale ressaltar que padre Lourenzo não foi um homem comum. Ao contrário, destacou-se nas esferas social, política e eclesial. Era religioso imbuído de um espírito missionário que o transportava do público ao privado, sem nunca deixar transparecer, em seus escritos que se encontrava descontente. Ao inverso, afirmava estar satisfeítíssimo.

Outro ponto destacado na pesquisa são as marcas de identidade presentes na escrita do sacerdote. Deixar sua identidade impressa em sua escrita, talvez nem fosse proposital. Mas, considerando os estudos da pesquisadora Ângela Gomes:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser 'decomposto' em tempos e ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. e esse indivíduo, que postula uma identidade para si busca registrar sua vida, não é mais apenas o 'grande' homem isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade (...) abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem 'anônimo', do indivíduo 'comum', cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si. (GOMES, 2004, p. 13)

A escrita do padre Lourenzo, representou seu projeto de memória, construído para marcar seus feitos e de sua congregação. Escrita para não ser esquecido, pelos seus irmãos de congregação e por seus paroquianos; para ser exemplar no desbravamento das “selvas” brasileiras e na evangelização das pessoas.

Conhecer a trajetória da Congregação dos Religiosos de São Pedro ad Vincula, em Mara Rosa pelo prisma das memórias e representações, enfocando os feitos do seu representante Pe. Lourenzo Martinez Arias, foi, por conseguinte, nossa proposta para o programa Mestrado em História da PUC - GOIÁS. O principal objeto desse estudo foi a coleção de cartas “escritos do padre Lourenzo.”

No decorrer de minhas experiências eclesiais, em Mara Rosa, tomei conhecimento da existência do padre Lorenzo Martinez Arias e da Congregação dos religiosos de São Pedro ad vincula. Posteriormente, por meio de conversas produtivas com o sacerdote ad vincula Marcos Rogério, (natural de Mara Rosa), soube da existência dos chamados “escritos do Pe. Lourenzo”. Pela mesma fonte de informação, soube da existência de dois livros produzidos

pela Congregação. Foram escritos pelos religiosos. Segundo o que consta nesse material impresso, os mesmos não se destinam ao grande público. Destinam-se apenas aos membros da Congregação. Tive acesso aos livros que me foram entregues pela Senhora Euza Vitor.¹

Lorenzo Martinez Arias, em sua missão, além das muitas cartas que escreveu aos seus superiores, parentes e amigos que viviam na Espanha, também tinha por hábito registrar suas ações, e emoções em um diário pessoal. Este se perdeu. Restam apenas dois fragmentos e estão arquivados no livro do tombo na Paróquia de Santo Antonio de Pádua em Mara Rosa.

Das cartas que foram endereçadas aos superiores, algumas também não constam do arquivo. Assim como não consta o já referido diário pessoal que fora guardado na biblioteca do seminário da congregação em Goiânia, mas até o momento encontra-se desaparecido.

Das andanças pelo sertão, festas, pescarias etc., os moradores da cidade e da zona rural, em geral, conservam muitos registros iconográficos e lembranças.

No que se refere à demarcação temporal da pesquisa, estabelecemos 1961, como marcando a chegada dos dois missionários fissionianos à Mara Rosa. E, 1995, o ano da morte do Pe. Lorenzo Martinez Arias. Os conteúdos referentes a essas datas estão diluídos nos três capítulos que compõem este trabalho.

A carência de estudos sobre Ordens Religiosas é nicho de pesquisa ainda pouco explorado por historiadores. Ao estudarmos a trajetória da Congregação de São Pedro Ad'vincula em Mara Rosa GO, constatamos que pouco se sabe sobre a história deste instituto clerical. Existem apenas três páginas redigidas pelo Pe. Mariano Bustillo, religioso Ad'vincula sobre aquela trajetória missionária no Brasil. Ele se propôs a escrever sobre sua congregação – o já mencionado texto não está disponível ao público – é destinado apenas aos membros da Congregação de São Pedro Ad'vincula.

Sobre essa realidade, a professora Cristina de Cássia Pereira Moraes (UFG), em conversa, cogitou sobre a possibilidade de estudo desse tema para investigação histórica. É um tema relevante por preencher uma lacuna na história da igreja no Brasil, na história do Brasil, propriamente dita; na história regional e local. Consideramos tal sugestão e a confeccionamos como proposta que visasse dar tratamento teórico às memórias e às representações do padre Lorenzo. Também às memórias das pessoas que, com ele conviveram. É que as consideramos constituir peças-chave para a refiguração desse tempo pretérito.

¹ Mãe do Padre Rogério, atual diretora da Escola São Pedro em Mara Rosa e Procuradora da mesma Congregação na cidade.

A investigação histórica por meio das fontes disponíveis, possibilitou compreender as ações do Pe. Lorenzo, na comunidade, como sendo fruto das representações que o religioso fez do lugar, das pessoas e de si próprio, e de seu compromisso com os ideais de sua Congregação.

Vale ressaltar que, a leitura dos documentos – fontes histórias – seguiram as recomendações de Le Goff (1996, p. 545-548):

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que aí detinham o poder. [...] O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento como uma coisa que fica, que dura, é o testemunho. [...] O documento é um monumento. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumento.

Assim, sempre tivemos em mente, que essas fontes, tanto na leitura dos dois livros-fonte, bem como das cartas fossem testemunhas, fruto da leitura de um tempo. E, foram produzidas por pessoas que ocupavam seu lugar privilegiado de fala, e não pouparam elogios à sua “pequena congregação”. Mas, por outro lado, e talvez porque acreditassem mesmo que seus registros ficariam restritos aos muros da congregação, buscaram registrar também as intrigas e até as “fraquezas” de seus irmãos de fé.

Em relação especificamente aos escritos do Pe. Lorenzo, pudemos apreender que ele escrevia na maioria das vezes aos superiores da congregação. E, embora tenha chegado a comentar sobre o desempenho do “Barsa²”, no campeonato europeu, suas cartas eram, contudo, formais. Prevalece a forma descritiva. Raramente, mencionava nomes de pessoas do lugar. Conversando com as pessoas que conviveram com ele, soubemos, no entanto, que o padre visitava regularmente as famílias, e as conheciam pelos nomes.

Na metodologia da pesquisa, observadas as recomendações de Le Goff quanto ao tratamento da fonte, buscamos, naturalmente, depois de suplantadas as fases de apreensão e compreensão, passar ao estágio das análises. Partimos dos feitos da congregação, especificamente do principal representante, pe. Lorenzo. Estudamos o significado de suas ações para a Igreja católica e para a congregação de São Pedro Ad’Vincula. Também analisamos a relevância das obras materiais e imateriais para o próprio missionário, enviado ao Brasil em 1961.

² Barcelona.

Percorremos a conjuntura sócio-histórico, da Congregação na Espanha e no Brasil, principalmente pela correspondência entre pe. Lorenzo, seus superiores e irmãos de congregação. Procuramos perceber as motivações, conflitos e também as acomodações ocorridas, e que nos permitiram compreender a permanência do sacerdote por quase quarenta anos, a serviço de sua Igreja, Congregação religiosa, e da comunidade da paróquia de Santo Antonio de Pádua em Mara Rosa GO, diocese de Uruaçu.

Consideramos este estudo relevante, pelo fato de colocar em perspectiva, a história de uma pequena congregação religiosa estrangeira, agindo em nível local, entrelaçada a um contexto nacional e mundial.

É, por conseguinte, pertinente retomar algumas orientações teóricas apresentadas por Pesavento (2006) frente ao trabalho, por elucidar os conceitos centrais, memória e representações, que nortearam a pesquisa, dando-nos suporte para a discussão do problema proposto.

Sandra Jatahy Pesavento afirma que:

1. *História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos, pois. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade.*
2. *Como narrativas sobre algo, são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido e que mesmo se substituem a ele. Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala. Nesta medida, são, ambos, presentificação de uma ausência, atributo de toda a representação que, em essência, é um “estar no lugar de”.* (PESAVENTO, 2006)

Essas imagens presentes na escrita e na fala a que alude Pesavento (2006), conferem sentido à tradução dada pelo Padre Lourenzo ao seu mundo interior.

Também recorremos a Maurice Halbwachs que, ao estudar a memória a divide em dois tipos: a memória individual ou autobiográfica e memória coletiva. Por memória individual compreendemos aquela que está restrita à vida das pessoas, às lembranças pessoais, que ficariam sujeitas a uma “disposição física e sensível” (HALBWACHS, 1990, p. 54) provocada pelas percepções. Quanto à memória coletiva esta é um pensamento contínuo e natural, capaz de reter do passado aspectos que estejam vivos ou capazes de viver na consciência coletiva.

Pollak (1992, p. 2) indaga a respeito da constituição da memória individual e coletiva e argumenta que os “acontecimentos (grifo do autor) vividos pessoalmente, e os elementos ‘vividos por tabela’ são os elementos constitutivos da memória. Assim, uma pessoa que

tenham participado de eventos históricos pode guardar uma lembrança particular do vivido. Pode também pela tradição, sentir e fazer parte daquele momento particular da história sem, contudo, ter certeza se estava presente, naquele momento determinado.

A pessoa, ao desempenhar os papéis sociais, vê-se “obrigada” às representações, na medida em que representar permite ao representador, relacionar-se com o mundo e dar sentido às próprias ações/reações, vivências e atribuições sociais. É portanto, inerente ao ser humano, representar ou, produzir significados, também sobre si. Goffman (2009, p. 25) afirma que: “Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles.”

Buscamos em Lefebvre o seguinte argumento:

El modo de existencia de las representaciones sólo se concibe tomando en cuenta las condiciones de existencia de tal o cual grupo, pueblo o clase. Proceden de una coyuntura o conjunción de fuerzas en una estructura social en que existen grupos, castas, clases, pero se dirigen a toda la sociedad; representan la figura, la imagen que un grupo da de sí, sin que una cosa la excluya la otra. (LEFEBVRE, 1978, p. 60)³

Nessa passagem Lefebvre deixa claro a importância do grupo ao qual o sujeito que representa pertence. Pois, embora as representações sejam produzidas por um indivíduo, nestas estão implícitas as representações também do grupo, bem como as relações do sujeito com o contexto.

Ginzburg em diálogo com Roger Chartier chama a ambiguidade do termo “Representação”, que: “Por um lado, [...] faz as vezes de realidade representada e, portanto, evoca ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere presença, como num jogo de espelhos. (Ginzburg, 2001, p. 85).

E, Moscovici ao afirmar a dificuldade de definição do conceito, é quem também vem ensinar como se deve utilizá-lo:

O conceito de representações sociais não está perfeitamente claro. Padece de um conteúdo demasiado amplo e mal definido. Não é facilmente apreendido intuitivamente e só ganha sentido graças ao uso concreto. (MOSCOVICI, 1984, p. 957; cf. também Moscovici, 1983. Apud Semin 2001, p. 207)

Sobre os usos do conceito “Representações” pela história, precisamos compreender primeiro que esta noção está “situada na interface do psicológico e do social”, diz Jodelet,

³ Só se concebe o modo de existência das representações, considerando as condições de existência de um determinado grupo, povo ou classe. Procedem de uma conjuntura ou conjunção de forças em uma estrutura social em que existem grupos, castas, classes, mas se dirigem a toda a sociedade; representam a figura, a imagem que um grupo tem de si mesmo, sem que uma coisa exclua a outra (LEFEBVRE, 1978, p. 60).

(2001). Por isso, assegura a autora: “interessa a todas as ciências humanas: encontrada em Sociologia, Antropologia e História, estudada em suas relações com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atitudes sociais refletidas pelas mentalidades.” Trata-se de um conceito que permite compreender como o homem em sua relação com o mundo, constrói e confere significados.

Pesavento (1995) infere que, para se pensar a representação social, é necessário explicar e entender o imaginário social. Seu surgimento está vinculado ao aparecimento da Nova História Cultural, na França a partir dos anos 80 do século passado. Ao vislumbrar novos objetos de estudo, passa a admitir no seu campo de investigação também o imaginário social que, como parte integrante das representações sociais, transcende a materialidade da cultura. Assume um foco que remete ao conceito de imaginário referente aos estudos desenvolvidos por Gaston Bachelard, na década de 1940. Inconformado com o método universal do saber científico ser, ainda, o que fora criado por Descartes, e, o qual considerava a imaginação fruto do erro e da falsidade, toma:

A iniciativa de tentar reconciliar a ciência com o sonho, entendendo que na própria inovação tecnológica está presente a potência criadora da imaginação. Reabilitada, a imaginação ocuparia o papel de base ou referência da atitude científica, nela repousando o élan criador. Estabelecia-se, assim, o entendimento da ciência e da imaginação como ordens consistentes da realidade. Não haveria ruptura entre racional e imaginário, embora, segundo Bachelard, seus eixos de constituição fossem diferentes. (PESAVENTO, 1995, p. 12)

Dessa forma, a ciência que antes tinha como prerrogativas a quantificação, a verificação de fontes, de provas, e de interpretações, passa a assumir uma postura de produtora de mitos, desejos, sonhos, utopias e fantasias da ordem dos imaginários sociais.

Denise Jodelet (2001) em sua tarefa de descrever, analisar e explicar as dimensões, formas, processos e funcionamento de uma “totalidade significativa” em sua relação com a ação, afirma que “*as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social*” (2001, p. 21). Esses fenômenos segundo ela, se manifestam em elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc., que são “*organizados sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade*”.

Sobre uma primeira caracterização de representação social, Jodelet afirma haver consenso entre a comunidade científica que assim a entende:

[como] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou

ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001, p. 22)

Assim, representar é

(...) uma forma de conhecimento específico ou saber do senso comum, cujos conteúdos se constroem a partir de processos socialmente marcados. A representação social não é uma cópia da realidade, um reflexo da realidade, um reflexo do mundo exterior, ela é a sua tradução, a sua representação pelo sujeito que é um sujeito ativo.

O conceito das Representações sociais tem sua gênese na sociologia, quando Simmel “reconheceu a relação existente entre a separação do indivíduo – situado à distância dos outros – e a necessidade de representá-lo para si mesmo.” (Moscovici, 2001, p. 46). Para Simmel, escreve Moscovici: a idéias ou representações sociais são uma espécie de operador que dá visibilidade as ações recíprocas entre um conjunto de indivíduos bem como formar as instituições.

Weber num sentido diferente, emprega a idéia de representação:

É evidente que essas situações coletivas que fazem parte do pensamento cotidiano ou do pensamento jurídico (ou de qualquer outro pensamento especializado) são representações de algo que, para uma parte do ser, para uma parte do dever ser, paira sobre a cabeça dos homens reais (não só os juízes e os funcionários, mas também o público), segundo as quais eles orientam suas atividades: e tais estruturas têm uma importância causal considerável, até mesmo frequentemente, para a natureza do desenvolvimento da atividade dos homens reais. (WEBER, 1971, p. 12, apud Moscovici, 2001, p. 46-47)

Contudo, Moscovici atribui a Durkheim a invenção do conceito, afirmando que o sociólogo o define por uma dupla separação: representações coletivas e representações individuais, onde estas têm por substrato a consciência de cada um e aquelas, a sociedade em sua totalidade.

Para Durkheim, a representação,

tem por função preservar os vínculos entre eles, prepará-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais. (MOSCOVICI, 2001)

Nesse sentido, as representações coletivas conferem a primazia da sociedade sobre o indivíduo, restringindo manifestações individuais, na medida em que o indivíduo fique à mercê de um pensamento coletivo, pois:

Se é comum a todos é porque é obra da comunidade. Já que não traz a marca de nenhuma inteligência particular, é porque é elaborado por uma inteligência única, onde todas as outras se reúnem e vêm, de certa forma, alimentar-se. Se ele tem mais estabilidade que as sensações ou as imagens é porque as representações coletivas são mais estáveis que as individuais, pois, enquanto o indivíduo é sensível até mesmo a pequenas mudanças que se produzem em seu meio interno e externo, só eventos suficientemente graves conseguem afetar o equilíbrio mental da sociedade. (DURKHEIM, 1968, P. 609, Apud MOSCOVICI, 2001, p. 48)

Assim, Durkheim deixa evidente sua concepção de que “as regras que comandam a vida individual (representações individuais) não são as mesmas que regem a vida coletiva (representações coletivas).” (ALEXANDRE, 2004).

Alexandre, traz a informação que Sperber (1985),

faz uma analogia com a medicina, dizendo que a mente humana é susceptível de representações culturais, do mesmo modo que o corpo humano é suscetível a doenças. Ele apresenta a seguinte classificação: coletivas – representações duradouras, tradicionais, amplamente distribuídas, ligadas à cultura, transmitidas lentamente por gerações, comparadas à endemia; sociais – típicas de culturas modernas, espalham-se rapidamente por toda a população, possuem curto período de vida, semelhante aos “modismos” e se comparam à epidemia. (ALEXANDRE, 2004, p. 123-124)

Dessa forma é que podemos entender o aspecto efemero das representações sociais; e que, em relação às representações coletivas conceituadas por Durkheim, há entre seus predecessores, concenso na crítica de que a teoria durkheimeneana seria mais bem aplicada a uma sociedade simples.

E, assim, ao abordar as memórias do representante legal da Congregação de São Pedro Ad’Vincula em Mara Rosa GO, Pe. Lorenzo Martinez Arias, acreditamos ser possível identificar e analisar, a partir dos escritos do sacerdote, as suas representações.

Para uma melhor compreensão do que nos propusemos a pesquisar, dividimos este trabalho em três capítulos: Num primeiro momento procuramos conhecer a história da Congregação de São Pedro Ad’Vincula; situá-la dentro da hierarquia institucional da Igreja Católica Romana, historicizando a Congregação Religiosa, desde sua origem na França, sua organização institucional, sua expulsão e exílio na Espanha; sua expansão no continente americano, e sua história em Mara Rosa, construída por seu missionário Pe. Lorenzo Martinez Arias; também, reconhecendo a história da congregação em Mara Rosa como história da igreja em Goiás.

Com o religioso, por meio de suas cartas, descobrimos “um mundo novo”, cidade, sertão e sentimentos. Conhecemos aspectos da vida cotidiana do sacerdote em seu “ser e fazer-se padre”, em uma comunidade carente e atrasada. Comunidade distante do velho mundo, “civilizado e opulento”, sociabilidades e sensibilidades.

No terceiro capítulo, abordamos as realizações da congregação Ad'Vincula na organização espaço-social da igreja local e da cidade. Discutiremos os lugares de memória como elementos capazes de confirmar e demonstrar a relevância da presença ad'vincula. Também buscaremos denunciar o descuido arrogado à memória do padre Lourenzo.

1. A CONGREGAÇÃO DE SÃO PEDRO AD VINCULA: “DIRIGINDO-SE AO CORAÇÃO DO BRASIL”

(...) seguindo o espírito da Igreja (PC,2), que a rica história escrita pela vida de nossos antepassados ajude às novas gerações que falam esta língua a aproximar-se e enriquecer-se do espírito que orientou a vida de tantos fissionianos.

Pe. Benjamín García Paino
(Superior Geral ad’Vincula)

A congregação dos religiosos de São Pedro ad’Vincula tem sua gênese no século XIX, quando o Padre Carlos José Maria Fissiaux, em 1839 funda na cidade de Marselha na França, um instituto clerical masculino. Fissiaux, utilizando o nome da “Festa do Dia”, 1º de Agosto⁴ – comemoração da libertação de São Pedro da prisão – denomina tal instituto “*Societas Sancti Petri Ad Vincula*”, inspirado pelo episódio bíblico. Tornou-se um Instituto clerical de direito pontifício, aprovado no dia 27 de setembro de 1853, pelo papa Pio IX, sob Decreto Apostólico.

A finalidade de uma congregação religiosa corresponde à idéia original do fundador. Assim, a finalidade e a espiritualidade da congregação fundada pelo padre Carlos Jose Maria Fissiaux ficaram explícitas no discurso do fundador proferido no dia 01 de agosto de 1839, segundo encontra-se publicado no blog ad vincula:

Nossa Congregação tomará o nome de São Pedro ad Vincula, contará com religiosos sacerdotes e não-sacerdotes, unidos no ideal de trabalho por sua própria santificação, mediante aos conselhos evangélicos, pela salvação do próximo mediante a prática das obras de misericórdia em favor dos jovens presos e libertos. Aceita também a direção de casas fundadas para receber meninos órfãos e abandonados, que correm o risco de cair no vicio. (<http://saopedroadvincula.blog.terra.com.br/>)

⁴ Conforme o texto bíblico, “(...) dormia Pedro entre dois soldados, ligado com duas cadeias. Os guardas, à porta, vigiavam o cárcere. De repente, apresentou-se um anjo do senhor, e uma luz brilhou no recinto. Tocando no lado de Pedro, o anjo despertou-o (...). caíram- lhe as cadeias das mãos. O anjo ordenou: “cinge-te e calça as tuas sandálias. Ele assim o fez. O anjo acrescentou: “Cobre-te com a tua capa e segue-me”. (...) Passaram o primeiro e o segundo postos da guarda. Chegara ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se lhes abriu por si mesmo. Saíram e tomaram juntos a rua. (...)” (At 12, 6-10).



Figura 1: Pe. Carlos José Maria Fissiaux – fundador a Congregação de São Pedro Ad' Vincula.
Fonte: <http://saopedroadvincula.blog.terra.com.br/>. Acesso em 15/09/2009.

E acrescenta: “Uma Congregação Religiosa, consagrada a libertação da juventude delinqüente e abandonada é uma obra desejada por Deus e destinada a fazer o bem.” (<http://saopedroadvincula.blog.terra.com.br/>).

A trajetória sacerdotal do padre Carlos foi rica e proveitosa: apenas dois anos após haver recebido o sacramento da ordem, foi nomeado vigário de São *Ferreol*. Seis anos depois, foi nomeado capelão da Providencia e em 1839, – ano em que fundou a **Congregação de São Pedro ad Vincula** –, recebeu o título de Cônego Honorário de Marselha.

Apesar de sua rápida ascensão na carreira clerical, não se pode afirmar que o fundador da congregação dos religiosos de São Pedro ad Vincula, tenha sido um sacerdote que almejasse à ascensão hierárquica, pelo fato de haver recusado por três vezes o episcopado.

Sendo o padre Carlos José Maria Fissiaux, fundador, foi também o primeiro superior Geral da Congregação de São Pedro ad Vincula. Nascido em *Aix-en-Provence* em 22 de junho de 1806, teve uma trajetória sacerdotal brevíssima, no dizer do padre Roux (2005). Iniciada em 1831, com sua ordenação sacerdotal e encerrada com sua morte. Aos sessenta e um anos de idade, em 1867, quando, cheio de projetos e planos para o futuro, parte para a eternidade, precocemente, tanto em idade, quanto como superior da congregação. Deixa muitos projetos em andamento.

O aniversário da morte do fundador é recordado pelos religiosos “ad vinculas” todos os anos. Encontramos numa carta circular⁵ escrita mais de um século depois de ocorrida a morte do padre Carlos Fissiaux, em que o autor evoca lembranças dos momentos derradeiros do padre Carlos:

El día 3 de Diciembre de 1867, pasadas las diez de La noche, El P. Carlos se retira a su habitación de La casa de San Pedro, donde se encontraba providencialmente haciendo Ejercicios Espirituales con La Comunidad, para descansar. Y quién iba a decir que después de pasar el día fervorosamente meditando el tema transcendental de la muerte, tan familiar en el, y de haber compartido jovialmente el rato de recreo con los hermanos, como era también su costumbre, esa misma noche, sin tiempo que perder, emprendía el viaje a La eternidad. Así de sencillo. Qué bien se cumple em el la frase agustiniana: ‘Talis vita, mors est ita’ [Pe. Carlos] consciente de su gravedad, pide serenamente que se Le adminisla Unción de los enfermos y com la paz, sencillez y admirable serenidad, cierra sus ojos al mundo para abrílos a la eternidad. Casi ni tiempo para morir. (Carta circular arquivada no volume: Escritos do Padre Lorenzo)⁶

A igreja católica é rica em simbologia: cada gesto, expressão, vestes, vasos utilizados nas celebrações, incenso, água, vinho, pão, hóstia, etc., estão carregados de significados. Sinais e símbolos são, assim, usados pela igreja para dar sentido as suas práticas.

Sartore e Triacca, no dicionário de liturgia católica, escrevem na introdução do verbete “Símbolo/Sinal”, o seguinte:

A liturgia cristã apresenta-se como um conjunto de sinais e símbolos, que as ciências humanas podem estudar em diversos níveis, mas sobre os quais só podemos ter uma compreensão plena e uma experiência autêntica dentro de um contexto de fé e de pertença à Igreja. (SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 1142)

Na página seguinte, esses mesmos autores apresentam a seguinte explicação: “No campo religioso, o termo símbolo, aplica-se tanto às formas concretas mediante as quais, determinada religião se explicita, quanto ao modo de conhecer, de intuir e de representar dados próprios da experiência religiosa.” (SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 1143).

⁵ Datada de 1984, de autoria do padre Vitor Cuesta, 11º. Superior geral dos ad vinculas (1984 - 1990). Esta circular enviada aos religiosos da congregação foi parte das ações em comemoração ao 117º. aniversário da morte do fundador.

⁶ No dia 3 de dezembro de 1967, depois das dez horas da noite, o Pe. Carlos se retira para os seus aposentos da casa de São Pedro, onde se encontrava providencialmente, fazendo exercícios espirituais com a comunidade, para descansar. E quem ía dizer que depois de passar o dia meditando fervorosamente sobre o tema transcendental da morte, tão familiar para ele, e de ter compartilhado alegremente o tempo de refrigério com os irmãos, como também era do seu costume, nessa mesma noite, sem tempo a perder, empreendia a viagem à eternidade. Assim de simples. Como se cumpre bem nele a frase agustiniana: ‘Talis vita, mors es ita’. [Pe. Carlos] consciente da sua gravidade, pede serenamente que lhe seja administrada a Unção dos enfermos e, com a paz, simplicidade e serenidade admirável, fecha os seus olhos ao mundo para abrí-los à eternidade. Quase nem teve tempo para morrer.

Essa explicação é importante para compreender como o brasão adotado pela Congregação⁷ pode traduzir seu carisma.

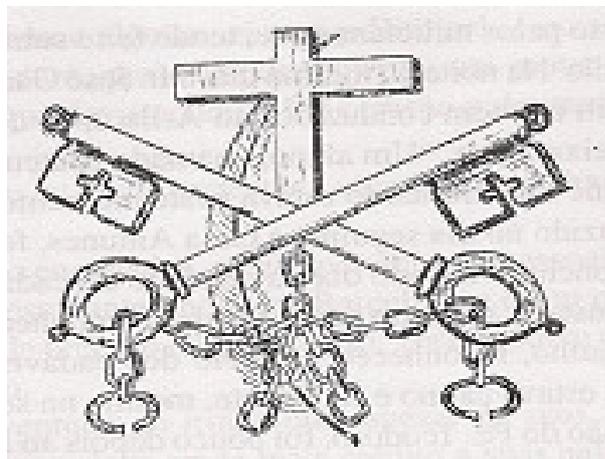


Figura 2: Escudo da congregação de São Pedro ad Vincula.
Fonte: Roux, (1998, p. 139).

Nele estão presentes os sinais de São Pedro liberto – Cruz, Chaves e Correntes – para lembrar aos religiosos que: devem seguir fielmente a Jesus Cristo; libertar de todo tipo de corrente opressora; abrir as portas do reino para todas as pessoas. (<http://saopedroadvincula.blog.terra.com.br/>).

A Congregação de São Pedro Ad Vincula, embora siga uma Regra⁸, obedece às constituições que são formuladas de acordo com o carisma para o qual foi fundada.

Além do carisma, a congregação pressupõe uma finalidade, que indica a necessidade para a qual surgiu, podendo ser: ensino, beneficência, evangelização etc. Há também dentro dos institutos uma espiritualidade que diz respeito ao modo concreto de viver a vida de relacionamento explícito com Deus. A índole refere-se à organização interna e ao modo de proceder que pode ser: capitular, centralizado etc.

Referente à idéia original do fundador da ordem ou congregação, quanto aos pontos anteriormente comentados, o cânon 578 do Código do Direito Canônico (CDC), chama de “*a mente do fundador*” [e explica que] *é junto “com suas sãs tradições, [...] o patrimônio desse instituto.”* No que tange à autonomia dos institutos, o Código do Direito Canônico (CDC) infere no cân. 586 que: “*É reconhecida aos institutos justa autonomia de vida, principalmente de regime, pela qual possam ter disciplina própria na Igreja e conservar intacto o próprio patrimônio, mencionado no can. 578.*”

⁷ Vez ou outra, chamaremos a Congregação de São Pedro Ad Vincula, apenas a Congregação.

⁸ Seguem a regra de Santo Agostinho.

A Congregação fundada pelo Padre Carlos José Maria Fissiaux, em relação a índole, é desde a fundação capitular.⁹ Isto significa que os membros, escolhidos como capitulares, devem se reunir para decidirem assuntos importantes para a congregação, bem como votar as regras, estudar as constituições, receber orientações e eleger o superior.

A hierarquia Fissioniana¹⁰ é constituída pelo Superior Geral, assistentes, visitantes, mestre de noviços, superiores locais, sacerdotes, religiosos de votos perpétuos, religiosos de votos temporários e noviços.

De acordo com as pesquisas do Pe. Ernesto Roux, historiador da Congregação de São Pedro ad Vincula, em 1867, às vésperas da morte do fundador, a pequena comunidade contava com apenas oito religiosos sacerdotes. Sendo o cargo de Superior geral ocupado pelo pe. Carlos Fissiaux, como assistentes o superior contava com os padres Mariné primeiro assistente e Arnaud segundo assistente. Havia também, naquele ano, cinqüenta e cinco religiosos de votos perpétuos. (ROUX, 1998. p. 23)

Com a morte do fundador, de acordo com a Regra vigente da Congregação, o padre Arnaud, como o mais velho assistente, assumiu o cargo de superior. O primeiro assistente pretendia o cargo, uma vez que era o primeiro assistente do fundador e superior geral.

Contudo, o capítulo geral de 1868 confirma um sacerdote por nome Arnaud para o cargo de superior geral da congregação por vinte anos. No ano seguinte à eleição do segundo superior geral, um padre fissioniano por nome Mariné protagoniza o primeiro cisma dentro da Congregação: sua primeira atitude foi escrever uma carta a um irmão de fé chamado Atanásio. O teor da missiva denota o clima observado no interior da organização: *“Não há mais contemporizações a fazer, e nós entramos num período muito sério. Eu não olho senão o interesse da congregação e me repugna ser um criadinho da superioridade, como tenho sido durante nove anos. Já estou farto disso”*. Ao superior geral, o padre Mariné escreve afirmando ter ele também direito à herança do pe. Fissiaux e ameaça *“fazê-los valer”*¹¹ seus direitos. Apesar dos esforços da superior pela unidade dos irmãos, em fevereiro de 1869, há a consumação do cisma, quando o pe. Mariné juntamente com nove religiosos tomaram o caminho para o orfanato de La Faye, declarando que daquele dia em diante consideravam-se desligados da casa mãe.

Não bastasse, o cisma ameaça esfacelar a Congregação Fissioniana. O artigo 7 aprovado pela Câmara anti-religiosa francesa em 1880, proibia aos membros das congregações ‘não

⁹ Capítulos são reuniões temporárias dentro da congregação, cuja finalidade é tratar de assuntos diversos, além de eleger o superior geral.

¹⁰ Derivação de Fissiaux.

¹¹ O Pe. Carlos Fissiaux o havia excluído de seu testamento.

autorizadas', de exercer atividades de ensino. Esse artigo provocou a expulsão dos membros da congregação das escolas e orfanatos, bem como o fechamento de suas casas. (ROUX, 1998).

Vinte anos depois de sua eleição, o Pe. Arnaud vem a falecer no dia 23 de outubro. Deixa a congregação sob a direção dos então assistentes padres *Galfard e Peyras*, até a eleição do novo superior geral, ocorrida em 2 de fevereiro de 1889, na reunião do Capítulo geral. Nesse capítulo, um membro do capítulo propôs que o artigo 7 do capítulo I, 5ª parte das constituições, fosse modificado e que o superior geral a partir de então fosse eleito por cinco anos, e então reeleito. Embora o padre Galfard tenha sido contra a sugestão, o Capítulo aprova a sugestão, fato que o deixa descontente. Tanto, que pós assumir o cargo de superior, recorre à Santa Sé. Mas, Roma foi favorável à decisão do Capítulo. O superior aceita a sentença e declara: “é a única conduta que se impõe diante de uma decisão da corte de Roma, seja ou não conforme às nossas opiniões pessoais”. (ROUX, 1998). O Pe. Roux chega a sugerir em seu texto que a decisão do Capítulo de 1889 foi interpretada pelo padre *Galfard* como falta de confiança, ferindo seu coração de morte. Tanto é verdade que o superior desde então, teve várias crises de sufocação que o levaram à morte por volta da meia noite do dia 8 de janeiro de 1890.

No capítulo de 1889, o pe. *Galfard* houvera proposto que “em cada casa da congregação um membro fosse designado para relatar os fatos mais importantes, quer do passado, quer do futuro”. (ROUX, 1998). Contudo, este mesmo autor informa que mesmo tendo sido esta proposição aprovada pelos capitulares, as ações não se realizaram e, se não fosse a atitude isolada do pe. Aillaud que “redigiu algumas notas, consignou as datas mais importantes, a títulos estritamente pessoal” (Roux, 1998, p. 14), talvez fosse impossível narrar a história dos ad´vincula, pois em 1901, a Lei francesa sobre associações subtraiu os bens da Congregação de são Pedro ad vincula e os exilou; depois em 1936 estabelecidos na Espanha eis que em plena guerra civil espanhola as casas mais bem sucedidas da congregação em Barcelona e São Feliu são pilhadas, saqueadas; os religiosos dispersados e nove são tragicamente mortos. Assim, junto com os bens materiais de suas propriedades, os documentos também foram perdidos. Eis porque o autor de *Fissionianos a serviço das crianças*, abre espaço na apresentação de seu livro, para agradecer à louvável atitude do pe. Aillaud.

No dia 19 de abril de 1890, dá-se início a uma segunda sessão extraordinária do Capítulo Geral da Congregação de são Pedro ad vincula. No espaço de pouco mais de um ano a Congregação se reuniu pela segunda vez para eleger um novo superior geral. Presidido pelo padre Allaria (mais velho assistente), o Capítulo elege o próprio Pe. Allaria para Superior Geral e os padres Peyras e Chapuis, para assistentes. O mandato do quarto superior geral termina em 1905, pois seu estado de saúde não o permite mais se dedicar a tão árduo trabalho.

O dia 26 de setembro de 1900, está marcado na história da Congregação como o dia em que os restos mortais do Revedo. Pe. Carlos Maria Fissiaux foram recolhidos numa urna e, após cerimônia própria, foi selada na parede da Capela de *Beaurecueil*¹² que fica próximo à Marselha. Ali foi recoberta com uma placa de mármore, trazendo uma inscrição latina. (ROUX, s/d. p. 62-63).

Quando a casa de Beaurecuil foi fechada e o castelo vendido, foi preciso mais uma vez fazer a transladação dos restos mortais do fundador que após cumpridos os trâmites legais para a ação, foram retirados pelo Pe. Aillaud e transportados para a cripta da igreja de São Vicente de Paulo. O coração do Pe. Fissiaux, retirado logo após sua morte e armazenado numa urna de chumbo, está encaixado num cofre de madeira preciosa na Casa Generalícia em Barcelona.

Se para Hobsbawm o século vinte inicia-se somente com a Grande Guerra, para as congregações religiosas da França já os primeiros anos são tempestuosos. O Parlamento francês em 1901 votou as Leis das Associações, segundo as quais no dizer de Roux (1998, p. 71): “as congregações religiosas, a quem se censurava de suas atividades políticas e suas riquezas (“os milhões das congregações”), seriam proibidas de atuar fora da esfera religiosa, e teriam seus bens confiscados pelo Estado, caso não tivessem uma autorização legal.” Apesar dos superiores terem sido aconselhados – por pessoas competentes que não confiavam no governo – para que providenciassem a dissolução imediata; decidiram por acreditar na benevolência do governo Francês a pedir a autorização. Tal atitude corroborou para a Supressão da Congregação de São Pedro ad vincula na França, cuja ordem foi recebida pelo superior Pe. Allaria na terça-feira santa, 8 de abril de 1903.

Dissolvida na França, a congregação desloca-se para a Itália, encontrando abrigo em Vintimília, cidadezinha próxima à fronteira. O superior que já se encontrava doente, com a dispersão, inicia-se em um processo terminal, sua morte ocorreu em 14 de junho de 1905. Apesar da enfermidade que deixa suas pernas chagadas e, ainda há as sufocações constantes, o superior teve tempo para convocar o Capítulo Geral para o ano de 1905, ocasião em que foi eleito o Revdo. Pe. Emílio Aillaud, de 37 anos como superior geral da congregação. Com isso passa-se a ter provisoriamente em Barcelona, cidade do novo superior, a casa- mãe.

Quando a guerra (1914) começa, vários irmãos e sacerdotes fissionianos partiram para as frentes de batalha. Deixaram vazios a serem preenchidos pela congregação. Assim, “para fazer face às necessidades, foi preciso fazer prodígios de atividade e dedicação.” (ROUX,

¹² Beaurecueil é uma comuna francesa na região administrativa da Provença-Alpes-Costa Azul, no departamento de Bouches-du-Rhône. Lá fica um castelo fundado em 1953 pelo Pe. Fissiaux. Colonia agrícola até 1880. Transformado em orfanato, depois em pensionato. Foi confiscado em 1903.

1998, p. 111). Porém, por maiores que fossem os esforços, estes não impediram que a casa de Vintimília fosse fechada em 1918. Contudo, nenhuma baixa fora observada, tendo somente o Ir. Calisto sido ferido. Tal fato foi atribuído à uma promessa feita pelo padre Aillaud a Nossa Senhora de Lourdes, a de que, se todos os “soldados” de sua congregação voltassem à salvo, enviaria toda sua comunidade em peregrinação à Lourdes.

Terminada a grande guerra, os fissionianos percebem a possibilidade de recrutar vocações na França. Um postulado foi aberto em Marselha, no ano de 1919. Em 1922, o superior geral Pe. Aillaud transferiu sua residência, novamente para a França.

A promulgação do novo Direito Canônico em 1917, tornava obrigatória uma revisão nas Constituições dos institutos a fim de alinhá-las às prescrições canônicas. Em 1919, o superior Ad’ Vincula conseguiu reunir os superiores das casas existentes para o Capítulo Geral. Dentre outras providências aprovou as modificações que acharam necessárias, submetendo as Constituições à Santa Sé, que por meio do Decreto de 17 de Junho de 1931, assinado pelo cardeal Lépicier, prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, assim se manifesta:

Nosso Santo Padre, o Papa Pio XI, em audiência concedida no dia 17 de junho de 1931, ao Secretário da Sagrada Congregação para os religiosos, considerando a abundância dos frutos de salvação produzidos pela piedosa Congregação dos Religiosos de São Pedro Ad Vincula, cuja Casa-Mãe está em Marselha, considerando as cartas de recomendação dos bispos de todas as dioceses onde residem os religiosos da dita Congregação, dignou-se aprovar e confirmar as Constituições deste Instituto, [...]. É nestas condições que, pelo presente decreto, aprovo e confirmo estas mesmas Constituições, salvo a jurisdição dos Ordinários, seguindo as prescrições do Direito Canônico. (Roux, 1998. p. 118-119)

Dentre as modificações imputadas pelas Constituições aprovadas, encontravam-se as referentes ao intervalo de tempo em que deveriam ocorrer os capítulos gerais que passariam a acontecer de seis em seis anos; o superior geral passou a ser eleito por 6 anos e reeleito por tempo igual, no máximo; o cargo de superior local passou a três anos podendo, contudo, ser renovado; todos os membros da congregação passaram a usar o mesmo hábito.

De acordo com as constituições aprovadas em 1931, o Revdo. Pe. Aillaud não poderia ser reeleito. Então os membros do Capítulo deste mesmo ano, escolheram o Pe. Chaillan para novo superior geral. Antes de deixar o cargo, seu predecessor consagrou a instituição religiosa à Nossa Senhora. Essa consagração é renovada todos os primeiros sábados do mês: “reconhecendo-a como nossa Superiora e nossa Rainha, rogando que nos protegesse a nós e a todas nossas obras, pois confessamos ter grande necessidade desta proteção”. (ROUX, 1998. p. 119)

O autor de “Fissionianos: a serviço das crianças”, ao narrar os acontecimentos da guerra civil espanhola (1936- 1938), lembra que em Barcelona,

À noite, espessas nuvens de fumaça escureciam o céu: eram as igrejas de Barcelona que queimavam. “Corriam sinistros rumores de que tinham sido massacrados e martirizados os padres religiosos e até as religiosas.” Ele, em tom de desabafo e admoestação clerical: “Cada vez que há uma desordem, o alvo são as igrejas, os conventos. A Religião e o Clero são considerados responsáveis por todos os males sofridos pelo pobre povo.

A página 139 do relato histórico sobre a Congregação, foi reservada aos mártires que deram a vida pela fé, durante a guerra civil espanhola.



Figura 3: Mártires fissionianos da guerra civil espanhola.
Fonte: Roux, Ernesto (1998, p. 139).

Enquanto os religiosos na Espanha sofriam toda sorte de humilhações, privações, torturas e perdas irreparáveis de irmãos da Congregação e da Igreja, ainda assim, os capitulares se reuniram em Notre-Dame, em 1937, obedecendo às Constituições da

Congregação, cuja determinação era a de se reunirem a cada seis anos. O relator informa que aquele capítulo: “Teve duas sessões durante as quais se tratou de diversas questões concernentes à prosperidade da Congregação e mais especialmente os meios de prover as necessidades criadas pela Revolução em nossas casas da Espanha.” (ROUX, 1998, p. 148). Também o Revdo. Pe. Chaillan foi reeleito para superior geral.

Terminada a guerra civil espanhola, em 1938, as casas (da congregação), ressurgem naquele país, sendo tal fato atribuído pelo autor do relato, a “uma proteção do céu [...] Muito melhor do que fizeram sobre a terra, nossos irmãos queridos continuam sua missão no alto do Paraíso; eles não morreram em vão e, se a colheita se apresenta tão promissora, é que foi generosamente regada com seu sangue.” (ROUX, 1998, p. 156).

Se as casas da Espanha prosperavam, o mesmo não acontecia na França. Tanto é verdade que, com a convocação dos sacerdotes jovens para servir na guerra de 1939, a desorganização das casas foi inevitável. Houve a supressão do postulado e do noviciado na França. As casas de Saint-Tronc e de Notre-Dame foram ocupadas por soldados alemães. Só aconteceu a reintegração quando os aliados desembarcam em Provence e os alemães evacuam o território. Com o findar da Segunda guerra mundial, os fissionianos puderam retornar aos seus lares, retomar o trabalho com os jovens, reconstruir e reformar suas casas da melhor forma que conseguissem.

A guerra impediu que o Capítulo de 1942 se realizasse. E, também a “situação bélica”, levou os responsáveis a pedir à Santa Sé uma dilação que foi concedida. Assim, o Capítulo se (re)inicia em 7 de setembro de 1948. Reabilitada, a casa de Notre-Dame sedia o Capítulo geral de 1948 que reelege o Revmo. Pe. Chaillan para Superior Geral, sob autorização de Roma, pois lembremos que, pelas constituições fissionianas o superior só poderia ser eleito, por no máximo doze anos, e o Pe. Chaillan já havia sido eleito por dois mandatos de seis anos.¹³

Pe. Ernesto Roux, termina sua contribuição à história da congregação de São Pedro ad’Vincula com uma declaração de amor, a qual transcrevemos na íntegra. Ele, parodiando os conselhos de São Francisco de Sales às religiosas da visitação, diz:

Os filhos do Pe. Fissioux falaram sempre muito humildemente de sua pequena congregação e a preferiram a todas as outras quanto à honra e à estima; contudo eles a preferirão também à qualquer outra quanto ao amor, testemunhando, se a ocasião se apresentar, quão agradavelmente vivem neste estado. Assim como cada um prefere seu país em amor, não em estima; assim cada piloto prefere o barco em que navega a qualquer outro por mais rico que seja. “Confessemos francamente que as outras congregações são melhores e mais excelentes, mas não mais queridas nem mais desejadas por nós.” (ROUX, 1998, p. 169-170)

¹³ (1931 a 1937 e 1937 a 1943), com a segunda guerra, pediram a delação do tempo para o Capítulo de 1943 e, consequentemente, o novo superior não pode ser escolhido.

Roux (1998, p. 11), informa que a congregação de São Pedro ad'víncula, entra no século XX, ainda, com um contingente bastante reduzido de religiosos. Contudo, a preocupação parece não recair apenas sob o número de elementos, pois o Superior Geral, na fala a seguir, demonstra zelar pela fidelidade dos membros com o carisma e a missão:

(...) Se – o que Deus não permita – nossa congregação devesse desaparecer por falta de elementos, mas depois de ter cumprido todo o seu dever e ter sido fiel à bela missão marcada por seu fundador, não seria para ele nenhuma desonra. Seríamos como o soldado que, depois de ter corajosamente lutado até o fim, cai no campo de batalha; como o trabalhador que, tendo conscientemente cumprido sua obrigação, se sente extenuado e se vê obrigado a renunciar a sua tarefa. Nosso túmulo, como o de Cristo, será um túmulo glorioso. Mas se viermos a desaparecer por termos sido infiéis à nossa missão e aos nossos compromissos, por termos deixado introduzir-se a desordem, a tibieza, o relaxamento entre nós, que desonra e que responsabilidade diante do tribunal de Deus. (Pe. Aillaud, abril de 1920, citado por Roux 1998, p. 11)

A advertência do Pe. Aillaud, superior dos Religiosos da Congregação de São Pedro Ad'Vincula (1905 a 1931), recai sobre a importância da fidelidade, do compromisso, da vigilância em relação a permissividade com a desordem, a tibieza e relaxamento. Seu discurso ilustra a preocupação ad vincula em orientar a conduta do religioso, para mantê-lo fiel e concatenado aos princípios fissionianos, a fim plasmar em seu comportamento uma identidade ad'vincula.

A prática adotada pelo superior da congregação, certamente surtirá efeito, pois de acordo com Marin (2001, p. 339): “O processo de socialização fornece elementos, percepções e imagens que, no âmbito da experiência, modelam os comportamentos e são incorporados e transmitidos pelas representações coletivas.”

Assim, a idéia de que, o religioso que não apresentasse um comportamento condizente com a moralidade da congregação seria desonrado e desonraria sua congregação diante do trono de Deus, evoca fidelidade, compromisso... Enfim, procura criar no membro fiel o dever de ser digno de sua congregação e obrigado a honrá-la.

O sentimento de pertença honra, e fidelidade à congregação fazia os padres superiores das casas ad'vincula, viajarem dias para participar das reuniões capitulares. O capítulo era uma oportunidade de planejar e decidir o futuro da congregação e de seus membros e avaliar as ações empreendidas pela congregação.

Com esse espírito é que nos deparamos em 1960, com o padre Vicêncio Illera, sacerdote religioso ad'vincula. Naquele momento, ainda superior da casa de Benavidez Argentina, estava a caminho da casa generalícia, para participar do capítulo de 1960. O ano de 1960 era para a os religiosos da Congregação de São Pedro ad'Vincula, ano

capitular. A bordo do ‘Cabo São Vicente’, rumo à Espanha, encontrou outro padre espanhol que residia no Brasil.

Mariano Bustillo, outro sacerdote historiador fissioniano que descreveu aquele encontro:

[...] dois sacerdotes, que se encontravam em viagem, falam animadamente. Sobre uma das mesas do salão de estar, estenderam um amplo mapa do Estado brasileiro de Goiás. [...]. Há encontros que se tornam de grande transcendência. Este pode ser considerado um deles. (BUSTILLO, 2001, p. 57)

Os dois sacerdotes eram Vicencio Illera e seu interlocutor, o padre Euzébio Lecué, secretário de dom Francisco Prada Carrera, bispo da recém-criada diocese de Uruaçu; Pe. Vicêncio Illera, superior local da Congregação de São Pedro Ad Vincula na Argentina, viajava por ter sido convocado para o Capítulo Geral da congregação na Espanha.

De acordo com Bustillo (2001, p. 57): os dois conversaram animadamente sobre a possibilidade de o Superior da Congregação enviar missionários para o Brasil a fim de realizarem missão sacerdotal na Diocese de Uruaçu a qual pertencia o padre Euzébio Lecué.

Aquela viagem tornou-se inesquecível para o padre Vicêncio Illera. Mariano Bustillo (2001) chega a comentar que ele já levava ao Capítulo, certo ar triunfador, certamente já “intuía” o que iria acontecer, pois ao chegar a Barcelona, durante o capítulo geral de 1960 fora eleito superior geral da congregação.

Pela conversa que teve com o padre Lecué, Illera ainda vislumbrava a possibilidade de expandir os domínios de sua pequena Congregação para terras brasileiras. Tanto é verdade que após tomar posse, o novo superior, imediatamente, escreve ao Pe. Lecué em Uruaçu, dizendo que pretendia iniciar com o bispo as negociações para que missionários fissionianos fossem mandados ao Brasil. Disse ele: “Já antes que estas coisas dependessem de mim, tinha pensado numa fundação no Brasil.” (BUSTILLO, 2001, p. 58, citando um fragmento da carta do Pe. Illera).

Esse mesmo autor afirma que, ao receber a correspondência do Superior da Congregação de Barcelona, o Bispo da diocese de Uruaçu, dom Francisco Prada, responde com uma oferta de paróquias. Deixa claro estar disposto a facilitar muito a ação missionária da Congregação no Brasil. O teor de facilidades colocadas pelo Bispo fica explícito no fragmento a seguir:

Creio que é a resposta que Deus me deu a meus insistentes pedidos para que me consiga uma comunidade religiosa. A zona onde estamos é o coração do Brasil

(...) Temos uma grande área para ser atendida pastoralmente (...) temos muitos lugares novos que surgiram depois que foi aberta a grande artéria que cruza o Brasil do extremo norte ao extremo sul (...). Ofereço-lhes uma ou duas paróquias (...). Encontrarão casa e igreja nova à sua disposição (...). Terão que tomar conta de uns tantos povoados (...). Se quiserem escolas, poderão assumi-las (...). Também ofereço-lhes paróquia e internato em Uruaçu. Esta fundação servi-lhe-as para introduzir-se com a finalidade específica em outras cidades... (BUSTILLO, 2001, p. 58)

Esse autor assegura que nos primeiros meses de 1961, a correspondência de Uruaçu com o superior da congregação em Barcelona foi intensa. Em meio às negociações, o pe. Vicêncio Illera apressa-se por sua vez, em levar o assunto ao conselho geral. E, após exame dos conselheiros, decide por enviar dois missionários ao Brasil. Os escolhidos foram: Pe. Lorenzo Martinez Arias e Pe. Pedro Martinez Carrizo. Ambos ordenados em 13 de julho de 1958.



Figura 4: Foto ordenação.¹⁴
Fonte: Bustillo (2001, p. 35).

1.1 Dirigindo-se ao coração do Brasil

Goiás é considerado o coração geográfico do Brasil por se localizar na região central do país e a diocese de Uruaçu encontra-se no centro do Estado de Goiás.

¹⁴ Da esquerda para a direita, o Pe. Lorenzo Martínez Arias é o terceiro e o Pe. Pedro Martinez o sexto.

O início da missão ad vincula no Brasil, pelo que escreveu Bustillo, fica claro que naquele momento da história, ser missionário nos confins do mundo tinha um significado especial para os sacerdotes. Bustillo (200, p. 58) faz a seguinte afirmação: “A *palavra missionário tinha entre nós neste tempo um sabor especial. Certamente porque tínhamos visto nos filmes destes anos e nas propagandas do DUMOND*¹⁵, sempre apresentados como a vanguarda da fé, os heróicos, os mártires”. E não oculta que “A casa de Barcelona tinha muitos religiosos, enquanto o número de alunos internos diminuía de modo alarmante. Tudo convidava a abrir novos modos de conduta para aquelas forças.”

Com esse espírito é que se iniciam os preparativos para a partida dos jovens sacerdotes. A despedida dos missionários Lourenzo Martinez Arias e Pedro Martinez Carrizo¹⁶ celebrou-se com uma festa, bênção e entrega de crucifixo, em cerimônia solene no dia 23 de maio de 1961. Pe. Bustillo (2001, p. 59) comenta que aquele ato, “era como a investidura dos cavaleiros do evangelho.”

A partida dos jovens missionários se dá no dia seguinte à cerimônia de investidura e é assim descrita pelo religioso Pe. Bustillo (2001, p. 59):

(...) quase toda a comunidade acorreu ao Porto de Barcelona para despedir-se deles. O ‘Provence’ se afastava majestosamente, enquanto as mãos e lenços de despedida se agitavam. A emoção embaçava os olhos de uns e de outros e, sobre as mentes de muitos, flutuava uma sensação de aventura e risco.

O padre Mariano Bustillo continua a narrar à viagem dos padres missionários, mas preferimos utilizar as anotações do Pe. Lourenzo, feitas em uma folha de papel almaço e hoje anexadas ao volume “escritos do padre Lourenzo”. Ele deixa registrado [ainda que com certo atraso, pois por varias vezes no manuscrito aparece rasurado o ano 81, ano provável do manuscrito] que saiu da Espanha dia 24 de maio de 1961 às 11:15 da manhã. Chegou à terra brasileira, primeiro ao porto de Recife, no dia 02 de junho às 10h e às 15 horas pisou, pela primeira vez, em terra brasileira.

De Recife o ‘Provence’ partiu para o Rio de Janeiro, cuja chegada ocorreu dia 05 de junho de 1961.

(...) ficamos hospedados em uma casa dos padres Claretianos, no bairro de Santa Tereza, aqui ficamos até o dia 08-06-61, dia em que viajamos para Belo Horizonte, na parte da manhã de ônibus, para assim conhecer melhor a terra por onde passamos. Durante nossa estada no Rio de Janeiro visitamos os lugares típicos, que são maravilhas da natureza moldadas pela inteligência do homem. Chegamos a Belo Horizonte no mesmo dia, onde ficamos hospedados em outra

¹⁵ Grifo do autor.

¹⁶ Apesar do sobrenome Martinez, não eram parentes.

residência dos referidos padres. Aqui ficamos até o dia 10-06-1961. As oito da manhã saímos para Brasília, onde chegamos as 9:30 da noite do mesmo dia, onde também ficamos em outra residência claretiana em Taguatinga até o dia 12-06-1961, quando viajamos para Anápolis. Os dias que permanecemos em Brasília, visitamos a maravilhosa cidade da esperança, a capital mais moderna do mundo. Maravilhosa mesmo. Em Anápolis nos esperava o vigário geral do bispo Dom Francisco Prada Carrera, Padre José da Silva Chaves, que agora é o Bispo titular de Uruaçu. Saímos de Anápolis no dia 13-06-61, permanecemos em Uruaçu onde fomos para Mara Rosa para tomar posse como vigário.¹⁷ (Escritos do padre Lorenzo, anotações)

O objetivo do relato redigido pelo padre Lorenzo seria segundo o próprio sacerdote, alimentar a revista “vinculando”, que noticiava os feitos da Congregação de São Pedro ad’vincula, na Europa e na América latina.

O trajeto entre Belo Horizonte e Brasília foi percorrido de ônibus, a certa altura da viagem, os padres espanhóis percebem que a vegetação ficara agora mais escassa. As impressões registradas pelo padre Lourenzo, em relação ao planalto central, certamente são baseadas nas imagens que trazia dentro de si: “*estamos entrando na meseta brasileira, inculta e desabitada*”.

Contudo, não são eles os primeiros viajantes europeus a adjetivarem as terras goianas de atrasadas e incultas. Também outros ainda no período pós-mineração, como Silva e Souza (1812), Cunha Mattos (1823), Pohl (1810), Saint-Hilaire (1816), D’Alincourt (1818), Burchell (1827), Gardner (1836), e Castelnau (1843) já viram “a imagem do progresso invertida na janela do tempo.” (CHAUL, 2002, p. 41).

As cartas enviadas pelo padre Lourenzo ao Pe. Vicêncio Illera, superior da congregação (1960-1966), nas quais ele narra as práticas missionárias e os primeiros acontecimentos na nova terra, foram usadas pelo Padre Mariano Bustillo para compor “Religiosos de São Pedro Ad’Vincula: uma presença que liberta.” Mas, essas cartas não fazem parte do volume do qual já falamos anteriormente, denominado “escritos do padre Lorenzo”. Contudo, temos as cartas – respostas enviadas pelo superior da congregação aos missionários, além do livro do padre Bustillo.

Conforme Mariano Bustillo (2001, p.), em Uruaçu: “esperava-lhes os braços paternalmente abertos de um bispo [Dom Prada] que, já de entrada, mostrou-se acolhedor, simples, evangélico.” O bispo já havia adiantado que: ““Os padres ficarão aqui em nossa casa até ‘chapurrar’ o português, depois escolherão lugar.””

¹⁷ Estas anotações devem ter sido feitas em 1981, pois por varias vezes ele troca 61 por 81, além de dizer “dom José agora é o bispo”. Também escreve em espanhol aportunegado.

O período de “aprendizagem acelerada”, consistiu numa etapa que o pe. Bustillo denominou etapa de ambientação e aprendizagem, a qual reconhece “não podia ser longa”, uma vez que para atender toda a diocese, o bispo só poderia contar com seis padres.

O padre Bustillo lembra que,

Passados apenas quatro dias, [após a chegada ao Brasil], o Pe. Lorenzo viu-se impelido a administrar o batismo em português na paróquia da Catedral. Dez dias mais tarde, é enviado para substituir os titulares de Itapaci [...]. As necessidades mandam e se impõem à toda lógica. (BUSTILLO, 2001)

A demanda por sacerdotes era muito grande na diocese. Naquele tempo, e ainda hoje, há escassez de ministros ordenados, o que impõe a estes, jornadas estafantes de trabalho sacerdotal.

Quando os dois ad’vincula pisam a terra brasileira, sua aprendizagem em relação à missão deveria ser acelerada: da língua, dos costumes e das obrigações sacerdotais. De acordo com o bispo emérito de Uruaçu, Dom José da Silva Chaves, que à época era vigário em Uruaçu: “os sacerdotes Ad’Vincula eram formados para educar. Padre Lourenzo, só havia batizado um sobrinho; bispo, ele disse só ter visto um no dia de sua ordenação.” (Entrevista, Dom José da Silva Chaves, 20 de janeiro de 2010).

Como vigário da catedral de Uruaçu, ao então padre Jose da Silva Chaves, coube a missão de dar formação aos padres estrangeiros. Dom José, nos contou que como os padres não tinham experiência em ouvir confissão, demorava demais para atendê-las. “Mas eram padres que tinham muito boa vontade.” Afirma D. José, e continua: “Também não sabiam dirigir automóvel”. Dom José comentou também, que a adaptação dos padres ad’vincula, no início da missão foi muito difícil. (D. José, entrevista 20 de janeiro de 2010).

Todas as dificuldades enfrentadas pelos padres espanhóis pareciam aumentar seu fervor, e ânimo. Nos primeiros tempos, sua condução mais freqüente era mesmo o cavalo. Padre Lourenzo, não reclamou da vida rústica. Apenas comentou que não havia meio de aprender a subir na montaria pelo lado “certo”. (BUSTILLO, 2001)

1.2 A Diocese de Uruaçu

A diocese que acolheu a Congregação de São Pedro Ad Vincula, no coração do Brasil, surgiu quando a Prelazia de Alto Tocantins, foi extinta para dar lugar a uma nova diocese, a Diocese de Uruaçu, a qual adotou o seguinte brasão¹⁸.



Figura 5: Brasão da Diocese de Uruaçu.

Fonte: Caminhar juntos: o porta voz da Diocese de Uruaçu. Ano XX - Edição 208 - Abril 2008.

De acordo com o texto de Fernandes Sobrinho, memorialista de Uruaçu, baseado em entrevista com Dom Francisco Prada Carrera, a fundação da Prelazia de Alto Tocantins foi resultado das deliberações da 5ª. Conferência Eclesiástica dos Bispos reunidos em Nova Friburgo. No documento redigido na conferência “está escrito: O aumento das dioceses, em proporção com a vastidão do país, com a população e distância dos centros, é objeto dos nossos mais ardentes desejos.” (FERNANDES SOBRINHO, 1997, p. 147)

¹⁸ DESCRIÇÃO: *De blau* com um coração de goles cercado por uma coroa de rosas de argente com um resplendor de jalde, tendo em ponta um mar de argente ondado de blau; chefe de jalde com uma águia e *sable*. O escudo pousado sobre uma cruz e um báculo decussados, tendo por timbre, uma mitra.

INTERPRETAÇÃO: O campo *de blau* (azul) representa o manto da Virgem Santíssima, no centro do qual está o Imaculado Coração de Maria, sob cuja proteção está posta a diocese e, sendo de *goles* (vermelho) simboliza o fogo da caridade inflamada nos corações pelo Divino Espírito Santo, bem como, valor e socorro aos necessitados. A coroa de rosas representa as alegrias de Nossa Senhora, sendo que por seu metal argente (prata) simboliza a inocência, a castidade e a pureza. O resplendor é a luz irradiada do Coração Imaculado de Maria para todo o território da diocese e, sendo de *jalde* (ouro) traduz: nobreza, autoridade, premência, generosidade, ardor e descortínio. O mar de prata representa a represa da Serra da Mesa, que banha parte importante da diocese e seu metal (prata) e sua cor (azul) têm o significado já descrito acima. O chefe de jalde representa as ricas terras do Estado de Goiás, sendo que seu metal *jalde* (ouro) tem o significado já descrito e a águia é arma falante, em referência ao nome da diocese e da cidade episcopal, que em língua tupi significa "Ave Grande", sendo que seu esmalte *sable* (preto) simboliza: sabedoria, ciência, honestidade, firmeza e obediência ao Sucessor de Pedro. A Cruz é símbolo da fé cristã e o báculo, bem como a mitra que serve de timbre, são símbolos da autoridade episcopal. (Caminhar juntos: o porta voz da Diocese de Uruaçu. Ano XX - Edição 208 - Abril 2008.)

Conforme informações prestadas por Dom Prada a Fernandes Sobrinho, Dom Prudêncio Gomes da Silva,

(...) assim que chegou à sede, na cidade de Goiás, [vindo da Conferência de Nova Friburgo], redigiu uma petição a ser apresentada à Sagrada Congregação. Suas preferências recaíram sobre a parte norte e centro do Estado. A primeira teria como sede a cidade de Porto Nacional; a segunda, a de Santa Luzia (Luziânia).

Após a morte de Dom Prudêncio, ocorrida em 1921, conforme o relato de Dom Prada, citado por Fernandes Sobrinho (1997, p. 148) “(...) o projeto inicial sofreu uma mudança muito grande, pois o projeto da Prelazia foi transferido da cidade de Luziânia para a cidade de Niquelândia como sede. (...) Foi um erro que todos os prelados trataram de corrigir depois, e que só se efetivou com a extinção da prelazia.” Seguidamente Fernandes sobrinho conta que Dom Prada lhe relatou que “quando Dom Francisco Ozanir Corta tomou posse da prelazia de Niquelândia, estava tudo por fazer (...)” (FERNANDES SOBRINHO, 1997, p. 148)

O bispo titular da Província Eclesiástica de Goiás¹⁹, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, convocou uma reunião das Dioceses e Prelazias que constituíam sua jurisdição eclesiástica para estudar a situação dessas circunscrições, fazer uma revisão da divisão eclesiástica do Estado. O intuito seria tornar a Igreja mais presente no interior do Estado. O objetivo do movimento era apresentar à Sé Romana um projeto, sugerindo a supressão de algumas Dioceses e a criação de outras. Mas, a morte impediu que D. Emanuel realizasse aquele projeto. Coube, ao bispo auxiliar de Goiás, Dom Abel Ribeiro Camelo, presidir o encontro organizado pelo Bispo anterior.

De acordo com Ezeilson Fernandes de Sá, memorialista, autor do livro: “*Uruaçu e a sua história: 1909 a 2005*”, “o município de Uruaçu foi fundado sob os princípios da igreja católica apostólica romana, da qual, seus fundadores eram fiéis seguidores”.

Assim, os acontecimentos que antecederam a criação da diocese de Uruaçu podem ter sido manipulados pelo católico coronel José Fernandes de Carvalho. Este cultivava uma amizade pessoal com o bispo titular da prelazia da cidade de Niquelândia, Dom Francisco Prada Carrera. O destemido coronel, no intuito de conseguir a transferência da sede da prelazia para Uruaçu, aproveitando-se da amizade com o bispo passa também a lhe oferecer melhores condições de trabalho, na cidade de Uruaçu.

Se Dom Francisco Prada não tenha entendido a jogada política do coronel José Fernandes não sabemos; o fato é que a partir do ano 52/53, o titular da prelazia de

¹⁹ Diocese de Porto Nacional, prelazias de Jataí, Alto Tocantins (Niquelândia), Ilha do Bananal e Tocantinópolis.

Niquelândia passa a residir em Uruaçu, criando assim, um impasse para a igreja católica, e beneficiando politicamente as elites políticas de Uruaçu.

Contudo, ainda que o titular diocesano preferisse residir em Uruaçu, a sede da prelazia permaneceu em Niquelândia. Como a situação de Dom Prada se tornara incômoda, e ele ciente das aspirações dos bispos goianos, elabora também um documento ao vaticano, solicitando a autorização do papa para a transferência da sede da prelazia para Uruaçu.

De acordo com Sá (2005), no referido documento, Dom Prada procurou disfarçar o seu interesse pessoal. Preferiu lançar mão da situação geográfica das duas cidades, e da importância da conquista das elites políticas uruaçuenses, para a igreja católica.

Este memorialista ao relatar o empenho do bispo para transferir a sede da prelazia de Niquelândia afirma:

(...) os Fernandes de Carvalho eram os maiores interessados, até porque seria o golpe mortal à família Tavera, para qual perderam a política no ano de 1909. O cel. José Fernandes de Carvalho tomou a bandeira para conseguir o dinheiro suficiente para bancar a viagem de dom Prada à Roma, a fim de tratar pessoalmente do caso. Conseguiu parte do dinheiro e o restante foi bancado pelo próprio coronel. Dom Prada seguiu em direção à Roma. Ao chegar expôs o objetivo, e recebeu além da autorização, a transformação da prelazia em diocese. (SÁ, 2005, p. 26)

O bispo de Roma atende à solicitação do clero goiano consentindo que se organizassem as dioceses do Estado da seguinte forma: Arquidiocese de Goiânia – sede da Província; Dioceses: Goiás, Porto Nacional, Jataí e Uruaçu; Prelazias de Tocantinópolis, Cristalândia e Formosa.

Dessa forma, a Prelazia de São José do Alto Tocantins, foi extinta e, em seu lugar, surgiu a Diocese de Uruaçu, criada em 26 de março de 1956, com a Bula papal “*Cum Territorium*”.

Fernandes Sobrinho (1997, p. 148) afirma que D. Prada, ao término da entrevista concedida a ele, teria esboçado esse desabafo: “O tempo se incumbirá de apagar a sua existência [prelazia de Alto Tocantins] da memória dos homens.”

Com a criação da Diocese de Uruaçu, o bispo espanhol Dom Francisco Prada Carrera, é nomeado primeiro bispo da Diocese. Sua posse é oficializada em 30 de maio de 1957, com uma grandiosa festa, onde compareceram autoridades civis, militares e religiosas.

No livro tombo da Paróquia de Santo Antonio, em Mara Rosa, há uma anotação dos dados biográficos de Dom Francisco Prada, feita pelo padre Lourenzo. Segundo ele, Dom Prada nasceu em León Espanha, foi ordenado sacerdote em 1917 (02/06), e veio para o Brasil em 1918. Aqui foi nomeado bispo em 03 de setembro de 1946. Sua sagração episcopal ocorreu em 20 de outubro de 1946.

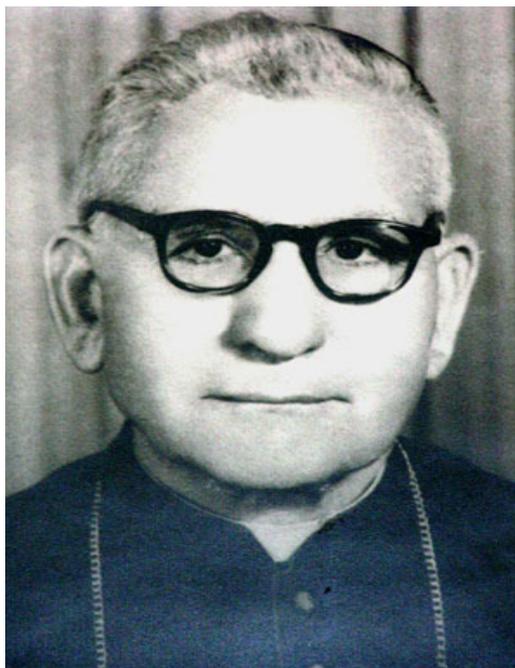


Figura 6: Fotografia de Dom Francisco Prada Carrera.
 Fonte: <http://www.diocesedeuruacu.com.br/portal/dompradahistoria.php>.

O *site* da diocese de Uruaçu²⁰ assinala como principais obras de Dom Francisco Prada Carrera: “construção da igreja Catedral e do Palácio episcopal, aquisição de chácara e pequena fazenda em vista da construção do novo Seminário.”

Dom Prada, num gesto de reconhecimento e sabedoria, indica o padre José da Silva Chaves para ser sagrado bispo diocesano. O padre indicado é nomeado bispo auxiliar da diocese de Uruaçu, pelo papa Paulo VI, para auxiliar Dom Francisco Prada.

Monsenhor José da Silva Chaves foi ordenado bispo em 11 de fevereiro de 1968, na catedral metropolitana de Goiânia, tendo como sagrante o arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos. Uma grande caravana se formou na diocese para ir à Goiânia, a fim de assistir a ordenação episcopal. A madre São Paulo regeu um coral de mais de 30 vozes, composto por estudantes do Colégio Nossa Senhora Aparecida.

Após a cerimônia de ordenação, Dom José permaneceu uma semana em companhia de familiares em Goiânia. Esse tempo foi suficiente para que seu rebanho lhe preparasse uma grande festa de recepção, numa demonstração pública de afeto e adesão.

Toda essa movimentação de fiéis significa apóio ao novo pastor Dom José da Silva Chaves, um dos mais jovens do episcopado brasileiro, sagrado bispo com apenas 37 anos de idade. O quinto bispo goiano²¹, segundo bispo a governar a diocese de Uruaçu.

²⁰ (<http://www.diocesedeuruacu.com.br/portal/governodiocesano.php>).

²¹ Nasceu aos 15 de maio de 1931, em São Domingos, Goiás.



Figura 7: Foto de Dom José da Silva Chaves.

Fonte: <http://www.diocesedeuruacu.com.br/portal/domjosehistoria.php>.

Oito anos depois, em 22 de Agosto de 1976, com a aposentadoria de D. Francisco Prada, Dom José da Silva Chaves foi eleito para o cargo de bispo titular da diocese de Uruaçu, cargo que ocupou até 25 de março de 2007, quando se aposentou. Atualmente, é bispo emérito da Diocese de Uruaçu e reside em Goiânia.

No dia 07 de junho de 1995, a igreja católica, a diocese e os amigos choram o falecimento de Dom Francisco Prada Carrera, com 102 anos de idade. Seu corpo está sepultado na Catedral Imaculado Coração de Maria, na cidade de Uruaçu.

1.3 A eleição da Paróquia de Amaro Leite

Pela carta do Padre Illera de 12 de Julho de 1961, soubemos que o superior recebera a primeira carta a partir de terras brasileiras dia 16 de junho de 1961, que chega à Espanha dia 11 de julho do mesmo ano. Pela resposta do superior:

Ya les dije que eran ustedes que tenían que resolver la elección, mi opinión es esta: Les conviene mejor fuera de la sede episcopal, ya sea Amaro-Leyte, ya el outro pueblo (que no sé el nombre) que decís tiene grupo escolar. Ahí en Uruaçu seríais molestados que si esto que si lo otro, desde lo luego la Catedral no me gust. (Vicêncio Illera, carta 12 de julio de 1961)²²

Podemos perceber que ele, de certa forma deixa os missionários livres para decidir sobre onde iriam instalar-se, porém, como podemos ver no parágrafo seguinte, exige:

(...) Parroquia con escuela es lo que quiero, las parroquias no las dan en propiedad sino lo que se llama "Ad nutum sanctae Sedis" que solo el Papa puede quitarlas, pero los terrenos para la escuela o colegio podéis ponerlos a nombre de la Congregación. Si toman esos pueblos ya saben que cuentan con la ayuda de un Hno. Para chofer, hay vários voluntários. (Vicêncio Illera, carta 12 de julio de 1961)²³

Não acreditamos que o único interesse do superior fosse de fato, bens materiais, mas estes seriam muito bem vindos, pois significariam poder contar com mais recursos para fazer a congregação crescer e prosperar também em contingente humano. Veja como o superior em carta de 6 de setembro de 1961, está ansioso para que os missionários elejam logo sua paróquia no Brasil.

*(...) Nada nuevo añade esta carta última a las anteriores. Solo los nombres de los pueblos a los que la Divina Providencia os ha mandado, no defraudéis a esas sencillas gentes que esperan de vosotros algo para unirlos con Dios. Del asunto Del grupo escolar, es mejor que sea propio de la parroquia que no del gobierno, (...). No se enreden con ese colegio de las monjas, déjenlas solas, miren a los pueblos no por lo que son sino por lo que prometen, y en uno de buenas perspectivas, pidan terrenos para el futuro colegio. (...) Ya casi les dije en la anterior que se decidieran por Amaro - Leyte. Dígame en confianza que opinión de ustedes ha tomado el Sr Obispo.*²⁴

Nessa última parte da missiva o superior pede que lhes digam em confiança. A estratégia da confiança seria para resguardar sigilo aos assuntos mais importantes, pois, as cartas enviadas pelos missionários eram lidas a todos após o jantar da comunidade religiosa.

²² Já vos disse que erais vós que tinhai que resolver a eleição, esta é a minha opinião: É conveniente para vós que fosse da sede episcopal, seja *Amaro-Leyte* ou o outro povoado (que não sei o nome) que vós dizeis que tem grupo escolar. Aí em Uruaçu, seríais incomodado por isso ou por aquilo, está claro que eu não gosto da Catedral. (Vicêncio Illera, carta de 12 de julho de 1961).

²³ Com escola é o que eu quero, as paróquias não são entregues como propriedade, as como o que se chama "Ad nutum sanctae Sedis" que só o Papa pode requerê-las, mas os terrenos para escola ou colégio podem ser colocados no nome da congregação. Se assumís esses povoados já sabéis que contáis com a ajuda de um irmão. Para motorista, há vários voluntários. (Vicêncio Illera, carta 12 de julho de 1961)

²⁴ (...) Esta última carta não acrescenta nada às anteriores. Só os nomes dos povoados aos que a Divina Providência vos enviou, não defraudéis a essas pessoas simples que esperam de vós algo para uní-las com Deus. Sobre o assunto do grupo escolar, é melhor que seja próprio da paróquia e não do governo, (...). Não se compliquem com esse colégio das freiras, deixem-nas sozinhas, olhem para os povos não pelo que são senão pelo que prometem e em um de boas perspectivas, peçam terrenos para o futuro colégio. (...) Eu quase já lhes disse na anterior que se decidissem por *Amaro-Leyte*. Digam-me em confiança qual é a opinião que o Sr. Bispo tem de vocês.

Três anos depois, Vivencio Illera adota uma estratégia para que se possam comunicar, confidencialmente. Esta estratégia sugerida pelo superior está contida na Carta 21, escrita provavelmente em 1964 ou 1965:

como consejo os pido que cuando escribáis hagáis como dos cartas, una de vuestros ministerios y noticias generales, que se pueda leer en publico e dar a cualquiera. Y si hay algo confidencial que decirme se pone en otra hojita que yo puedo guardar y callar si hace falta. (ILLERA, Escritos do Padre Lorenzo)²⁵

Certamente o superior conhecia muito bem a metodologia aplicada pelos jesuítas que eram orientados por Inácio de Loyola a escreverem duas cartas: uma “carta principal” e as “hijuelas”.

Londoño (2002, p. 18), citando Loyola, (1963, p. 649) afirma que a carta principal deveria ser escrita de tal forma que ‘(...) se pudiese mostrar a cualquier persona; porque a muchos que nos son bien aficionados y desan ver nuestras cartas, no las osamos mostrar por no traer ni guardar orden alguna y halando de cosas impertinentes en ellas (Loyola, 1963, p. 649)’.

De acordo com Londoño o conteúdo da carta principal teria por objetivo “provocar edificação em ‘ oidores o lectores²⁶, [nela] se deveria colocar o que se fazia em sermões, confissões, exercícios, obras pias.”(LONDOÑO, 2002, p. 18)

Esse autor informa que as “hijuelas²⁷” não eram meros anexos. Eram textos onde o religioso deveria colocar “otras particularidades impertinentes para la carta principal” como doenças, novas [sic], negócios, podendo “dilatarse en palabras exhortando²⁸”. Desta forma “en las hijuelas puede cada uno escribir a priesa de la abundancia del corazón con certado o sin concirto; mas en la principal no se sufre, si no va con algun estudio distinto e edificativo para poderse mostrar e edificar²⁹” (Loyola, 1963, p.650).

Londoño acrescenta que caberia na hijuela “tudo o que pudesse não edificar, o emocional, o primário, o espontâneo ou sem elaboração e por isso não deveria ser mostrado ou dado a público”.

²⁵ *Eu vos aconselho que quando escreváveis, façais duas cartas, uma de vossos ministérios e notícias gerais, que possam ser lidas em público e dar a qualquer pessoa. E se há algo confidencial para me dizer, fazei-o em outra folhinha que eu possa guardar e me calar se for o caso. (ILLERA, Escritos do Padre Lorenzo)*

²⁶ Ouvidores ou leitores.

²⁷ Folhinhas.

²⁸ Ampliar-se em palavras de exortação.

²⁹ Nas folhinhas cada um pode escrever rapidamente da abundância do coração com acertos e erros; mas na principal, não se mostra sofrimento, senão que vai com algum estudo diferente e edificante para se poder mostrar e edificar.

Quanto à escolha da paróquia, Mariano Bustillo lembra que os padres Pedro e Lorenzo procuraram se informar das ofertas apresentadas pelo bispo, antes de tomar decisão, assim, visitaram várias comunidades a fim de escolher:

No dia 21, visitamos cinco povoados da Paróquia de Amaro Leite (...), são pobres, mas estão organizados agora e a gente é inculta por falta de sacerdotes e mestres. As capelas são ruins, como as que se vêem nas revistas de missões. (BUSTILLO, 2001)

Todas as outras possibilidades apresentadas por Dom Prada aos religiosos foram rechaçadas, em favor da Paróquia Santo Antonio de Amaro Leite, cuja sede já se encontrava provisoriamente instalada em Mara Rosa.

1.4 A chegada da congregação de São Pedro ad Vincula à Mara Rosa

A paróquia de Santo Antonio de Amaro Leite estava funcionando em Mara Rosa. Esta cidade surgiu quando um grupo de moradores e autoridades municipais, liderados pelo Sr. José Maurício de Moura e Antonio Caldeira, e incentivados pelo professor Júlio Cavalcanti, resolveram mudar a sede para um lugar plano, onde houvesse água e possibilidade de desenvolvimento. A lei estadual nº 3639, de 10-10-1961, determinou que o município de Amaro Leite passasse a ser denominado Mara Rosa. (IBGE, 2008).

No livro Tombo da Paróquia de Santo Antonio em Mara Rosa encontramos um documento não datado e não assinado. Provavelmente, escrito pelos padres que antecederam o padre Lourenzo. Está datilografado em papel timbrado contendo: o nome da paróquia: Paróquia Santo Antonio; cidade: Mara Rosa; Diocese de Uruaçu. O documento inicia assim: “FORMOSO: Origem: Lá pelo ano 1940, fizemos a visita pastoral num pequeno sítio (...)” Quando trata de Mara Rosa o documento diz:

Amaro Leite era o único lugarejo existente nestas vizinhanças. Já teve sua importância em tempos idos, inclusive residia nele permanentemente um pároco. Não raro os seus habitantes tiveram que repelir os ataques dos índios situados não longe do povoado. Com o aparecimento de outros povoados, tais como Descoberto e Santana, hoje Uruaçu, foi perdendo sua importância e decaindo aos poucos. Lá pelos anos 57 foi construída nova capela, substituindo a antiga que aos poucos foi caindo. O principal morador era a família do Sr. Benedito Coelho, que sempre hospedava os padres e zelava a capela. Devido a falta de água, lá pelo ano 1960, o Prefeito Sr. Caldeira, homem dinâmico e progressista, deliberou mudar a sede do Município para o lugar onde hoje está a cidade de Mara Rosa, que na ocasião não tinha uma casa sequer. Foi-lhe dado o nome de Mara Rosa por chamar-se assim

uma filha do então chefe político, [José] Maurício Moura. Ele mesmo, Sr. Caldeira, construiu a igreja e casa paroquial, naturalmente coadjuvado pelo povo, em terrenos que a prefeitura doara para esse fim. (Livro do tombo, Paróquia Santo Antonio Mara Rosa)

Embora este pequeno informe não mencione o nome do professor Júlio Cavalcanti, é conhecimento geral na cidade que o grande articulador da mudança foi o piauiense professor Júlio Cavalcanti. O nome do professor aparece em um manuscrito redigido por José dos Reis Pinto intitulado histórico do município de Mara Rosa, como um dos “baluartes ferrenhos da emancipação de Amaro Leite.” (Livro do tombo). Este documento foi arquivado pelo padre Lourenzo no livro tombo da paróquia em Mara Rosa. Os outros baluartes citados por José dos Reis Pinto foram o senhor José Amâncio e Edu Aguiar Maia.

Também Reinatto e Moreyra encontraram na fala do senhor Dalmir Aguiar o reconhecimento da importância do professor Júlio Cavalcanti.

Conta-nos Dalmir que, nos idos de 1953, o professor Júlio Cavalcante [sic] colhia assinaturas do povo do Amaro Leite para emancipar o município. Dalmir, então com dez anos e aluno de Júlio Cavalcante, também assinou. (...) aquele era o primeiro abaixo assinado. Segundo ele, foram dois no total, já que “alguém que não estava interessado na emancipação, pegou a papelada, rasgou e jogou fora.

O professor Julio Cavalcante que não era homem de desanimar facilmente tratou de colher novamente as assinaturas para compor o segundo abaixo assinado a favor da emancipação política de Amaro Leite, a qual ocorreu “pela Lei Estadual nº 760, de 26 de agosto de 1953. (...) [o município foi] instalado em 1º. de janeiro de 1954.

Para conhecermos um pouco da história do povoado de Amaro Leite, precisamos voltar ao século XVIII quando o bandeirante Amaro Leite Moreira em 1739³⁰ encontrou ouro no sertão goiano onde ficou conhecido como “O sertão do Amaro Leite”. Nesse grande sertão fundou o Arraial do Amaro Leite que de acordo com a *chorografia* de Cunha Mattos, também recebeu o nome de Santo Antonio dos Morrinhos ou Lavrinhas.

A Revista informação goiana noticiou que de acordo com as crônicas coloniais, “(...) pepita famosa foi achada nos sertões de Amaro Leite, pesando noventa marcos (20k,412).” (A INFORMAÇÃO GOIANA, AGEPEL, 2001. CD-ROM, p. 593).

As primeiras casas construídas em Amaro Leite, segundo o documento histórico do município de Mara Rosa (livro tombo, paróquia de santo Antonio), datam de 1742. É, portanto um dos povoados mais antigos de Goiás, surgido apenas 15 anos após a fundação de Vila Boa.

³⁰ Embora o IBGE adote o ano 1742 como o ano em que Amaro Leite descobre ouro na região, adotamos 1739, conforme Bertran (1996, p. 172).

Conforme dados do IBGE (2008):

Decorrido quase um século de fundação, o povoado de Amaro Leite foi elevado a distrito (vila), pela Lei Provincial nº 14, de 23 de julho de 1835, integrando o Município de Pilar de Goiás, conforme consta da divisão administrativa de 1911, passando a pertencer a Uruaçu (ex-Santana) em 1933. Desativada a extração de ouro, os administradores do distrito obtiveram, nas primeiras décadas de 1950, grandes melhoramentos, como energia elétrica, máquinas para construção de estradas e vias públicas, atingindo notável impulso progressista.

A criação do município de Amaro Leite se dá pela Lei nº 760 de 26 de agosto de 1953. Determina o Artigo 1º: – fica desmembrado do Município de Uruaçu e elevado à categoria de Município o atual distrito de Amaro Leite, situado na zona norte do Estado. (DIÁRIO OFICIAL, Ano 117, nº 6.925. 27 de agosto de 1953)

Amaro Leite, às vésperas da mudança, era algo além de apenas um aglomerado de pessoas vizinhas, conveniências sociais, etc. Era, pois, como afirma Park:

(...) a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes transmitidos por essa tradição. (...) não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1973, p. 26)

Assim, quando ouvimos os pioneiros da cidade de Mara Rosa em uníssono repetir que o motivo pelo qual decidiram se mudar para a nova cidade, deixando para trás a velha Amaro Leite, era a falta de água, a péssima localização e a impossibilidade de crescimento, podemos pensar que provavelmente estavam imbuídos do espírito modernista que chegava à região junto com a construção da Rodovia BR 153, ou pelas notícias da construção da capital mais moderna do mundo, Brasília; bem como pela construção da moderna capital do Estado.

Acreditamos que aqueles homens e mulheres que seguiram Antonio Caldeira, José Maurício de Moura, e outras lideranças, o fizeram porque foram convencidos³¹ de que o futuro de Amaro Leite chegara a termo. E, que a nova cidade seria a possibilidade de novo emprego ou de manter o que já se tinha; de terem escola para as crianças e de poderem usufruir de todos os dispositivos administrativos como hospital, posto policial etc.,. Além disso, havia a possibilidade de se conseguir um local que, no futuro, seria valorizado, estando

³¹ Reiteramos que de acordo com a tradição oral, jornais como “o popular”, e “folha de Uruaçu”, o grande disseminador das idéias modernas e modernizadoras, que contribuíram para a emancipação política de Amaro Leite e a transferência da sede municipal foi o professor Júlio Cavalcanti.

próximo à igreja, à prefeitura e à praça. Constituir-se-iam, por conseguinte, algum patrimônio material para si e seus descendentes.

Embora o pretexto para a mudança da cidade tenha sido amparado nas características físicas do lugar, “onde houvesse abundância de água, fosse menos acidentado e de mais fácil acesso”; o processo só se concretizou de fato pelas “*influências de simpatia, rivalidade e necessidade econômica*”, por serem estes fatores capazes de controlar a distribuição das populações nas cidades. (PARK, 1973, p. 30)

De acordo com Bustillo (2001), na carta ao superior de sua congregação, padre Lorenzo teria dito que a cidade escolhida para a missão era apenas: “um pimpolho de dois anos.” (BUSTILLO). Era, portanto nesta cidade que iria ser montada a estrutura da primeira paróquia da congregação fissioniana do Brasil.

No relato da missa de posse, transcrito por Mariano Bustillo, padre Lorenzo afirma que fez questão de pregar, em português:

À nossa chegada, estava formado em duas fileiras, diante do templo paroquial, todo o pessoal da cidade, bem como muitos outros povos vizinhos. Saudamos as excelentíssimas autoridades, falamos um pouquinho e, ato seguido, passamos entre as fileiras, enquanto ressoavam os cantos e vivas: não faltavam os foguetes. Também tinham levantado um arco triunfal com bananeiras. (...) Já dentro do templo, realizaram-se as cerimônias oficiais na presença do bispo. Celebrei a Missa e preguei o primeiro sermão a meus paroquianos; se entenderam a metade do que falei, dou-me por satisfeito, porque os que nos ouvem pela primeira vez, entendem pouco. Ao terminar a Missa, vinte meninos já esperavam para serem batizados e, pela tarde, três casamentos. Assim se passou o primeiro dia de Pároco, a quem aqui se costuma chamar de vigário.” (Pe. LORENZO, carta 02/11/1961 citado por Bustillo)

Ciente do poder da fala para a legitimação de seu lugar social, o padre não se furta a utilizar esse importante instrumento, ainda que não tivesse certeza se seus paroquianos o entendiam. A essa atitude, de assumir pela fala seu lugar autorizado Bourdieu assente:

O porta-voz autorizado consegue agir com as palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.

A descrição da cerimônia de recepção dos padres em Mara Rosa, feita pelo Padre Lourenzo, revela um ambiente alegre, colorido, festivo. Toda essa pompa com que os mararrosenses receberam os padres da congregação de São Pedro ad Vincula, representou o que Bourdieu chamou de rito de instituição, para significar a passagem de um lugar sem chefe espiritual permanente. O Padre Euzébio Lecué, vigário até então responsável pela paróquia,

residia em Uruaçu a um lugar em cuja sede paroquial passaria a residir dois padres. Ter não um, mais dois padres, significava muito para as pessoas do lugar. Certamente, viam o progresso chegar.

Em sua primeira carta ao superior como pároco da cidade, o padre missionário apresentou aos seus compatriotas uma realidade estranha a eles. Certamente imaginavam como seria a vida no mais longínquo interior do Brasil, lugar muitas vezes chamado “selvas brasileiras”. Alguns aspectos podem ser destacados pelo alto teor de significado. Dentre eles se encontram a hospitalidade dos paroquianos e a necessidade de seu trabalho sacerdotal.

Terminada a “festa”, da recepção solene, imediatamente o novo pároco já assume de fato sua missão, realizando batismos e casamentos.

A inserção à sua nova realidade no sertão goiano foi orientada pelo superior que já conhecia parte daquela realidade por já ter residido na Argentina, vivendo algo semelhante. Por isso, aconselhava os padres a nunca andarem sozinhos. Deveriam procurar estarem acompanhados para diminuir as dificuldades que encontrariam. O superior, pela sua experiência na Argentina, imaginava as dificuldades pelas “matas brasileiras”. Diante disso, recomendava aos missionários a prática de não andarem sozinhos.

Pe. Vicêncio Illera demonstra preocupação com a missão ad vincula, na carta de 14 de agosto de 1961. Ele a inicia afirmando os motivos de ter-los enviado ao Brasil. Eram para que eles trabalhassem e se sacrificassem pela congregação para que esta pudesse progredir. Se isto não acontecesse como aconteceu com outras congregações é, no entender do superior geral, porque não havia dentro das congregações, membros que se sacrifiquem realmente.

Após essa motivação inicial, o superior geral orienta os dois sacerdotes, quanto a comportamento, postura e no trato com os padres da diocese:

Vayan tomando personalidad propia, eso consiste en presentarse en público como capaz de cualquier cosa, aunque este lleno de miedo, completamente indeciso, temeroso de un fracaso, etc. deben saber presentarse como quien domina el asunto, como un general en el campo de batalla, Sean humildes a los ojos de dios, quien sabe lo poco que valemos, pero con los feligreses y el pueblo, Sean dueños de si mismos. Lo mismo con los demás padres y autoridades, con el P. Lecué pueden tenerle como de la familia, y entonces sí, se le exponen las dificultades y se pide consejo o ayuda según las circunstancias. (ILLERA, carta 12 de Julio de 1961)³²

³² *Demonstrem personalidade própria, isto é, apresentem-se em público como capazes de qualquer coisa, ainda que estejam com muito medo, completamente indecisos, temerosos de um fracasso etc, devem saber apresentar-se como alguém que domina o assunto, como general no campo de batalha. Sejam humildes aos olhos de Deus, que é quem sabe o pouco que valemos, mas com a freguesia e o povo, sejam donos de si mesmos. O mesmo com os demais padres e autoridades. Ao Pe. Lecué podem tratar como se fosse da família, a ele sim, podem expor as dificuldades e pedir conselho ou ajuda, conforme as circunstâncias. (ILLERA, carta 12 de Julio de 1961)*

Nesse fragmento, ficam explícitas, além das instruções do superior, as atitudes etnocêntricas do mesmo, em relação ao clero autóctone. Quando ele os ensina a manter atitudes de superioridade perante as autoridades, aos outros sacerdotes, – a estes, entenda-se os “brasileiros”, pois o padre Lecué também era espanhol – ele incentiva a uma atitude da qual falava Dom José Chaves, na entrevista de 20 de janeiro de 2010. Disse-me ele: “*as congregações estrangeiras formavam, assim, uma espécie de guetos dentro das dioceses*”.

Considerando a posição do superior em relação aos brasileiros, e sobre sua idéia de postura do sacerdote, no caso acima, buscamos em Roger Chartier. Dele, a assertiva de que, nesse caso, a representação é de quem vai legitimar a articulação das “*práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição.*” (CHARTIER, 1992, p. 23).

Azzi afirma que os missionários estrangeiros, “*Consideravam-se, via de regra, como os “salvadores do país”, mediante uma transposição pura e simples de fórmulas ou instrumentos de apostolado que tinham tido êxito em seus países de origem.*” (2008, p. 529).

O pe. Vicêncio Illera, além da transposição também insere sua experiência como pároco na Argentina. Tendo sido, superior da casa da congregação na Argentina, Vicêncio Illera tinha experiência no trato com os povos da América do sul, e lançava mão daquela experiência para orientar os jovens missionários: Lorenzo e Pedro Martinez:

(...) *todo cuanto me contáis me parece familiar y has lógico, es lo mismo que Argentina, esos pueblos a medio hacer en todos los sentidos, ateos, comunistas, protestantes, juntados, separados, divorciados, hijos naturales, etc. etc. eso y alo tenía yo en mi parroquia de Garín.* (ILLERA, carta 12 de Julio de 1961)³³

As formulações do superior, sobre condutas e modos de vida da gente da América do Sul, adquirem significado quando consideradas nos moldes do seu imaginário etnocêntrico. A superioridade européia é destacada em relação aos povos da *América Latina*, lugar onde a pobreza econômica, as desigualdades sociais e a opressão política, moldaram o povo, fazendo-os viver a uma quase selvageria.

³³ (...) tudo o que me contaís me parece familiar e até lógico, o mesmo que na Argentina, esses povos mal constituídos em todos os sentidos – ateus, comunistas, protestantes, ajuntados, separados, divorciados, filhos bastardos etc, etc – isso eu já tinha na minha paróquia de *Garín*.

2. “ESCRITOS DO PADRE LORENZO”: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES

“‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo (...)”
Benjamin, 1994

Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com sua própria alma.

Rancière (1995, p. 7)

Neste capítulo, conheceremos o padre Lourenzo³⁴ Martinez Arias, e as representações produzidas por ele eternizadas nos “Escritos do padre Lourenzo”. São: uma coleção de 220 cartas, um “Diploma de Honra ao mérito”, um certificado de curso de extensão em “Parapsicologia e Religião”, um “título de cidadania”, um *curriculum vitae*, bilhetes, circulares e anotações pessoais. Estão encadernadas em um volume de capa dura preta, onde figura em letras douradas, o título “*Escritos do padre Lourenzo*”.

Antes de adentrarmos ao conteúdo físico das cartas, buscando analisar o olhar que o padre Lourenzo lançou sobre sua nova realidade. Considero necessário reportar a uma consideração sobre as pretensões de verdade encerradas na escrita, conforme recomenda por Gadamer (1998, p. 409-410):

(...) a afirmação por escrito contém em si próprio um momento de autoridade de peso determinante. Não é fácil consumir a possibilidade de que o escrito não seja verdade. O escrito tem a palpabilidade do que é demonstrável, é uma peça comprobatória. Torna-se necessário um esforço crítico especial para que nos libertemos do preconceito cultuado a favor do escrito e distinguir, tanto aqui, como em qualquer afirmação oral, entre opinião e verdade.

De acordo com este filósofo, a crítica do escrito como documento comprobatório é que vai permitir distinguir entre opinião e verdade.

Sofia Angelides (citada por Tin, 2005) vem contribuir para o entendimento ao afirmar que:

³⁴ Utilizamos a grafia impressa no livro fonte Lourenzo, embora o próprio padre grafasse seu nome, ora Lorenzo, ora Lourenço. As pessoas na cidade o tratavam por padre Lorenço.

Embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material lingüístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor, que recria a sua experiência pessoal.

Em outras palavras, o escritor, um ser real, conhecido, testemunha ocular dos fatos, experiências e sentimentos que narra, o faz “medindo” as palavras, selecionando, elucidando ou excluindo momentos, fatos ou sentimentos, enfim, recriando o que viu e viveu.

Após expormos com que olhos, procuramos ler os “escritos do padre Lourenzo”, passamos a demonstrar, como compreendemos o significado da palavra carta. Segundo a pesquisadora Ivany Câmara Neiva, (UNB, 2008, p. 61) “*Carta vem do grego chartes, pelo latim charta, papel, carta – escrito que se envia a outrem com cumprimentos, pedidos, ordens, notícias*”.

Mattos (2010, p. 1) afirma que Lemos (2004) “*aponta para as mais de quarenta e cinco expressões ‘em que o vocábulo carta está presente’ em um dos dicionários de língua portuguesa, mais consultado, (...)*. Este mesmo autor comenta que Lemos define a carta pessoal como “*algo dos mais triviais, é um veículo de comunicação individual e restrito, redigido não para o conhecimento geral ou publicação.*” (MATTOS, 2010, p. 2). Para este autor, “*a carta é algo que além de aproximar as pessoas, pode revelar algo sobre elas e mesmo sobre quem as recebe.*” (2010, p. 2).

Como fonte, diz Renato Lemos (LEMOS, 2004, p. 18, citado por MATTOS, 2010, p. 2): “*as cartas interessam pelo que contém de indicativo sobre a pessoa, na posição de remetente ou de destinatário, e suas circunstâncias.*”

Besselar, ao comentar a relevância das cartas e epístolas para a pesquisa histórica, (1972, p. 125-126), as agrupa e procura fazer uma distinção entre carta e epístola:

a) Cartas de pessoas públicas e particulares. Muitas vezes, faz-se uma distinção entre ‘cartas’ e ‘epístolas’. Cartas, no sentido restrito da palavra, são bilhetes destinados exclusivamente a certa pessoa ou a certo grupo de pessoas; ‘epístolas’ são missivas, geralmente de maior extensão, que tratam de um determinado assunto mais ou menos sistematicamente; embora se dirijam a certo destinatário ou certo grupo de destinatários, o ‘epistológrafo’, já na hora redação, pensa um público maior e procede como ‘autor’. Ao passo que uma ‘carta’, na definição feliz de Artemão (discípulo de Aristóteles e editor das cartas do mestre), ‘é, por assim dizer, a metade de um diálogo’, a ‘epístola’ pertence, desde o início, de qualquer modo à literatura.

Como exemplo de ‘cartas’, Besselar menciona as cartas que Cícero destinou a seu amigo Ático; já para exemplificar epístola, ele cita as epístolas de vários filósofos como: Platão, Epicuro, Sêneca, etc. Também lembra que a maioria das missivas de São Paulo, são epístolas.

Em um segundo grupo, Besselar (1972, p. 126), aloca os “Diários e as Memórias” que são:

a) (...) gênero literário subjetivo e, muitas vezes, tendencioso, pouco ou não praticado pelos antigos. Teve as suas origens no século XVII, principalmente na França, espalhando-se logo por outros países (...).

Inclui também neste grupo “os diários feitos pelos descobridores de novos continentes a respeito das suas viagens”. Bem como “*as descrições de viagens, geralmente, as por terras, pouco conhecidas.*” (BESSELAR, 1972, p. 127)

Neiva (2008), baseando-se “nas fontes mais democráticas, – os dicionários”, encontra, no Aurélio a seguinte definição para carta: “*Comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas*”. Também no Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, encontra a história da palavra Missiva: “*O termo foi retirado da expressão ite missa est ‘ide, (as preces) foram enviadas’ com a qual o celebrante termina a missa.*”

Para Epístola, a própria Ivani Câmara Neiva (2008, p. 62) afirma: “*Epístola vem do grego epistolae, pelo latim epistula: carta, missiva. Epistolar é relativo à epístola, relativo à maneira de escrever cartas: estilo epistolar.*

É possível perceber que diferentemente da aceção de Besselar, Neiva, inicialmente, não distingue epístola e carta. Contudo, seguindo seus passos, na pesquisa (2008, p. 61-62), chegamos com ela à Grande Enciclopédia Larousse cultural, a qual faz um passeio sobre a historicidade da arte de escrever cartas:

As cartas, originalmente simples forma de comunicação, contribuíram para o surgimento de um gênero literário autônomo. Cícero, Homero e Ovídio, na Antiguidade, foram alguns dos escritores que cultivaram o gênero epistolar. A epístola em versos teve papel importante nas literaturas francesa e inglesa (Nicolas Boileau e A. Pope). Uma das missivistas mais famosas foi Mme de Sévigné, cuja correspondência é extraordinariamente rica do ponto de vista estilístico. As cartas de Diderot e Voltaire também são citadas pelo grande valor literário. A correspondência de Byron, Chateaubriand, G. Sand, Balzac, Flaubert, Turgueniev e Gide é abundante e constitui um importante instrumento de análise social, política e literária do seu tempo. E. Pound, através de suas cartas, transmitiu a essência de suas teses poéticas e políticas. Deve-se ainda citar Santo Agostinho (e outros doutores da Igreja), Fénelon, Rousseau, Camus, nos quais o conteúdo epistolar é político, moral ou ideológico; e Choderlos de Laclos, autor de um dos mais notáveis romances epistolares de todos os tempos (Ligações Perigosas, 1782). (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, apud NEIVA, 2008, p. 61-62)

Nesta definição a epístola é uma evolução da carta, o que corresponderia a escrever com arte. Por isso, as epístolas fazem parte do estilo literário.

Sobre o uso da carta como fonte de pesquisa, Ângela Maria de Castro Gomes afirma em seu livro “Escrita de si, escrita da história (2004, p. 8) que:

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maiores. A despeito disso, não são ainda numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da história no Brasil.

Contudo, Zeloí Ap. Martins dos Santos, no artigo “A arte de escrever cartas: a experiência com as fontes” diz haver encontrado na área de literatura diversos trabalhos que utilizam as cartas como fonte de pesquisa. Todavia, os diversos trabalhos encontrados por Zeloí, não fazem jus a quantidade de fontes, uma vez que, Galvão e Gotlib (2000, p. 9) reconhecem haver uma disparidade enorme entre o volume de cartas produzidas e o reduzido número de pesquisas.

Miranda (2000, p. 53), baseando em Heinecke afirma ser possível agrupar as cartas em duas categorias:

(...) de um lado, as de caráter erudito, subdivididas em filosóficas, matemáticas, filológicas, críticas, teológicas, jurídicas e históricas; de outro, as familiares e as de ‘cerimônia’ (elaborationes). Nesse caso, as primeiras destinam-se a conversas de indivíduos momentaneamente separados (inter absentes colloquium); já as segundas têm sua origem num propósito mais específico: de acordo com ele, podem ser, por exemplo, congratulatórias, petições, comendatícias, de pêsames ou de agradecimento. (MIRANDA in: GALVÃO & GOTLIB, 2000, p. 53)

Piglia (2006, p. 46-51), citado por Fredrigo (2009, p. 715) vem contribuir com a discussão, ponderando que:

A correspondência enquanto gênero se caracteriza pela interrupção, pela exigência de continuidade, pela pausa entre uma e outra carta, pela obsessão pelas cartas extraviadas e pela angústia do corte.

[...]

A escrita é um resumo da vida, condensa a experiência e a torna possível.

Dessa forma, é que a correspondência do padre Lourenzo pode ser percebida. Percebida como sendo resumo de uma vida. As cartas enviadas e recebidas tinham a função, como veremos adiante, de diminuir distâncias, amenizar a solidão e tornar a experiência missionária, possível, nos confins do mundo.

O escrevente é quase sempre o padre Lourenzo. Pedro, o outro padre, raramente escrevia, segundo informações contidas nas correspondências. Padre Lourenzo é quem

descrevia além das características do lugar e das pessoas, as ações empreendidas por eles, a aprendizagem nos primeiros tempos, o relacionamento e etc. Além das cartas oficiais há registros de caráter íntimo, onde afloram as sensibilidades. “Sensibilidades que exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. (PESAVENTO, 2005, p. 58)

As sensibilidades presentes nas cartas, dizem muito de quem as escreve. Revelam a identidade, o ser, as representações do mundo, sentimentos de si e dos outros, conforme atesta Pollak:

Existe, portanto, uma forte ligação entre memória e identidade, sendo que [...] a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de s.i (POLLAK, 1992, p. 204)

Nas cartas, estão presentes, memórias e representações do “autor”. A memória escrita representa as escolhas de quem escreve, ou seja, o que escolheu registrar para as futuras gerações.

Mediante as escolhas feitas por quem escreve é que se pode compreender o que Pollak (1992) chama de “sentimento de identidade”. Porque segundo ele um dos significados do sentimento de identidade é:

(...) sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 205)

Contudo, Goffman (2009, p. 76) adverte que “acontece freqüentemente que a representação sirva principalmente para expressar as características da tarefa que é representada e não as do ator.” Assim, é que podemos compreender atores, buscando pautar sua conduta na proficiência e na integridade. O principal objetivo pode ser o de estabelecer uma definição favorável de seu serviço (...). (p. 76).

Gomes (2004, p. 112), lembra que “ao longo dos anos 1990, diante do refluxo dos grandes modelos explicativos, de acusação de falta de objetividade dos estudos históricos e da demanda pela preservação de uma memória cada vez mais “verdadeira” (...), é que houve por parte dos historiadores, “um retorno ao individual, às experiências únicas, ao arquivo, ao documento bruto” (p. 112). Contudo, essa mesma autora adverte que essa volta às fontes se

processou de forma diferente da que foi feita pelos historiadores no passado. Agora, os objetivos da pesquisa, nesses documentos “brutos”, não podem mais ser a busca pelo que realmente aconteceu, mas identificar a leitura que as pessoas ou grupo produtores dos documentos analisados, fizeram de seu tempo. Conhecer como o representou para si e para os outros, principalmente nos documentos escritos:

A volta ao arquivo, processada pela história cultural, em vez de postular a transparência dos documentos, processou-se de modo a destacar o individual e o qualitativo, permitindo construir uma nova modalidade de investigação histórica, atenta aos indivíduos, percebidos em suas relações com outros indivíduos. (GOMES, 2004, p. 112)

É dessa forma que acreditamos ser possível afirmar que as correspondências entre os superiores da congregação religiosa e os missionários enviados ao Brasil tinham por objetivos:

a) primeiro, conhecer pela visão do missionário da congregação o lugar onde a missão se desenvolveria, conforme vimos anteriormente.

b) acompanhar o desenrolar do trabalho do enviado, verificar, permanentemente, o cumprimento dos objetivos estabelecidos, dar instruções sobre conduta ante os problemas que se lhes apresentarem, conforme fica explícito nas primeiras cartas.

Nesse sentido, podemos compreender que apesar da rapidez com que decidiram mandar os dois jovens sacerdotes ao Brasil, o planejamento não ficou comprometido. Contudo, o superior se preocupa em orientá-los quanto à escolha do lugar, ainda que tenha lembrado, serem eles os responsáveis por eleger um lugar condizente com os planos fissioniannos.

A carta do superior Vicencio Illera, datada de 21 de setembro de 1961, traz recomendações importantes para o desenvolvimento e aceitação do trabalho missionário no Brasil. Diz o religioso: “(...) *Qué desde el primer día no os mueva más que el bien de las almas y la gloria de Dios. No seáis curas peseteros, sino desprendidos y abnegados. Sed pobres, vivid como pobres y aparecer también como pobres*”³⁵ (*Escritos do padre Lorenzo, carta Vicêncio Illera, 21/09/1961*).

Outro objetivo da correspondência, entre a casa generalícia e os missionários enviados ao Brasil era:

³⁵ “(...) Que desde o primeiro dia não sejáis movidos por nada que não seja o bem das almas e a glória de Deus. Não sejáis padres avarentos, senão desprendidos e abnegados. Sede pobres, vivei como pobres e aparentai-vos também como pobres

c) Não deixar que o sacerdote perdesse sua identidade religiosa, mantendo-o em contato com a Congregação de origem, fornecendo-lhe informações sobre acontecimentos além mar e, ao mesmo tempo, estreitando os laços de amizade e compromisso do religioso com sua Congregação.

Na carta de 6 de setembro de 1961, Vicêncio Illera afirma: “(...) *por aqui sin novedades*”³⁶ (Escritos do padre Lorenzo, carta Vicêncio Illera, 6/09/1961).

Já em 21 de setembro de 1961, o padre Illera confessa: “*De aqui todo son malas noticias, estamos comiendo más de lo que se gana y esto no puede durar mucho tiempo.*”³⁷ Nesta mesma carta Illera declara: “*Nos alegramos y os recordaremos em esse dia, toda La comunidad se alegra de vuestras cosas, y de vuestras noticias*”³⁸. (Escritos do padre Lorenzo, cartas Vicencio Illera, 21 de septiembre de 1961).

Os padres de Barcelona, também cultivaram o hábito de comunicar aos missionários, as notas de falecimento dos membros da congregação. Essa prática também tinha por objetivo, manter o religioso em contato com os acontecimentos, dentro da congregação.

A prática da comunicação por carta, ainda que hoje, devido ao avanço nos sistemas de comunicação, esteja em desuso, foi muito utilizada durante as navegações ultramarinas do Séc. XVI, pelos missionários que as acompanhavam. Desde aquele período, as cartas representavam importante instrumento de transmissão de informações missionárias, uma vez que se caracterizam pela forma de relatos, com uma riqueza de detalhes impressionantes. Basta lembrarmos da carta de Pero Vaz de Caminha ao El Rei de Portugal e da correspondência jesuítica sobre a missão no Brasil.

No caso das cartas elaboradas por Pe. Lorenzo Martinez Arias, endereçadas aos seus superiores, apresentavam os acontecimentos cotidianos, com um teor de dramaticidade, impressionante.

A coleção: “Escritos do Padre Lourenzo”, são documentos de propriedade da Congregação de São Pedro ad Vincula, arquivados³⁹ na casa generalícia de Barcelona. O acervo é composto por Cartas - manuscritas e datilografadas, originais e cópias feitas com carbono, ou mimeografadas à época da escrita, Diplomas e certificados, comunicados e documentos similares.

³⁶ “(...) por aqui sem novidades.

³⁷ Daqui só temos más notícias, estamos comendo mais do que ganhamos e isso não pode continuar por muito tempo.

³⁸ Alegramo-nos e recordar-vos-emos nesse dia, toda a comunidade se alegra com vossas coisas e com vossas notícias.

³⁹ Até o momento em nosso poder para fins da pesquisa, sob autorização do superior da congregação.

Tomei conhecimento dessa coleção por meio de uma conversa produtiva com Pe. Marcos Rogério, sacerdote da Congregação dos Religiosos de São Pedro Ad'Víncula e natural de Mara Rosa. Foi durante uma visita dele à cidade para a ordenação do padre religioso ad'vincula Renildo Andrade Maia, ocorrida em 13 de novembro de 2008. Na mesma ocasião, fui apresentada ao superior da congregação, padre Benjamim Paino Garcia e ao Padre José Maria.

O caminho até Barcelona foi inverso, naquele encontro com os padres ad'vincula em Mara Rosa, eles se prontificaram a contribuir com a pesquisa enviando os documentos ao Brasil. Contudo, não poderia utilizar outro meio, senão algum religioso ou conhecido que viesse ao Brasil. Tive que esperar até que as cartas chegassem aqui e me fossem entregues em mãos, como queria o superior da congregação Ad Vincula. Isso não foi rápido, a espera durou nove meses.

De posse dos documentos, o passo seguinte foi lê-los, separando-os por categorias como agora exponho nos quadros que se seguem:

73 cartas enviadas aos superiores⁴⁰, conforme Quadro 1:

Quadro 1
Cartas enviadas pelo Pe. Lourenzo aos superiores.⁴¹

Superior	Anos das correspondências	Quantidade de cartas
Vicêncio Illhera	07/10/1963 a 10/05/1966 ⁴²	19
Cipriano Rodriguez	09/12/1966 a 20/03/1970	14
Mariano C. Bustillo	17/08/1970 a 27/07/1984	25
Vitor Cuesta	10/12/1984 a 21/06/1989	8
Benjamin Garcia Paino	17/02/1990 a 19/10/1992	7
Total		73

No Quadro 2, ficam caracterizadas as 98 cartas recebidas pelo padre Lourenzo, provenientes da Espanha, de autoria de seus superiores, no período compreendido entre os anos de 1961 a 1992:

⁴⁰ Das cartas enviadas percebe-se que muitas foram extraviadas, pois constam da pesquisa do Pe. Mariano C. Bustillo e pelas cartas recebidas, também se pode perceber que o remetente responde a uma carta que não consta no arquivo estudado.

⁴¹ Os superiores do Pe. Lourenzo desde sua chegada foram: Vicêncio Ilhera de 1960 a 1966; Cipriano Rodríguez de 1966 a 1970; Mariano c. Bustillo de 1970 a 1984; Vitor Cuesta de 1984 a 1990; Benjamín García Paino de 1990 até hoje.

⁴² As cartas anteriores se perderam após a pesquisa do padre Mariano Bustillo.

Quadro 2
Cartas recebidas dos superiores.

Superior	Anos das correspondências	Quantidade de cartas
Vicêncio Ilhera	12/07/1961 a 26/10/1965	44
Cipriano Rodriguez	22/06/1968 a 22/12/1968	3
Mariano C. Bustillo	14/03/1973 a 07/11/1983	33
Vitor Cuesta	07/04/1985 a 08/9/1990	10
Benjamin Garcia Paino	27/04/1990 a 07/07/1992	8
Total		98

Outros padres da congregação franco/espanhola, também enviaram correspondências aos “missionários” fissionianos, no Brasil, entre os anos de 1971 a 1990, são eles:

Quadro 3
Cartas recebidas de Padres Ad’Vincula – excluindo os superiores.

Nome	Data das correspondências	Quantidade de cartas
Sem autoria definida	s/d e 28/03/1972	2
Fuente	30/09/1971	2
Fuente	29/03/1972	
E. Jáñez – Enonomo geral	04/03/1978	1
Rufino Ordoñez	04/04/1981	
Rufino Ordoñez	05/01/1982	3
Rufino Ordoñez	05/01/1982	
Benjamín García Paino	30/9/1983	1
Jesus Fuentes	13/1/1986	1
Manolo	16/2/1987	1
E. Jáñez	29/1/1990	1
Total		12

Constam do acervo, vinte e seis correspondências classificadas como cartas circulares e afins. As referências sobre essas correspondências dispusemos no Quadro 4.

Quadro 4
Cartas circulares e afins

Ano	Tema	Nome do Superior Geral
1986	119 aniversário da morte fundador	-
12/10/1977	Circular	-
25/03/1978	Temas	-
s/d	Desideratas ao capítulo general	-
s/d	circular finalização XXIV capítulo geral	-
01/08/1992	125 anos da morte do fundador	Benjamín Paino
21/11/1990	Circular	Benjamín Paino
22/06/		Benjamín Paino
03/12/1967	Circular	Cipriano Rodríguez
1977	XXII Circular	Mariano c. Bustillo
1983	XXIII Circular	Mariano c. Bustillo
/12/1979	112 anos morte fundador	Mariano C. Bustillo
03/12/1976	109 anos pe. Fundador	Mariano C. Bustillo
03/12/1983	116 anos da morte fundador	Mariano c. Bustillo
15/10/1971	anúncio xxi capítulo geral	Mariano C. Bustillo
23/04/1973	circular dia mundial de oração pelas vocações	Mariano C. Bustillo
27/07/1972	Circular tomada posse	Mariano C. Bustillo
30/12/1975	Anúncio assembléia geral	Mariano C. Bustillo
s/d	proclamação os membros do xxiii capítulo	Mariano c. Bustillo
1985	118 anos da morte fundador	Vítor Cuesta
10/07/1984	anúncio 2ª etapa XXII Capítulo Geral	Vítor Cuesta
12/10/1989	anúncio XXIV capítulo geral	Vítor Cuesta
22/04/1984	apresentando-se como superior	Vítor Cuesta
4/11/1984	Circular 117 anos da morte fundador	Vítor Cuesta
4/11/1988	121 anos da morte fundador	Vítor Cuesta
6/01/1990	Circular	Vítor Cuesta
	Total	26 cartas

O missionário fissioniano, ao longo de sua vida em terras brasileiras, recebeu muitas cartas dentre as quais se encontram as de seus familiares. Também de uma missionária, Eulália que escreve para saber sobre a missão, prestar solidariedade e unir-se aos religiosos, em oração.

Quadro 5
As cartas diversas Recebidas da Espanha

Data	Remetente
14/12/1986	Trinidad
14/06/1987	Trinidad
13/12/1986	Hermenegilda
15/7/1987	Hermenegilda
27/7/1987	Paco (irmão)
12/12/1986	Paco
s/d	Sagrário Martinez
s/d	Sagrário Martinez
25/8/1987 ⁴³	Trinidad Martinez – Sagrario Martinez –Paulina Martinez
17/12/1985	Laurentina
16/12/1963	Maria Eulália (missionária)

2.1 O que as cartas falam?

Marc Bloch ensina que para saber o que os documentos falam é preciso que o historiador lhe faça as perguntas certas. Contudo, segundo ele: “Não há pior conselho a dar a um iniciante do que [dizer para ele] esperar, numa atitude de aparente submissão, a inspiração do documento.” (Bloch, 2001, p. 79).

A leitura das cartas que padre Lorenzo enviou aos superiores de sua congregação religiosa, permite perceber que ele, desde os primeiros escritos, tem um projeto de memória. Assim, os temas das cartas giram em torno do trabalho missionário, do cotidiano dos sacerdotes e das pessoas, dos costumes, da política, das práticas religiosas. O autor pouco se preocupa em registrar dados históricos sobre o lugar.

Toda a produção epistolar do padre Lourenzo, referente aos anos de 1961 e 1962 foi perdida. Curiosamente, essa correspondência foi utilizada na pesquisa realizada pelo padre Mariano Bustillo. Emerson Tin, no artigo “Cartas e Literatura: reflexões sobre a pesquisa do gênero epistolar”, já advertia que: “Infelizmente, nem sempre os originais sobrevivem (...)”. (TIN, 2005)

Dessa forma, a primeira carta que encontramos do missionário, endereçada ao superior geral da congregação, é datada de 7 de outubro de 1963, dois anos após sua chegada à cidade

⁴³ Esta carta foi escrita a três mãos: três irmãs do Pe. Lorenzo.

de Mara Rosa. Nela pe. Lourenzo fala de suas andanças pelos “Gerais” de sua paróquia. Era a gira missionária⁴⁴:

La jira misionaria la realicé gracias a Dios, muy bien, sin grandes dificultades y portándome como un verdadero jinete. Solamente que no acertaba a poner las espuelas y montaba del lado contrario. Los dos últimos días ya notaba el cansancio de los anteriores e cuando viajaba estaba completamente desorientado viendo el sol en el lado opuesto. Atravesé: montañas, valles, arroyos, selvas, etc. De noche, algunos días llegaba tarde, al atravesar los lugares de selva la linterna nos iluminaba el camino, que generalmente era un sendero para solo animales. Iba acompañado de una persona que conocía el camino. Fue un verdadero noviciado en la vida misional y parroquial y satisfechísimo de todo, aun de las privaciones. En cierta noche dormí sobre dos bancos. Generalmente era demasiado bien tratado, los dueños de la casa en que celebraba misa y otros ministerios, se esmeraban en tratarme lo mejor que podían, según sus posibilidades. (carta enviada ao superior, 7 de Octubre de 1963)⁴⁵

De maneira geral, nota-se na escrita do sacerdote que ele, apesar de não se queixar das dificuldades, não as omite, deixando claro que sua missão não é fácil, embora esteja satisfeitíssimo.

Chama a atenção, o fato do padre ter “dormido sobre dois bancos”, pois pelo papel de pai e representante de Cristo, o padre goza de status privilegiado. Contudo, cabe aqui imaginar que, certamente, a situação de penúria do anfitrião o tenha obrigado a acomodar o visitante ilustre sobre dois bancos, quando certamente, a cama do sertanejo não fosse tão mais confortável. De acordo com Leonardí (1996, p. 307) “*O sertanejo pode ser desconfiado e de poucas palavras, mas não é hostil ao contato.*” Segundo esse autor, o isolamento foi o responsável para que o sertanejo mantivesse tradições e costumes antigos intactos. E, foi também, no isolamento do sertão, que gerou, no sertanejo, hábitos generosos de hospitalidade.

Ainda, no século XIX, viajantes como Pohl, Martius, Henri Coudreau já atestavam a hospitalidade brasileira. Poucos foram os que se queixaram de não terem sido bem acolhidos.

Leonardi (1996, p. 307) é categórico: “*O brasileiro do interior era bom anfitrião e tratava bem seus hóspedes. Não segregava nem humilhava o estrangeiro, recebendo-o*

⁴⁴ Acreditamos ser esta a segunda “gira missionária” do padre Lourenzo, pois essa prática era anual e tendo ele chegado em 3 de outubro de 1961, provavelmente tenha feito a primeira em 1962.

⁴⁵ Graças a Deus, realizei o percurso missionário muito bem, sem grandes dificuldades e comportando-me como um verdadeiro jinete. Só que não conseguia colocar-me as esporas e montava do lado contrário. Nos dois últimos dias, já notava o cansaço dos anteriores e quando viajava, estava completamente desnortado, vendo o sol do lado oposto. Atravessei montanhas, vales, igarapés, matas etc. De noite, alguns dias chegava tarde, ao atravessar os lugares de mata, a lanterna nos iluminava o caminho que geralmente era uma senda só para animais. Ía acompanhado por uma pessoa que conhecia o caminho. Foi um verdadeiro noviciado na vida missionária e paroquial e satisfeitíssimo com tudo, até mesmo com as privações. Certa noite dormi sobre dois bancos. Geralmente era muito bem tratado, os donos da casa em que celebrava missa e outros ministérios se esmeravam por tratar-me o melhor que podiam, de acordo com as suas possibilidades.

em geral, com medidas que os mesmos não conheciam nem sequer em seus em seus países de origem.”

Em 1964, uma senhorita chamada Eulália Basons, também missionária, escreve, uma carta ao padre Lourenzo, perguntando sobre sua vida missionária. Padre Lorenzo assim responde: *“Te la voy contar con tres palabras: misional, parroquial y docente.”*⁴⁶ (Carta de 7 de Júlio de 1964).

Seguidamente ele descreve o lugar:

La parroquia llamada Santo Antonio de Amaro Leite, tiene una extensión de 9.700 kilómetros cuadrados. Es muy estrecha y larga, teniendo lugares que están a 200 kilometra de la sede. Solo tiene una carretera y un ramal. La mayor parte de gente vive desemida por las matas, selvas, en la más completa ignorancia religiosa, cuidándose solo de bautizar y crismar los hijos, lo demás no importa (esto la mayoría, porque siempre hay excepciones). A muchos lugares solo se puede ir a caballo, y en tiempo de la seca. Cuando llueve mucho apenas se puede salir de casa para celebrar la santa Misa en otros lugares. La falta de puentes es total⁴⁷.

A missionária conhece por meio da escrita do padre Lourenzo um lugar totalmente distante de sua realidade, uma terra de missão, onde não há sequer estradas para o caminheiro caminhar.

A extensão territorial dos domínios da paróquia assumida pela congregação de São Pedro ad vincula era, na descrição de padre Lourenzo, enorme. Abrangia, inclusive, a região de Formoso e Trombas, local que a partir do final da década de 1950, viveu intensa e violenta luta, envolvendo trabalhadores rurais posseiros, grileiros e polícia. Os posseiros eram orientados por membros do partido comunista Brasileiro.

Se levarmos em consideração que naquele momento histórico a igreja deveria, além de suas atribuições religiosas propriamente ditas, combater os inimigos, poderemos então, em um esforço, compreender a evangelização empreendida pelos ad'vínculas, naquela região. Contudo, também podemos perceber que o padre parecia alheio aos acontecimentos terríveis, muitas vezes, descritos pela tradição oral ao escrever: *“A nosotros nunca nos pusieron ningún impedimento. En aquellos días el pueblo quedó con unas ocho personas, y después fueron regresando y ahora ya es normal”*⁴⁸.

⁴⁶ Vou contar-te com três palavras: missionária, paroquial e docente.

⁴⁷ A paróquia chamada Santo Antônio de Amaro Leite tem uma extensão de 9.700 quilômetros quadrados. É bastante comprida e estreita, com lugares que estão a 200 quilômetros da sede. Só tem uma estrada e um ramal. A maior parte das pessoas vive espalhada pelas matas, selvas, na mais completa ignorância religiosa, preocupando-se só por batizar e crismar os filhos, o demais não tem importância (isso acontece com a maioria, porque sempre há exceções). A muitos lugares só se pode ir a cavalo e no tempo da seca. Quando chove muito, apenas se pode sair de casa para celebrar a Missa em outros lugares. A falta de pontes é total.

⁴⁸ Nunca nos puseram nenhum empecilho. Naqueles dias, o povoado só ficou com umas oito pessoas e depois, foram voltando, e agora já está normal.”

Os acontecimentos “daqueles dias” foram descritos por Janaina Amado, citada por Souza (2010, p. 240): “*Após o golpe, poucos dias depois, tropas federais e estaduais invadiram a região.*” (AMADO, s/d p. 12).

Formoso e Trombas, como pretendia a frente pioneira à qual os camponeses resistiram se transformou em uma região de grandes e médias propriedades. (AMADO, s/d, p. 13).

Padre Lorenzo, alinhado ao pensamento católico do período, em carta diz ao superior:

*Nosotros quedamos satisfechos, porque la situación de Trombas e Formoso quedó arreglada, los jefes, todos comunistas, todos huyeron, sin saberse nada de ellos. Durante tres meses hubo un destacamiento de sesenta soldados en trombas, ahora solo quedan pocos: antes la policía no podía entrar.*⁴⁹

A década de 1960, em relação às atitudes da igreja católica, é analisada por Dussel (1992, p. 253-254) citado por Deitos (2004, p. 93). Segundo ele caracteriza-se por três fases a saber: A primeira fase vai até 1964, é marcada pela era carismática da CNBB. É nessa fase que a Igreja Católica, por meio da Ação Católica se radicaliza e passa a assumir posições “classistas e políticas”. A segunda fase (1964-1968) coincide com a eclosão do golpe militar de 1964, é para a igreja um tempo de “retrocesso a posições já superadas.” Nessa segunda fase, os membros da ação católica, da Juventude Operária Católica e da ação Popular são perseguidos, presos ou exilados. A terceira fase (1968-1973) é marcada pela escolha de Aloísio Lorscheider, para secretário Geral da CNBB, uma vez que este bispo “apresenta de imediato uma grande capacidade organizativa e vontade de mudança. (DEITOS, 2004, p. 93-94).

A maioria dos bispos brasileiros saudou a “Revolução de 1964”, comenta Duarte (1996). Dom Fernando, arcebispo de Goiânia também o fez por compreendê-la como “instrumento da ordem, contra o ateísmo, a subversão, a corrupção e a baderna”. (DUARTE, 1996, p. 34)

Da parte do superior da Congregação de São Pedro ad’Víncula na Espanha a curiosidade sobre a situação do Brasil era enorme. Vicêncio Illera em carta não datada, mas pelo teor indica ser de 1964, pergunta sobre a situação do Brasil: “Del Brasil tengo noticias muy contradictorias, algunos de los que fueron conmigo en barco se han vuelto desengañados y asqueados, otros em cambio dicen todo sigue bien. ¿ Y vosotros que decís?”⁵⁰

⁴⁹ Nós ficamos satisfeitos porque a situação de Trombas e Formoso foi organizada, os chefes, todos comunistas, fugiram, não se sabe nada deles. Durante três meses, houve um destacamento de sessenta soldados em Trombas, agora só ficam uns poucos: antes a polícia não podia entrar.

⁵⁰ Do Brasil, tenho notícias muito contraditórias, alguns dos que foram comigo no barco voltaram desenganados e enojados, outros ao contrário, dizem que tudo continua bem. E vós, o que dizéis?”

Sob orientação da hierarquia da igreja no Brasil, padre Lorenzo ao escrever ao seu superior, quase dez meses após o golpe, dia 27 de janeiro de 1965, deixa registrada sua posição quanto aos golpistas. Talvez sem calcular o significado da “limpieza comunista”, talvez sequer sonhasse a quantidade de vidas que seriam ceifadas pelo regime militar, que ele, naquele momento, considerava benéfico.

En cuanto a la situación política del Brasil, es medio confusa, mas, la gente confía en el nuevo gobierno, que es una semiditadura, porque son los militares quienes mandan. De momento ya han hecho mucha limpieza de comunistas y han encontrados grandes cantidades de armas esparcidas pelos comunistas para el levantamiento del uno de mayo, que no se dio porque los demócratas se anticiparon. Parece que también van moralizando los asuntos del gobierno, espulgando mucha gente que vivía del robo.⁵¹

Ainda sobre as notícias a respeito do regime militar, o padre escreve em julho de 1965:

A policía está apretando bastante, sobre tuto aos criminosos e bebeos, a gente haga mu ruin, porque quiere completa libertad; más para nos está bom, pois é preciso limpiar este desea gente que ten muita. Otra cosa boa fue que acabó con as mulleres da vida, que é una peste neste Brasil.⁵²

O desenrolar da história do período militar, no Brasil e em Goiás, vai demonstrar que Igreja e Estado, apesar de em termos abstratos, comungarem da abordagem do desenvolvimento e da necessidade de uma melhoria social, possuíam todavia referências conceituais divergentes a respeito do conceito de desenvolvimento. E, por almejarem objetivos diferentes, desencadearia entre as duas, conflitos e confrontos. (DUARTE, 1996, baseando-se em BRUNEAU, 1974).

Com os protestantes, outro inimigo da igreja, jamais houve confrontos diretos. A estratégia da congregação foi dada pelo superior em carta aos padres Lorenzo e Pedro, datada de 23 de junho de 1962:

⁵¹ Quanto à situação política do Brasil, é meio confusa, as pessoas confiam no novo governo, que é uma semiditadura, porque são os militares que mandam. No momento, já fizeram muita limpeza de comunistas e encontraram grandes quantidades de armas espalhadas pelos comunistas para o levante de primeiro de maio, que não aconteceu porque os democratas se anteciparam. Parece que também vão moralizando os assuntos do governo, espulgando muita gente que vivia do roubo.

⁵² A polícia está acirrando bastante, principalmente aos criminosos e bêbados. Há pessoas que acham isso muito ruim porque querem completa liberdade, mas para nós está bom, pois é preciso limpar este país dessas pessoas, que são muitas. Outra coisa boa foi que acabaram com as mulheres da vida, que é uma peste neste Brasil.

(...) pero más aun la tranquilidad com que reciben la visita de los Pastores. Um solo consejo: no Sean amigos de ellos, pues eso desorienta a los' fieles, pero no Sean tampoco enemigos, no riñán, habrá mies para todos. (Pe. Illera, carta X, escritos Pe. Lorenzo)⁵³

Mariano Bustillo autor do livro: “Religiosos de São Pedro ad’ Vincula: uma presença que liberta”, comenta a missão dos padres Lorenzo e Pedro:

Humanamente falando, o panorama que se apresenta diante de nossos missionários não é nada lisonjeiro. Mas eles vieram por isso: porque lá há uma obra enorme para ser realizada; sentem-se chamados e apoiados pela força de Deus; são jovens cheios de entusiasmo, têm a alma de pioneiros, a audácia dos valentes, o ardor dos vencedores, o coração dos apóstolos: “Estamos animados a trabalhar pelo fiel cumprimento de nossas obrigações (...). Com estes ideais esperamos ver transformada a zona em outra, com intensa vida espiritual”. (carta do Pe. Lorenzo, 07/11/62). Atender uma dúzia de lugares semanalmente – alguns distantes mais de 100 km da base – é pesado demais para apenas dois sacerdotes; mas há outros vinte e tantos assentamentos que precisam de atendimento com alguma periodicidade.

A paisagem oferecida pelo sacerdote é a mesma já muitas vezes vistas nas cartas dos viajantes, a de um lugar inculto e atrasado: “os que nos ouvem pela primeira vez, entendem pouco.” Embora não mencione, nesta passagem, eles também não entendiam muito do que ouviam. Foi preciso, antes de assumirem a Paróquia, passaram por um período de adaptação na sede episcopal, em Uruaçu. Naquele período, aprenderam, entre outras coisas, a “chapurrar” o português.

Outro aspecto importante a ser destacado nesta passagem é o estado emergencial da missão. O padre, em seu primeiro dia de pároco, sequer aproveita a festa de recepção. Logo após a missa, “vinte meninos já esperavam para serem batizados”. “À tarde, três casamentos”. Fica, também evidenciada, a necessidade de padre na comunidade. Se assim não o fosse, certamente, numa comunidade pequena não haveria tantas crianças a serem batizadas e pessoas “esperando o padre” para se casarem.

Mariano Bustillo, já havia mencionado em seu texto, que falta de sacerdotes na região havia feito o padre Lourenzo a precocemente, sem o conhecimento da língua, celebrar batismos e substituir os padres em Itapaci.

Em carta enviada ao superior, o padre Pedro Martinez Carrizo, companheiro de missão de pe. Lourenzo, descreve como está desenvolvendo seu trabalho missionário em Mara Rosa⁵⁴:

⁵³ (...) mas mais ainda a tranquilidade com que recebem a visita dos pastores. Um só conselho: não sejam amigos deles, pois isso desorienta os fiéis, mas também não sejam inimigos, não briguem, haverá seara para todos.

⁵⁴ Esta carta também não está disponível nos “Escritos do Pe. Lourenzo.

Vou contar-lhes algo de minhas atividades neste sertão brasileiro. Começarei por meu itinerário semanal pela montanha. Passo a maior parte da vida viajando pelas capelas para poder assisti-las a todas pelo menos uma vez a cada dois meses. (...) alguns estão na montanha onde só se chega por caminhos intransponíveis para carros. Por carta, aviso a estas com 15 ou 20 dias de antecedência e, chegado o dia, alguém vem me buscar de um povoado a outro com cavalo ou carroça. Em alguns povoados, como de Arrasta-Bandeiras, que só tem 15 casa e você se encontra com a surpresa de que lhe esperam mais de 500 pessoas que vivem em casas espalhadas pelo monte, a maior parte, fazendeiros. Celebro a Missa quando posso: Uns dias uma pequeníssima capela; outros, em casas particulares e até em barracas de índios, cobertas de palhas. Numa ocasião, cheguei a um lugar, depois de mais de dez horas de carroça, por um caminho solitário, através do monte e com uma chuva pertinaz; chegamos às oito da noite e nos encontramos com um numeroso grupo de pessoas esperando que, ao ver-nos, dispararam mais foguetes que na grande festa, porque já fazia mais de dois anos que um padre não ia lá. Impressionou-me muito o saber que alguns dos que esperavam tinham suas vivendas a seis ou sete quilômetros e que naquela mesma noite, depois do encontro com o Padre, tinham que voltar às suas casas, para avisar seus familiares, vizinhos e conhecidos mais próximos, que o Padre tinha vindo; outros esperavam estes em lugares combinados e, por sua vez, comunicavam a notícia que, no dia seguinte, domingo, todos viessem à Missa. (BUSTILLO, 2001, p. 69)

O missionário ao relatar sua missão utiliza termos incomuns à região como monte e montanhas. Aqui o homem do sertão, diz: serra ou serrinha; nunca montanha ou monte. Mas, descreve com precisão, as práticas sertanejas em relação à importância que dão a presença da igreja católica, do padre.

Ele, como bom missionário, direciona sua prática à necessidade do povo, porque acredita na importância de sua missão, no valor dos sacramentos e, sobretudo, na salvação das almas.

Em seguida, o relato do padre Pedro trata das práticas relativas ao dia, à chegada ao local em que ia celebrar:

Começamos anotando os nomes dos que tinham que se casar no dia seguinte que, algumas vezes são cinco, dez ou mais casais. Em seguida costuma-se rezar o terço, aproveitando deste ato para fazer as proclamas para os casamentos. Depois costuma vir o osso duro de roer das confissões; duro, tanto pela quantidade, como porque ninguém sabe confessar-se, por muito que lhes explique em uns minutos, e porque tens de confessar necessariamente aos que fazem dois, cinco, vinte, cinqüenta anos que não se confessam ou é a primeira vez em sua longa vida que se aproximam do Sacramento; isto sucede a cada passo; é freqüente que terminemos entre as doze e uma da noite.

O aspecto embrutecido do sertanejo é aqui destacado, em relação à religião. As pessoas isoladas pelas distâncias se distanciam também dos sacramentos. Não porque queiram, mas, pelas condições que lhes eram impostas.

A ausência do padre, não significa, no entanto, o afastamento total das práticas religiosas. Prova disso, são as expressões populares, onde a fé laica se materializa na recitação

do terço, nas rezas, ladainhas, ofícios, folias, e irmandades. Nesse sentido, essas manifestações religiosas “laicas”, mobilizam as famílias do sertão em manifestação de fé, e como prática de sociabilidade.

A vida missionária no interior do município era mesmo muito imprevisível. Enquanto uns desdobravam-se para tratá-lo o melhor possível, havia também a possibilidade de ter que dormir sobre dois bancos, como aconteceu com o padre Lourenzo.

Sobre esse mesmo tema, vinte anos depois da chegada, Padre Lourenzo ainda escreve:

El trabajo no falta y continua normalmente, muchas viajes a las capillas de La zona rural, a los domingos La jornada de trabajo comienza a las siete y quince e termina a las diez e media once que llego a casa después de la misa en Estrela do Norte a las siete y media de la noche. Tengo días que regreso con sueño y as veces para descansar un poco, y luego continuar hasta Mara Rosa.” (carta, 10/12/1984)⁵⁵

Parar o carro no meio do caminho, descansar um pouco e seguir viagem, era uma estratégia utilizada para driblar o sono e o cansaço de mais de 20 anos de missão.

As dificuldades encontradas pelos missionários foram, sem dúvidas, imensas. Mas, aos poucos eles as foram transpondo, conforme relata padre Pedro, citado por Bustillo (2001, p. 70): “A cama não costuma ser boa nem regular muitas vezes e, se dormes duas ou três horas, podes estar contente, já que ora os meninos, ora os cachorros e outros animais domésticos que, com frequência costuma ter debaixo da cama, não é possível outra coisa.”

Mesmo dormindo pouco, e apesar do cansaço e desgaste físico da viagem a cavalo ou de carroça, quando o padre estava em missão na zona rural, o trabalho começava cedo, conforme atesta padre Pedro:

As confissões são retomadas as sete da manha para que os que vão chegando da montanha; na metade da manha, é celebrada a Eucaristia e são feitas novas proclamas matrimoniais; ainda bem que o Sr. Bispo nos deu poder para dispensar parentescos, proclamas e outras irregularidades: de outra forma, que fazer com estes que vem casar-se depois de viver quatro, oito ou mais anos amancebados, senão casá-los sem proclamas? As vezes, celebramos outra Missa para os que chegaram tarde.

As cartas além de registrar as dificuldades encontradas pelos padres, também permitem conhecer a configuração social e os modos de vida do sertanejo, no interior de Goiás, na década de sessenta do século 20.

⁵⁵ O trabalho não falta e continua normalmente, muitas viagens às capelas da zona rural. Aos domingos, a jornada de trabalho começa às sete e quinze e termina às dez e meia ou onze, que é quando chego à casa depois da missa em Estrela do Norte às sete e meia da noite. Há dias em que regresso com sono e às vezes para descansar um pouco, e logo continuar para Mara Rosa.”

Ao escrever ao superior em 1964, padre Lourenzo comenta: *Las lluvias ya comenzaron a caer y la carretera comienza a estar intransitable (...)*⁵⁶ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO carta 27 de janeiro de 1965). Quer dizer, começa o tempo do isolamento no sertão. Com a rodovia BR 153, intransitável, aumentam as dificuldades, pois não chegam mercadorias e produtos, correspondências ou visitantes. O mesmo acontecia com as estradas que ligavam a sede municipal aos povoados e fazendas, dificuldades aos missionários em seu labor:

El Pe. Pedro por fin se decidió hacer una vige por acima de Trombas, andando unos cinco dias a caballo. Fué en jep y no pudo continuar alén de Trombas por falta de puentes. Para el próximo va a tener más días de duración por haber entrado en contacto con moradores de esos lugares onde nunca habían pasados los padres, al menos de quince años atrás. (...) (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO carta 27 de janeiro de 1965)⁵⁷

Quanto às pessoas que habitavam esses lugares isolados mencionados pelo padre, a visita dos ad' vinculas foi uma novidade. Enquanto que para eles parece ser uma conquista, conforme atesta na carta de 29 de julho de 1965: *“Rvmo. Pe. Superior: Ontem regresse do giro missional do presente año, pelos lugares onde a maioria dos fiéis só tem a posivilidade de ver ao padre missionário uma vez por ano ou em vários.”*⁵⁸ (ESCRITOS DO PE. LOURENZO, carta de 29 de julho de 1965).

O analfabetismo era uma realidade no interior do Estado de Goiás. Padre Pedro, companheiro de missão do padre Lourenzo, relata que um trabalho duro era o de anotar os nomes dos que iriam ser batizados: *“algumas vezes, tarda-se mais de duas horas, pois não se encontra ninguém que saiba escrever e possa ajudar-te. Na última ocasião. Batizei 33; em outras, tem sido ainda mais; alguns dos neófitos já tinha onze, treze e mais anos.”* (BUSTILLO, 2001, p. 70)

Em carta, que não mencionarei a data, para não expor a identidade do prefeito citado, o padre denuncia uma prática comum entre os políticos locais: trabalhar, fazer tudo o que não fizera durante o mandato, no período próximo às eleições:

Como estamos perto das eleições para prefeitos o nosso já acordou, e começou a trabalhar com patrolas e tratores abrindo as ruas e estradas pelo Município. Cercou o cemitério, que já muito tempo eu tinha pedido numa reunião da Câmara

⁵⁶ As chuvas já começaram a cair e a estrada começa a ficar intransitável (...)

⁵⁷ O Pe. Pedro finalmente se decidiu a fazer uma viagem para além de Trombas, andando uns cinco dias a cavalo. Foi em Jipe e não pode continuar além de Trombas por falta de pontes. A próxima viagem durará mais dias por ter entrado em contato com os moradores desses lugares por onde nunca tinham passados os padres, pelo menos nos últimos quinze anos. (...)

⁵⁸: Ontem voltei da viagem missionária deste ano, pelos lugares onde a maioria dos fiéis só tem a possibilidade de ver ao padre missionário uma vez por ano ou em vários anos.

Municipal. Todo para enganar a gente e ganhar as próximas eleições, mais, eu creio que as vai perder porque a gente está muito desenganada em êle.

Em 1966, o padre informa ao superior como estão os ânimos dos brasileiros em relação ao futebol. A seleção brasileira se preparava para conquistar o tricampeonato mundial naquele ano:

Por aqui a febre do 'TRI' volta as pessoas loucas, e faz esquecer todo, até a difícil situação do Brasil. Por todo canto só si fala de futebol. As emissoes de radio, todas a mesma coisa, futebol, futebol,... críticas... e mais críticas a jogadores e preparadores. Os craques já estao concentrados e entrenandose para o 'TRI' campeonato.⁵⁹ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO, 10 de maio de 1966)

Ele percebe que a euforia dos brasileiros em relação ao futebol, ofusca a gravidade dos problemas enfrentados pelos brasileiros, durante o regime militar. Contudo, não comenta nada sobre a utilização do futebol pelos militares. Obviamente que percebia tudo. Porém, era perigoso comentar por carta uma vez que estas eram abertas pela censura do regime brasileiro e ele, claro, não queria se arriscar.

Uma função dada à carta pelo padre Lourenzo consistia em servir de registros históricos. Assim, ele escreve: *“Em 8 de dezembro em Mara Rosa foi instalado a ‘Pia união das filhas de Maria.’ (...) es la asociación que efectivamente trabaja y hace”*. Em seguida narra o processo de fundação da legião. Como exemplo do trabalho dessa associação, diz ao superior que a legião preparou os presos para a páscoa. *(carta de 19/11/1964)*. Em outra passagem comenta: *“pela primeira vez celebrou-se em Mara Rosa o 7 de setembro”*. *(carta de 11/09/1964)*.

Na carta enviada pelo padre Lorenzo ao superior Vicencio Illera, em 7 de Julho de 1964, uma das quatro primeiras conservadas no arquivo ad vincula, o missionário brasileiro conta que receberam carta da família do pe. Pedro, informando que a mãe do mesmo está muito mal. Pe. Lorenzo comenta que deverá acontecer com pe. Pedro o mesmo que aconteceu com ele próprio: a mãe morrer sem que ele estivesse presente.

A vinda dos religiosos da Congregação de São Pedro Ad Vincula para trabalhar no Brasil, foi uma experiência marcante e significativa. Isso tanto para os próprios religiosos “missionários”, como também, para a história da “pequena congregação”, como a chamavam. Os feitos, a vida cotidiana e a ação missionária daquele tempo ficaram registrados, nas

⁵⁹ Por aqui, a febre do ‘TRI’ deixa as pessoas loucas e as faz esquecer tudo, até a difícil situação do Brasil. Por todo canto só se fala de futebol. As emissões de rádio, todas falam da mesma coisa, futebol, futebol,... críticas... e mais críticas a jogadores e preparadores. Os craques já estão concentrados e treinando para o ‘TRI’ campeonato.

correspondências trocadas pelos religiosos. Os de além mar, que na ânsia de desvendar os mistérios das “selvas brasileiras”, escreviam amiúde – pelo menos nos primeiros tempos. Os daqui, não menos ansiosos por adentrar as selvas, procuram, pela via da inculturação, penetrar na condição humana das pessoas, evangelizar e incluir os viventes estranhos, dos espaços não menos incógnitos, à realidade de uma igreja universal.

Ao descrever aspectos de seu cotidiano no interior do Brasil, aqueles religiosos procuraram seguir a mesma linha de interpretação adotada pelos viajantes europeus que descreveram o sertão, desde o séc. XVIII. Daquele modo estabelecia ligações do sertão distante com um sertão já conhecido seus. Dessa forma, as representações que o padre fazia do interior do Brasil, continuava a ser distante, solitário e inculto. Era comum entre os ad’vinculas chamarem a região interiorana de “selvas brasileiras”.

Padre Illera em carta datada de 26 de outubro de 1965 comenta “(...) *yo empiezo a estar cansado de este mundo civilizado y me vienes gana de retirarme a la selva, cuanto más atrasada mejor.*”⁶⁰ (Escritos do padre Lorenzo, carta de Vicêncio Illera 25/10/1965)

Padre Lorenzo ao regresso da gira missional anual. Fala da condição humana, da união civil:

Dos casamientos, quasi a metade ja estavam unidos pelo contrato civil ou simplesmente amigados. Em duas oportunidades casei a mae e filha. Uma delas recebeu ao mesmo dia os sacramentos do batismo, crisma, confissao, comunhao e matrimônio: casou uma filha e bautizou quatro filhos. Isto pode lhes dar uma ideia de cómo estao as coisas por aquí.”⁶¹ (carta de 29/07/1965)

Na carta de 01 de fevereiro de 1962, por exemplo, padre Lourenzo comenta que foi a Goiânia de avião. Sobre o pomar que plantara diz: “*Con tantos arboles frutales de aquí a dos años no hay gitano que de conta de ellas porque será mucha fruta.*” E completa: “*Sirve de lección a los de aquí que son perezosos.*”⁶²

Pelo exposto, fica caracterizada a representação da indolência goiana e a noção de superioridade do estrangeiro sobre o autóctone, a quem “tem muito a ensinar”.

⁶⁰ “(...) eu já estou começando a ficar cansado deste mundo civilizado e me dá vontade de fugir para o mato, quanto mais atrasado melhor.

⁶¹ Dos casamentos, quase a metade já estavam unidos pelo contrato civil ou simplesmente amigados. Em duas oportunidades, casei a mãe e a filha. Uma delas recebeu no mesmo dia os sacramentos do batismo, da crisma, da confissão, da comunhão e do matrimônio: casou uma filha, batizou quatro filhos. Isso pode dar-lhes uma ideia de como estão as coisas por aqui.”

⁶² ‘Com tantas árvores frutíferas, daqui a dois anos, não há cigano que dê conta delas porque será muita fruta.’ E completa: “Isso serve de exemplo aos daqui que são preguiçosos.

Contudo, em 1967 já se inclui ao lugar e diz na carta: “*Nosotros estamos acostumbrados a esperar, porque en estos lugares es una virtud esencial (...)*”⁶³

A história de Mara Rosa está profundamente marcada pela Congregação de São Pedro Ad’ vincula. A permanência dessa congregação na paróquia de Santo Antonio modificou além do espaço geográfico e paisagístico, a vida social e religiosa da população.

O superior dos Ad Vincula, de 1970 a 1984, padre Mariano c. Bustillo, ao analisar a missão no Brasil afirma: “*Nossos padres caíram como água há muito esperada. Numerosos são os prognósticos que anunciam que, com eles, chega o progresso. A figura do sacerdote é muito mitificada nestes lugares. Uma prova disso é a ampla recepção feita a eles.*” (BUSTILLO, 2001, p. 66)

Bustillo idealiza a chegada à Mara Rosa, em suas palavras:

Quando a ‘perua’ chega, envolta numa nuvem de poeira, naquela tarde de outubro, trazendo os novos sacerdotes, os olhos de quantos os esperavam, viveram idealizada a imagem em nuvenzinhas luminosas, como correspondia àqueles mitificados personagens. (BUSTILLO, 2001, p. 66)

Os sacerdotes nos primeiros tempos, em Mara Rosa, jamais se esmoreceram diante das dificuldades encontradas. Tiveram, inclusive, de aprender a montar cavalo para fazer a gira missionária, ocasião em que visitadas as fazendas situadas no território de sua paróquia. Tiveram, no entanto, com a chegada do Jeep uma ajuda incomensurável. O veículo possibilitava visitas mais longes. Diminuíam-se assim, as distâncias.

A idéia de comprar uma condução para o missionário no Brasil parte do superior geral em 1964. Isso, após sua visita ao padre Lorenzo e, por haver conversado com os franciscanos que lhes afirmaram ser um Jeep comparado ao aumento de dois “curas”. O superior tentava conseguir um ou dois missionários de sua congregação para mandar ao Brasil, mas não conseguia. Vendo essa possibilidade de aumentar o contingente missionário, sem ter que deslocar material humano, se empenhou para que a compra do Jeep se realizasse. Em São Paulo, visita uma concessionária e constata que:

*Hay buenos descuentos en Jeep si pagando al contado, pero yo no disponía. Es pues necesario formar un capital, ir metiendo en vuestra cuenta del banco y no saquéis nada, yo también meteré algo y cuando haya un capital viajar a Sao Paulo y volverse con el Jeep.*⁶⁴

⁶³ “Nós estamos acostumados a espreguiçar, porque nestes lugares é uma virtude essencial (...)”

⁶⁴ Há bons descontos em Jipe, para quem paga à vista, mas eu não dispunha. É pois necessário formar um capital, ir colocando em vuestra conta do banco e que não saqueis nada, eu também colocarei algo e quando haja um capital viajarei a São Paulo e voltarei com o Jipe.

Após essas instruções, ele confessa que não sabe de onde sairá o dinheiro para a compra do Jeep, mas “*con una corazonada os digo que estoy seguro de que saldrá.*”⁶⁵

Pe. Vicêncio Illera era de fato um visionário, humano e solidário, que não se envergonhara de contar aos subordinados do Brasil que na viagem de volta ao meditar sobre o trabalho e as dificuldades que passavam, pela igreja e pela congregação, as lágrimas rolaram de sua face copiosamente. Chorava também de satisfação, disse ele, “*por Haber comprobado que vuestra misión era tal cual yo la había imaginado y buscado: Misión nada envidiable, olvidada, pobre y sacrificada, para Ella darse a la Iglesia y ser contrapeso de todas las otras obras de nuestra Congregación.*”⁶⁶

Ao chegar a Barcelona, Vicêncio Illera inicia as providências para a compra do Jeep. Convoca o Conselho Geral da congregação e além de outros assuntos, faz aos religiosos uma explanação dos trabalhos empreendidos pelos dois missionários Pedro e Lorenzo no Brasil. Seu discurso faz sentido para os conselheiros, que aprovam cem mil pesetas, destinadas à compra do primeiro Jeep, para a congregação no Brasil (carta 29 de abril de 1964).

Padre Lourenzo comenta que “*el jeep, es un excelente auxiliar del misionario e de la parroquia.*”⁶⁷ (Carta do padre Lourenzo. 22/10/1965)

Levando em consideração a extensão da paróquia de Santo Antonio, o jeep diminuiria distancias. Enquanto a cavalo o padre gastaria até vinte dias para percorrer os mais longínquos recantos do sertão, de jeep seria preciso apenas três ou quatro dias.

Atualmente, os padres da paróquia de santo Antonio ficam no máximo uma semana nos “gerais”, celebrando ou realizando festas.

2.1.1 Representando a vida e a morte

Em fevereiro de 1964, o sacerdote missionário Lourenzo Martinez Arias ao saber que sua mãe encontrava-se no leito de morte, apressa-se em escrever para consolá-la, abençoá-la e dar-lhe certo conforto espiritual. Esta carta merece ser aqui transcrita na íntegra pois condensa todo o pensamento e personalidade do padre, que num momento de sensibilidade, assim inicia a carta:

⁶⁵ “por intuição, vos digo que tenho certeza de que sairá.”

⁶⁶ “por ter comprovado que vossa missão era tal qual eu a tinha imaginado e procurado: Missão nada invejável, esquecida, pobre e sacrificada, para ser oferecida à Igreja e ser contrapeso de todas as outras obras da nossa Congregação.”

⁶⁷ o jipe é um excelente auxiliar do missionário e da paróquia.”

Mí queridísima madre

La paz y bendición de Dios Padre, de Dios Hijo y Dios Espíritu santo, inunde de confortación alegría y felicidad tu grande y generoso corazón, en estos sublimes momentos en que se está a un paso de la felicidad eterna.

Hayer cuando salía con el Rvmo. Pe. Superior General, recebi las dos cartas que me anunciaban tan triste noticia; quiera Dios que llegue esta carta, para que te sirva de una pequeña alegría, de este tu hijo, que por voluntad Divina, se alla ausente.

Mi querida madre, a ese sacrificio sublime que estás soportando, siento ser yo la causa de otro, al no poder estar juntito de ti en el lecho de dolor, y no poder estar estrecharme en un fuertísimo abrazo filial, mas, siendo esta la voluntad de Dios, ofrezco este sacrificio por ti, querida madre, a Dios N. Señor, para que continúe fortaleciéndote, sustentándote y purificándote en estos prosteros momentos, en que te preparas para recibir la recompensa eterna.

Mi querida madre, una grandísima emoción y alegría llenó mi corazón, junto con un profundo sentimiento de dolor al leer ese sublime sacrificio de tu vida por tu hijo misionero como por la perseverancia final de toda la familia. Sacrificio sublime de una santa madre! Que Dios se digne bendecir este heroico sacrificio! Por mi parte quiero ofrecer todos los merecimientos de mis pocas obras buenas del presente año, como también los sacrificios, sufrimientos, incomodidades, privaciones, para que la Santísima Trinidad te reciba en su seno celestial como una hostia santa, pura y inmaculada: y la sagrada Familia, de la cual fuiste tan debota, vele tus últimos momentos y en el su remo reciba tu alma y la conduzcan al paraíso sin pasar por llamas del purgatorio.

Mi querida madre, cúmplase en todo la santísima voluntad de Dios! Si el quiere llevarte para al cielo, es que llegó la hora de dejar este valle de lagrimas; es que tu misión, aquí, en la tierra, esta cumplida ' Consumatum est': es que tu lugar ya no es esta miserable tierra sino que tu lugar esta entre los bienaventurados del cielo, entre los ángeles, santos y mártires del celestial; bien cerca de la Santísima Trinidad.

Querida madre, no te apene dejar esta carne corruptible y mortal, pues según la promesa de Jesucristo ' los que murieron por El resucitaran gloriosos con Cristo ' Ya no mas con cuerpo mortal sino inmortal y glorioso. Aceite, pues con resignación y alegría, esta separación que se abre para entrar en la verdadera vida. Esta separación, será la consumación del sacrificio que tu ofreciste a Dios, e El, como recompensa viene a tu encuentro para llevarte consigo: toda vivificada con Cristo, toda radiante de vida y de esplendor de Dios. Es el encuentro de la hija con el Padre, [ha] tanto tiempo esperado. Así, querida madre, alegría y esperanza ante el premio que te espera.

Querida madre, yo quedo confortado en el Señor, en medio de profundo dolor, mas, tú vete antes el paraíso para allí continuar siendo y ejerciendo el oficio de madre. Cuidando desde ese lugar, de felicidad, de tu hijos que se quedaron. Preparanos, para todos, una morada para que un día nos podamos reunir todos juntos: padre, madre y hermanos. Aquí quedamos, pero, nunca te olvidaremos! Siete hijos religiosos! Este recuerdo ¿ no te alegra estos últimos momentos? Tienes a seis hijas religiosas a tu lado? Como te harán dulces aos momentos! Yo por esto me siento confortado. La muerte de los santos es así como la tya: tranquila y felicísima.

Querida madrecita, para terminar lo quiero hacer con recuerdos muy gratos para los dos.¿ Te acuerdas cuando nos separábamos por primera vez? ¿ cuando pequeñito, llamado por la vocación divina ponía en camino para seguir esa vocación que me conduciría el sacerdocio? ¿ Te acuerdas con la tarde del siete de octubre de 1954, un poco antes de emprender la separación, tu en el cuarto de nuestras hermanas, me distes una vela encendida, rezastes unas oraciones y al final me distes la bendición maternal? ¿ Recuerdas las lágrimas de alegría y gozo de la primera Misa, celebrada en nuestra Iglesia?! Que momentos de felicidad! Recuerda, querida madrecita esos momentos alegres para los dos. Ahora, ante otra posible separación, quiero que lo hagas con los sentimientos: y tu hijo; aquel niño que se separo, hace precisamente veinte años, y en estos momento indigno

sacerdote y misionero, desde estas tierras de misión, te envía su bendición sacerdotal:

*LA BENDICION DE DIOS PADRE, DE DIOS HIJO Y DE DIOS ESPIRITO SANTO, DESCienda SOBRE MI QUERIDA MADRE, Y PERMANEZCAS SIEMPRE EM LA PAZ DEL SENOR”’. AMÉM*⁶⁸

Tu hijo y sacerdote: Pe. Lorenzo Martínez.⁶⁹ (carta padre Lourenzo, 6 de fevereiro de 1964)

⁶⁸ Grifo do autor da carta

⁶⁹ Minha queridíssima mãe:

Que a paz e a bênção de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo inundem de conforto, alegria e felicidade o teu grande e generoso coração, nestes sublimes momentos em que estás a um passo da felicidade eterna.

Ontem, quando saía com o Reverendíssimo Padre Superior Geral, recebi as duas cartas que me anunciavam tão triste notícia; queira Deus que chegue esta carta, para que te sirva de uma pequena alegria, deste teu filho, que por vontade Divina, se encontra ausente.

Minha querida mãe, além desse sacrifício sublime que estás suportando, sinto ser eu a causa de outro, ao não poder estar juntinho de ti no leito de dor, e não poder apertar-te em um fortíssimo abraço filial, mas, sendo esta a vontade de Deus, ofereço este sacrifício por ti, querida mãe, a Deus Nosso Senhor, para que continue fortalecendo-te, sustentando-te e purificando-te nestes últimos momentos, em que te preparas para receber a recompensa eterna.

Minha querida mãe, uma grandíssima emoção e alegria encheu o meu coração, junto com um profundo sentimento de dor, ao ler esse sublime sacrifício da tua vida por teu filho missionário como pela perseverância final de toda a família. Sacrifício sublime de uma santa mãe! Que Deus se digne a abençoar este heróico sacrifício! De minha parte, quero oferecer todos os merecimentos das minhas poucas boas obras do presente ano, como também os sacrifícios, sofrimentos, incomodidades, privações, para que a Santíssima Trindade te receba no seu seio celestial como uma hóstia santa, pura e imaculada: e a Sagrada Família, da qual foste tão devota, vele teus últimos momentos e no Supremo receba a tua alma e a conduza ao Paraíso, sem passar pelas chamas do purgatório.

Minha querida mãe, cumpra-se em tudo a Santíssima Vontade de Deus! Se Ele quer te levar para o céu, é que chegou a hora de deixar este vale de lágrimas; é que a tua missão, aqui na terra está cumprida ‘Consumatum est’; é que o teu lugar já não é esta miserável terra, mas entre os bem-aventurados do céu, entre os anjos, santos e mártires do celestial, bem perto da Santíssima Trindade.

Minha querida mãe, não te entristeças de deixar esta carne corruptível e mortal, pois segundo a promessa de Jesus Cristo ‘os que morreram nEle, ressuscitarão gloriosos com Cristo’, já não mais com corpo mortal, mas imortal e glorioso. Aceite, pois, com resignação e alegria, esta separação que se abre para entrar na verdadeira vida. Esta separação será a consumação do sacrifício que tu ofereceste a Deus, e Ele, como recompensa, vem ao teu encontro para te levar consigo: toda vivificada com Cristo, toda radiante de vida e de esplendor de Deus. É o encontro da filha com o Pai, [há] tanto tempo esperado. Assim, querida mãe, alegria e esperança ante ao prêmio que te espera.

Querida mãe, eu fico confortado no Senhor, no meio de profunda dor, mas tu, vai, antes, ao paraíso para alí continuar sendo e exercendo o ofício de mãe, cuidando desde esse lugar, da felicidade dos teus filhos que ficaram. Prepara-nos, para todos, uma morada para que um dia possamos nos reunir todos juntos: pai, mãe e irmãos. Aqui, ficamos, mas nunca te esqueceremos! Sete filhos religiosos! Esta lembrança não te alegra estes últimos momentos? Tens seis filhas religiosas ao teu lado. Como te farão doces esses momentos! Eu, por isso, me sinto confortado. A morte dos santos é assim como a tua: tranqüila e felicíssima.

Querida mãezinha, para terminar, quero fazê-lo com lembranças muito gratas para os dois. Lembra-te quando separávamo-nos pela primeira vez? Quando pequenino, chamado pela vocação divina me punha em caminho para seguir essa vocação que me conduziria ao sacerdócio? Lembra-te da tarde do dia sete de outubro de 1954, um pouco antes de iniciar a separação, tu, no quarto das nossas irmãs, me deste uma vela acesa, rezaste umas orações e no final me deste a bênção maternal? Lembra-te das lágrimas de alegria e gozo pela primeira Missa, celebrada na nossa Igreja? Que momentos de felicidade! Lembra-te, querida mãezinha, esses foram momentos alegres para os dois. Agora, ante outra possível separação, quero que o faças com os sentimentos; e teu filho, aquele menino que se separou há precisamente vinte anos, e, nestes momentos, indigno sacerdote e missionário, desde estas terras de missão, te envia sua bênção sacerdotal:

‘A BÊNÇÃO DE DEUS PAI, DE DEUS FILHO E DE DEUS ESPIRITO SANTO DESCENDA SOBRE A MINHA QUERIDA MÃE E PERMANEZCAS SEMPRE NA PAZ DO SENHOR. AMÉM!’

Teu filho e sacerdote: Pe. Lorenzo Martínez

No momento em que sua mãe se prepara para partir deste mundo, seu filho sacerdote, lembra-lhe que irá ao céu para continuar sua missão maternal, pois de lá continuará velando pelos seus. Promete-lhe que não será esquecida, pelos que deixa aqui na terra, posto que, deixa sete filhos religiosos, seis mulheres e ele.

Com muito carinho, começa o último parágrafo da carta com “querida madrecita”, e recorda todo o seu caminho de vocacionado até culminar com o sacerdócio, ordenação, primeira missa.

Esta carta, não alcançou sua querida mãe com vida. Quando recebe a notícia da morte de sua mãe ocorrida na Espanha, escreve uma carta comovente ao pai e irmãos. Afirma que a morte deve ser encarada: “*por los principios da fé católica*”⁷⁰ que professamos e deve ser recebida com resignação cristã pois, “*La morte de los santos no es perdida sino lucro, ganancia. Dejan esta miserable vida en cambio de una licidad eterna. Para ellos la muerte es la libertadora que abre las puertas de la prisión (que es esta vida)*”⁷¹ (carta 22 de fevereiro de 1964).

Quanto à sua condição de missionário no Brasil tê-lo tirado do convívio da família e, conseqüentemente, não estar presente nos momentos de dor e sofrimento de sua querida mãe em seus últimos dias de vida ele argumenta:

*Muchisimo senti yo causa, em el aumento, de lo sufrimiento em su última hora.! No poder estar su lado para consolarla!...! No poder decirle algunas palabras de vida eterna, de conforto!. Si para ella fué un aumento em los sufrimientos, también fué para el hijo que no la olvidó ningún día, que no dejó un día sin elevar un oración al cielo por Ella, y que no celebrou una Santa Misa sin tenerla presente, y na sus últimos momentos! El hijo está a muchos Miles de kilómetros da madre! Todo esto es doloroso, más, si esta fué la voluntad de dios, bendita sea siempre. Yo ofrecí este sacrificio por Ella.*⁷² (Padre Lourenzo carta 22 de fevereiro de 1964)

Por fim, encerra a carta agradecendo e enviando uma benção a todos que a assistiram em seus últimos dias, e afirmando que não pode estar presente, por expressa vontade de Deus.

De acordo com Lefebvre, as representações, num perpétuo movimento, nascem e renascem a cada momento:

⁷⁰ pelos princípios da fé católica.

⁷¹ “A morte dos santos não é prejuízo, mas lucro e ganho. Deixam esta miserável vida em troca de uma felicidade eterna. Para eles, a morte é a libertadora que abre as portas da prisão (que é esta vida).

⁷² *Muitíssimo me sentí eu causa do aumento do sofrimento em sua última hora. Não ter podido estar ao seu lado para consolá-la!...! Não poder dizer-lhe algumas palavras de vida eterna, de conforto! Se para ela foi um aumento nos sofrimentos, também o foi para o filho que não a esqueceu nenhum dia, que não deixou um dia de elevar uma prece ao céu por ela, e que não celebrou uma Santa Missa sem tê-la presente, e na dos seus últimos momentos! O filho está a muitos milhares de quilômetros da mãe. Tudo isto é doloroso, mas, si esta foi a vontade de Deus, bendita seja sempre! Eu ofereci este sacrifício por ela.*

*Las representaciones nacen perpetuamente. En cada momento, a partir de un fondo (ni sustancia ni instancia) sin fundamento asegurado – mi cuerpo, mi cerebro, mis nervios, mi memoria, las palabras de que dispongo – se engendra el proceso que va de la energía elemental y burda de las ‘pulsiones’ a las proposiciones sutiles, de los afectos e las representaciones sofisticadas. Recorro todos os niveles, toda las escalas, todos os registros de las representaciones. Los temas generales – la naturaleza, la muerte, el sexo, el espíritu, los poderes, el trabajo, el dinero – resumen las orientaciones que pueden tomar en cada momento esos brotes, orientaciones confusamente sugeridas por tal objeto, pero distintas de él, constitutivas de una subjetividad que no tiene nada de una esencia determinada de antemano, y tampoco nada de existencia autónoma.*⁷³ (LEFEBVRE, 1978, p. 95)

As representações da morte assentidas pelo padre Lourenzo, também não têm existência autônoma. Estão, essencialmente em conformidade com a noção apresentada pela fé cristã e católica que a vê como passagem, porta para uma vida eterna e cheia de glórias para os justos. Ele mantém, inclusive, o mesmo discurso quando se trata de seu próprio fim, conforme veremos a seguir.

2.2 Padre Lourenzo: memória da doença

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão uma interpretação.

Leonardo Boff

Apreendemos memória como a capacidade humana de reter fatos, vivências e experiências do passado, e transmitimo-la por meio de diversos suportes empíricos, (SIMSON, 2000). Refutando assim, a noção de memória, vista apenas como processo parcial e restrito do lembrar. Assim, as possíveis unilateralidades, restrições e esquecimentos, são tomados como parâmetros para se compreender os referenciais do sujeito da memória.

Entre os suportes empíricos da memória já referidos encontram-se os registros escritos. No caso dos escritos do padre Lourenzo, encontramos primeiro os acontecimentos

⁷³ *As representações nascem perpetuamente. Em cada momento, a partir de um fundo (nem substância, nem instância) sem fundamento assegurado – meu corpo, meu cérebro, meus nervos, minha memória, as palavras de que disponho – se gera o processo que vai da energia elementar e grosseira das ‘batidas cardíacas’ às proposições sutis dos afetos e às representações sofisticadas. Percorro todos os níveis, todas as escalas, todos os registros das representações. Os temas gerais – a natureza, a morte, o sexo, o espírito, os poderes, o trabalho, o dinheiro – resumem as orientações que podem tomar em cada momento esses brotes, orientações confusamente sugeridas por tal objeto, mas distintas dele, constitutivas de uma subjetividade que não tem nada de uma essência determinada de antemão, e também não tem nada de existência autônoma.*

eleitos pelo autor para serem dados a conhecer aos superiores de sua congregação, demonstrando as preocupações do sacerdote em registrar, para resguardar-se do esquecimento. Todavia, nos escritos, encontramos muito mais que apenas as suas realizações materiais e imateriais. Neles estão marcas, vestígios de representações do autor também.

Por meio das informações contidas em um boletim interno da Congregação, intitulado “currículo”⁷⁴, que foi preenchido manualmente pelo Padre Lourenzo, conhecemos aspectos de sua vida, sensibilidades e representações.

No documento, nosso interlocutor informa que nasceu em Sardonedo, Espanha em 16 de junho de 1931; sua onomástica é celebrada em 10 de agosto. Iniciou sua vida religiosa ao ingressar como aspirante ao sacerdócio em Barcelona, no ano de 1943, e o noviciado em 1947. A primeira profissão religiosa se deu em 15 de setembro de 1948 e a profissão perpétua ocorreu em 1953. Foi ordenado presbítero em 13 de julho de 1958. De acordo com o referido documento sua formação foi: Magistério, Filosofia, Teologia, curso de aperfeiçoamento ao magistério. Curso de parapsicologia, atualização teológica, pastoral de saúde, pastoral catequética.

No quesito “ocupaciones”, padre Lourenzo diz que quando ainda residia em Barcelona, havia assumido apenas pequenas atribuições, e que suas maiores responsabilidades se deram quando assumiu a missão no Brasil. Ocupou os seguintes cargos: Pároco de Mara Rosa – a partir de 03-10-1961; Diretor da Escola São Pedro – de 1962 a 1969 e Diretor do colégio Castelo Branco – de 1969 a 1974. Também foi Superior Responsável [superior local da congregação no Brasil] – de 1961 até 1990. Fora, ainda, reeleito para 1990 a 1994.

No item “Declaraciones íntimas”, as perguntas foram respondidas de forma direta. Assim, destacamos a primeira pergunta: “Por qué me hice religioso: (origen de mi vocación) [ele responde] No tuvo ningun sinal extraordinário. – familia muy piedosa? Hermanas ya religiosas? Pocos meses antes era contrario. – Llamado más fuerte de Dios? [com a mesma caligrafia e tinta mais escura, o que denota ter sido escrito posteriormente], escreve: ‘sin duda’”.

A segunda pergunta do item citado anteriormente é: “Por qué sigo sendo religioso”. Ele assim responde: “*por que siento el llamado de Dios – su voluntad. E porque en la vida religiosa tengo mas condiciones de cumplir una misión sublime e divina.*”⁷⁵

⁷⁴ Trata-se de um questionário. Este documento encontra-se anexado no volume “Escritos do Padre Lourenzo”.

⁷⁵ porque sinto o chamado de Deus – sua vontade. E porque na vida religiosa, tenho mais condições de cumprir uma missão sublime e divina.

A terceira pergunta foi: “*Rasgos principales de mi carater*”⁷⁶. Ele responde: “*Alegre – Calmo – optimista – confiante*.”⁷⁷

A resposta dada ao item: “*Mi principal defecto*”, foi: “*poca lectura*” – *desornado*⁷⁸. Ele reconhecia ler pouco, e se o fazia é porque sentia falta dessa prática. Mas, não havia tempo para ler. Conforme declarou várias vezes, ele se ocupava mais do outros que de si, visitando as casas dos paroquianos, estreitando os laços de amizade, celebrando missas, assistindo casamentos ou atendendo confissões. Em suma, prestando assistência sacerdotal à comunidade.

A resposta à pergunta seguinte é reveladora da vida missionária. A pergunta foi: “*ocupo mi tiempo libre em*”⁷⁹: A resposta dada pelo padre Lorenzo foi: assuntos parroquiales e otras obligaciones⁸⁰. O espaço para as respostas nesse questionário era restrito. Contudo, ele se esqueceu aqui de mencionar as pescarias no rio Crixás que fazia acompanhado do senhor Genésio Sartori⁸¹, os pic-nics e as excursões que fazia com os alunos e professores da escola São Pedro, conforme registrou em cartas.

A pergunta seguinte foi: “*Mi sueño dorado*”.⁸² A resposta foi: “*santidad e perseverancia final na vida religiosa*.”⁸³ Essa resposta é reveladora da personalidade do padre. À primeira leitura a resposta parece pretensiosa, irreal. Ao invés de dizer que gostaria de ser bispo, cardeal, papa, morar em Roma, fazer uma viagem..., diz: *santidad e perseverancia, final na vida religiosa*. A nosso ver, conseguiu realizar seu sonho dourado. Pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*⁸⁴, aprovada em 1964, fica estipulado o que pode ser *santidad*:

Todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Tess. 4,3; cfr. Ef. 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos. A prática destes conselhos, abraçada sob a moção do Espírito Santo por muitos cristãos, quer privadamente quer nas condições ou

⁷⁶ Traços principais do meu caráter.

⁷⁷ “Alegre – calmo – otimista – confiante.”

⁷⁸ “Meu principal defeito”, foi: “pouca leitura – desordenado.

⁷⁹: “ocupo o meu tempo livre em:

⁸⁰ “assuntos paroquiais e outras obrigações.”

⁸¹ Genésio era um dos melhores amigos do padre Lourenzo, também era um dos benfeitores mais assíduos da paróquia, embora não participasse diretamente da vida paroquial. Contou-nos a senhora Áurea, viúva do senhor Genésio, assim como os vizinhos do casal que o padre Lourenzo era também freqüentador assíduo da casa do senhor Genésio. Contudo, em nenhuma carta há qualquer menção ao senhor Genésio Sartori.

⁸² “Meu sonho dourado”.

⁸³ “santidad e perseverança final na vida religiosa.”

⁸⁴ Capítulo V: *A vocação de todos à santidade na Igreja*.

estados aprovados pela Igreja, leva e deve levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade. (Lumen Gentium, citado por ANDRADE, 2008, p. 244)

Procurando viver à imitação de Cristo, ele em seu “estado aprovado pela igreja”- padre – procurou viver, exemplarmente, em sua terra de missão.

O papa Bento XVI, em sua Homilia da celebração eucarística na solenidade de Todos os Santos, de 01 de novembro de 2006, indaga: “Mas como é que podemos tornar-nos santos, amigos de Deus?” e prossegue:

A esta interrogação pode-se responder antes de tudo de forma negativa: para ser santo não é necessário realizar ações nem obras extraordinárias, nem possuir carismas excepcionais. Depois, vem a resposta positiva: é preciso, sobretudo ouvir Jesus e depois segui-lo sem desanimar diante das dificuldades. “Se alguém me serve Ele admoesta-nos que me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há de honrá-lo” (Jo 12, 26). Quem nele confia e o ama com sinceridade, como o grão de trigo sepultado na terra, aceita morrer para si mesmo. Com efeito, Ele sabe que quem procura conservar a sua vida para si mesmo, perdê-la-á, e quem se entrega, se perde a si mesmo, precisamente assim encontra a própria vida (cf. Jo 12, 24-25). A experiência da Igreja demonstra que cada forma de santidade, embora siga diferentes percursos, passa sempre pelo caminho da cruz, pelo caminho da renúncia a si mesmo. As biografias dos santos descrevem homens e mulheres que, dóceis aos desígnios divinos, enfrentaram por vezes provações e sofrimentos indescritíveis, perseguições e o martírio. Perseveraram no seu compromisso, “vêm da grande tribulação lê-se no Apocalipse lavaram as suas túnicas e branquearam-nas no sangue do Cordeiro” (Ap 7, 14). Os seus nomes estão inscritos no livro da Vida (cf. Ap 20, 12); a sua morada eterna é o Paraíso. O exemplo dos santos constitui para nós um encorajamento a seguir os mesmos passos, a experimentar a alegria daqueles que confiam em Deus, porque a única verdadeira causa de tristeza e de infelicidade para o homem é o facto de viver longe de Deus. (ANDRADE, 2006, p. 244)

No questionário havia a indagação sobre qual seria o personagem admirado pelo religioso na atualidade. Lourenzo afirmou (1990) considerar dois modelos: Jesus e Maria.

Considerando ser o padre Lourenzo de uma família piedosa de formação católica, compreende-se a escolha dos personagens escolhidos, pois Jesus é o mártir dos mártires, aquele que segundo a Bíblia é o sacrifício perfeito. E, Maria é a mãe de Jesus, aquela cuja concepção foi imaculada, criada para a missão especial de ser a mãe do Salvador, Jesus Cristo. É considerada modelo de missionária por ter sido fiel à sua missão, até o fim. Lembrando que, segundo um dogma da Igreja Católica, Maria foi assumida ao céu, onde se encontra intercedendo pelos fiéis.

A resposta dada por Lourenzo à pergunta seguinte demonstra quão estafante era à vida missionária no “coração do Brasil”. Perguntado sobre o que estava lendo, a resposta foi: “*poco tiempo para lectura. – Leo poco.*” Ou seja, não estava lendo nenhum livro!

Nesse pequeno documento, o missionário fissioniano dá a conhecer hábitos, pensamentos e concepções. Revela nesse “currículo”, como em muitos dos demais escritos, que era um homem muito fiel à missão evangelizadora a ele confiada por seu superior. E que, era portador de uma fé admirável, além de uma perseverança incontestável, pelos mais de trinta anos de estafantes serviços prestados ao povo de Mara Rosa.

Seja no “*curriculum*”, quanto nas outras cartas, Lourenzo representou o resumo de sua vida. E, assim “a carta” cumpre sua missão de reveladora da experiência e do contexto no qual o autor encontrava-se inserido.

2.2.1 Memórias do fim

Até 1990 seu estado de saúde era considerado por ele, bom: “*em general es bueno con una propensión a diabetes.*”⁸⁵ (Escritos do pe. Lourenzo). No entanto, um ano depois teria que ser submetido a uma cirurgia na vesícula. E, em 27 de março de 1992, dois anos depois de haver afirmado estar bem de saúde, fora internado às pressas. Essa internação causou muita preocupação entre os paroquianos e entre os religiosos. Ciente dessa preocupação, o padre escreve:

*Aproximando-se el primer aniversario (2-4-91), ocasión en la que sometido a una operación cirurgica para extirpar una infección en la vesícula, quiero ponerles en al corriente con informaciones más recientes sobre el estadual actual en me encuentro de salud, dado que es una preocupación de todos y esto es normal.*⁸⁶ (carta 27 de março de 1992. Escritos do padre Lourenzo)

Uma preocupação do padre era com suas obrigações religiosas, pois a semana santa da quaresma era já a próxima, por isso ele mesmo tendo passado muito mal resistia à internação, conforme escreve:

El 21 de marzo me llevaron, medio a la fuerza, para Goiânia, colocando-me un coche e un chofer frente a la puerta de casa y diendome: quieras o no quieras, ahora vás para Goiânia a tratar de tu salud, pues, realmente mi cuerpo estaba siendo tomado de color amarillo por causa de que la bilis no podía circular por el canal biliar por estar obstruido por una infección. Yo me resigné porque estaba viendo la realidad de mi estado. En la víspera quisieron llevarme y yo no acepté. (...). El médico de aquí dijo que La situación era grave y que tenía que ir para

⁸⁵ em geral, é bom, com uma predisposição à diabetes.”

⁸⁶ *Aproximando-se o primeiro aniversário (2-4-91), ocasião em que submetido a uma operação cirúrgica para retirar uma infecção na visícula, quero atualizar-lhes com informações mais recentes sobre o ‘estado atual de saúde em que estou, dado que é uma preocupação de todos e isto é normal*

*Goiânia, que podría ser epatites (sic) o una infección. En goiânia al primer examen ya constataron que no se trataba de epatites. En los días siguientes me hicieron una serie de examens para apreciar el estado general del cuerpo que estaba aumentando el color amarillo. Jueves Santo fui internado y sometido a medicamentos preparatorios para la cirugía que se dió el día dos de abril, en la cual, como ya dije anteriormente me extirparon la vesícula, cortaron el canal biliar que impedía la circulación de la bilis y lo injertaron con otra parte del intestino. (...).*⁸⁷ (carta 27 de março de 1992. Escritos do padre Lourenzo)

Na seqüência ele comenta que não experimentou nenhuma dor ou sofrimento no pós-operatório. Apenas a fraqueza própria a quem é operado. Comenta que a falta de sofrimento é por ele interpretado como uma grande graça de Deus, mas que para o povo trata-se de milagre, devido às muitas orações, pedidos, promessas, novenas y sacrificios que os fieis fizeram por ele. Para corroborar, ele conta:

*Como entre paréntesis, ayer fui a confesar una mujer muy enferma y con casi ochenta años y me contó que había rezado mucho por mi salud, piendo a Dios y a nuestra Señora aparecida que yo no podía morir, que tenía que ser curado para celebrar misa para el pueblo y lo hacía arrodillada encima de ladrillos para ella sufrir por mí.*⁸⁸ (carta 27 de março de 1992. Escritos do padre Lourenzo)

Esse episódio ilustra o carinho, consideração e amor das pessoas da comunidade para com seu pároco. Demonstra a importância que davam a ter um sacerdote para celebrar a missa, pois naquela época como hoje, o contingente de padres é bastante reduzido.

Em toda produção escrita o autor, constrói uma imagem. É por isso que Foucault ao falar sobre o ato de escrever cartas afirma:

Escrever é, pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. (FOUCAULT, s/d, citado por GUIMARÃES E OLIVEIRA)

⁸⁷ *No dia 21 de março, levaram-me, meio à força, para Goiânia, pondo-me um carro e um motorista na frente da porta da casa e dizendo-me: queiras ou não queiras, agora vais para Goiânia para tratar da tua saúde, pois, realmente o meu corpo estava sendo tomado pela cor amarela por causa de a bilis não poder circular pelo canal biliar, por estar obstruído por uma infecção. Eu me resignei porque estava vendo a realidade do meu estado. Na véspera quiseram levar-me e eu não o aceitei. (...) O médico daqui disse que a situação era grave e que tinha que ir para Goiânia, que poderia ser hepatite (SIC) ou uma infecção. Em Goiânia, no primeiro exame, já constataram que não se tratava de hepatite. Nos dias seguintes, fizeram-me uma série de exames para avaliar o estado geral do corpo que estava cada vez mais amarelo. Na Quinta-Feira Santa, fui internado e submetido a medicamentos preparatórios para a cirurgia que aconteceu no dia dois de abril, na que, como eu falei anteriormente, tiraram-me a vesícula, cortaram o canal biliar que impedia a circulação da bilis e o enxertaram com outra parte do intestino. (...)*

⁸⁸ *Como entre paréntesis, ontem fui confessar uma mulher muito doente e com quase oitenta anos que me contou que tinha rezado muito por minha saúde, pedindo a Deus e a Nossa Senhora Aparecida que eu não morresse, que tinha que ser curado para celebrar missa para o povo e o fazia ajoelhada encima de tijolos para ela sofrer por mim.*

O trecho a seguir, extraído da carta de 27 de março de 1992 que trata do estado de saúde do sacerdote, no pós-operatório, é conclusivo para se perceber o fervor missionário de padre, evidências de suas representações:

*Como pueden observar mi estado, gracias a Dios, está bien y espero que no vuelva a repetirse e así pueda desempeñar con más amor, con más fervor y más dedicación a la labor misionera, aquí, donde me encuentro bien a gusto y sin intención de cambiar es trabajo por otro más fácil o cómodo.*⁸⁹ (escritos do padre Lourenzo, carta de 27 de março de 1992)

O retorno do padre Lourenzo ao médico que lho tratava se deu, conforme ficou marcado, no mês de junho de 1992. Em 26 de setembro do referido ano, padre Lourenzo ao responder a uma correspondência enviada por sua irmã Paulina Martínez Arías, nos coloca a par de seu estado de saúde:

*Pasando a las noticias que todos estáis esperando, y las tengo recientes de semana anterior, le tengo que decir que no son nada alegres. Mas, son la realidad de mi estado físico, y no debo mentir. En junio [1992] hice el retorno, como estaba previsto, y no constataron nada de anormal (...) ante este estado el Dr. Me marcó el próximo retorno para junio de 93. De junio para cá, continué la misma tonada de vida sin sentir nada de malestar y permitiéndome comer algunos alimentos que debería evitar. El primer domingo de este mes, sentí un malestar y fraqueza, mas, pensé que era debido a unas frutas que comí e ya estaban ácidas. Así continuó por varios días sin impedirme de llevar una actividad normal y completa. El sábado pasado (19) enquanto estaba bendiciendo las nuevas instalaciones del edificio de Correos de Mara Rosa, sentí un temblor en todo el cuerpo que duró una media hora. Terminada la bendición fui al hospital, me mandaron hacer exámenes de sangre y fue constatado mucha alteración y síntomas de infección interna.*⁹⁰ (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 26 de setembro de 1992)

No domingo, o padre José Maria, religioso da mesma congregação à qual pertencia o padre Lourenzo, residente na casa da congregação em Goiânia, chegou a Mara Rosa para apanhar o padre Lourenzo e levá-lo à Goiânia para uma consulta com o médico que o tratava.

⁸⁹ *Como podem observar, meu estado, graças a Deus, está bem e espero que não volte a se repetir o problema e, assim, eu possa desenvolver com mais amor, com mais fervor e mais dedicação o trabalho missionário, aqui, onde me encontro bem a vontade e sem a intenção de trocar este trabalho por outro mais fácil ou cômodo.*

⁹⁰ *Passando às notícias que todos estão esperando, e as tenho recentes, da semana passada. Tenho que dizer-lhes que não são nada alegres, mas são a realidade do meu estado físico, e não devo mentir. Em junho [1992], fiz o retorno médico, como estava previsto, e não constatarem nada de anormal (...) frente a este estado, o doutor agendou-me o próximo retorno para junho de 93. De junho para cá, continuei o mesmo ritmo de vida sem sentir nada de incômodo e permitindo-me comer alguns alimentos que deveria evitar. No primeiro domingo deste mês, senti um mal-estar e fraqueza, mas pensei que era por causa de umas frutas que comi e que já estavam ácidas. Assim continuou por vários dias, sem me impedir de levar uma atividade normal e completa. No sábado passado (19), enquanto estava abençoando as novas instalações do edifício dos Correios de Mara Rosa, senti um tremor em todo o corpo que durou uma meia hora. Terminada a bênção, fui ao hospital, mandaram-me fazer exames de sangue e foi constatada muita alteração e sintomas de infecção interna.*

Feitos os exames de sangue, nada foi detectado. Assim, o médico solicitou uma tomografia computadorizada do abdômen superior, a qual foi realizada no dia seguinte, conforme conta à irmã:

Al día siguiente de mañana fui a una clínica para hacer El examen y el resultado no podía ser peor: infección en varias partes del abdomen. Ante este nuevo estado, marcó internamiento para el jueves día 01-10-91, para un tratamiento de quimioterapia.⁹¹ (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 26 de setembro de 1992)

Após informar sobre os acontecimentos recentes e seu estado atual de saúde, conta à irmã como seus paroquianos receberam a notícia de sua grave doença:

La comunidad se está movimentando con encuentros ante El Santísimo Sacramento, novenas y otras penitencias. Ahora, diez de noche, acaban de salir aquí de casa los carismáticos. El grupo de intercesión vino a rezar por mi. El día de hoy fue un entrar e salir continuo de fieles que venían a interesarse por mi estado, hasta dos pastores protestantes vinieron para decirme que todos sus fieles estarán orando por mi salud.⁹² (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 26 de setembro de 1992)

Conforme visto, o pároco de Mara Rosa era muito querido pelos mararrosenses, inclusive pelos não católicos. Ele faz questão de manifestar à irmã que, certamente, está preocupada com o irmão missionário nas “selvas brasileiras”.

Mas o padre mantém-se sereno diante da possibilidade de morte, tanto é verdade que finaliza a carta assim:

Como todos tenemos nuestro fin marcado, para después receber la recompensa que dios nos tiene reservada, especialmente a aquellos que perseveraren fieles, debemos estar siempre preparados para cumplir la voluntad de dios. Sí debemos pedir los favores a dios, como el mismo nos manda: Pedí y recevereie... también debemos recordar la oración de Jesús en el Huerto de Getsemaní: no se cumpla mi voluntad, mas la tuya⁹³. (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 26 de setembro de 1992)

Porém, não termina sem demonstrar todo o seu otimismo e esperança: “*Terminado me despido con un cariñoso abrazo, esperando vernos el próximo año.*” (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 26 de setembro de 1992)

⁹¹ *No dia seguinte de manhã, fui a uma clínica para fazer o exame e o resultado não poderia ser pior: infecção em várias partes do abdomen. Diante deste novo estado, foi marcada a internação para a quinta-feira dia 01-10-91, para um tratamento de quimioterapia.*

⁹² *A comunidade está se movimentando com encontros diante do Santíssimo Sacramento, novenas e outras penitências. Agora, dez da noite, acabam de sair daqui de casa os carismáticos. O grupo de intercessão veio rezar por mim. No dia de hoje, foi um constante entra e sai de fiéis que vinham saber do meu estado, até os dois pastores protestantes vieram para me dizer que todos os seus fiéis estão orando pela minha saúde.*

⁹³ *Como todos temos o nosso fim marcado, para depois recebermos a recompensa que Deus nos tem guardada, especialmente àqueles que perseverarem fiéis, devemos estar sempre preparados para cumprir a vontade de Deus. Sim, devemos pedir favores a Deus, como Ele mesmo nos manda: Pedí e receberéis... também devemos nos lembrar da oração de Jesus no Jardim do Getsêmani: não se cumpra a minha vontade, mas sim a tua.*

Em 19 de outubro de 1992 padre Lourenzo escreve ao superior geral para contar como está o tratamento com quimioterapia que está fazendo em Goiânia, e reafirma desejar que seja feita a vontade de Deus e não a dele.

(...) me siento satisfactoriamente bien, sin dolor, con un poco de malestar intestinal a causa de los remedios, con muchas esperanzas que todo terminará bien, pues, dios no va dejar de atender las muchas oraciones y súplicas que todos los días se elevan a su trono pidiendo la salud del padre⁹⁴. (Escritos do Padre Lourenzo. Carta 19 de outubro de 1992)

Esta foi a última carta escrita pelo padre Lourenzo, das que encontramos no acervo. O desfecho soubemos em conversas informais com os moradores que acompanharam o martírio e resignação do missionário fissioniano até o túmulo.

⁹⁴ (...) sinto-me satisfatoriamente bem, sem dor, com um pouco de mal-estar intestinal por causa dos remédios, com muitas esperanças de que tudo acabe bem, pois, Deus não vai deixar de atender as muitas orações e súplicas que todos os dias são elevadas ao seu Trono, pedindo a saúde ao Pai.

3. REALIZAÇÕES AD VINCULA EM MARA ROSA: OS LUGARES, A MEMÓRIA, O ESQUECIMENTO

Nos fragmentos guardados pelo padre Lourenzo, no livro do tombo da paróquia de santo Antonio, encontramos recortes de jornais que testemunham suas atividades.

As fotografias são, por assim dizer, parte do que foi vivido. Revelam aquilo que se pretende guardar e mostrar para os outros. Dessa forma, a fotografia exerce a função de suporte da memória, não necessariamente representa o que aconteceu de fato, mas um ponto para se reconstruir a história que ela ajuda a contar. (FERNANDES E PARK, 2006)

Abaixo podemos perceber, ao centro, a figura do padre Lourenzo, ladeado pela comissão de políticos de Mara Rosa. A inscrição original da foto relata que essa comissão foi recebida pelo Governador e autoridades estaduais.



Figura: 8. Comissão de Mara Rosa integrada por chefes políticos e pelo pe. Lourenzo.
Fonte: livro do tombo paróquia Santo Antonio de Mara Rosa.

Somente fazer parte de uma comissão desse tipo, já demonstra o interesse do pároco de Mara Rosa, pelos assuntos relacionados à política. Reinatto e Moreyra (2005) assinalaram em pesquisas, cujas fontes foram à tradição oral, que o padre Lourenzo também estava na comissão que reivindicou que a BR 153 não fosse desviada 9 km da sede municipal:

Com o golpe de 64, e por ser esta região caracteristicamente vinculada ao PSD (Partido social Democrático), as forças de oposição aproveitaram a oportunidade para deslocar a estrada para uma distância de 9 quilômetros além de onde já se encontrava [era a avenida principal de Mara Rosa]. Nem mesmo o deslocamento constante de importantes representantes políticos e religiosos, como o Sr. Amado Rosa, o padre Lourenço e o padre Pedro, conseguiu fazer com que as autoridades retomassem o projeto de construção original da Rodovia.

E na carta enviada ao superior geral da congregação em 1966, padre Lourenzo comenta sobre suas tentativas de dialogar com as autoridades estaduais e federais a fim de reverter o traçado da Rodovia Br 153, no sentido de que esta após o asfaltamento, continuasse a ser a avenida principal da cidade, conforme vemos a seguir:

(...) La carretera de Brasília a Belém, que ahora pasa por Mara Rosa, mas que estan haciendo un desbio, para quitar una curva, com lo que quedará a unos diez kilómetros de La carretera general. Um contratiempo, pues, La carreta nos iba muy bien por las buenas comunicaciones con las otras ciudades, y tiene una influencia grande en la población. Hemos hecho algunas tentativas ante el gobierno y en Brasília, mas, sin resultado positivo.⁹⁵ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA 9 DE DEZEMBRO DE 1966)

A posse de chefe do executivo municipal é outro momento em que a autoridade eclesiástica paroquial é convidada a celebrar uma missa em ação de graças pela nova administração. O sacerdote aproveita o momento da homilia para comentar os aspectos sociais e políticos que considera relevantes para o município. A homilia proferida pelo padre Lourenzo na missa de posse do prefeito eleito, Amado Olímpio Rosa (1977-1982), ilustra esse costume e o envolvimento do sacerdote na política local. Guardar esse recorte de jornal, significa a relevância do momento para o sacerdote.

Ele inicia sua fala exaltando a importância da celebração litúrgica no ato de posse de um político, pois para ele, tal celebração representa o reconhecimento de “Deus como princípio e fim de todas as coisas”. E, ao mesmo tempo, lembra que naquele ato, a reunião de fiéis católicos e convidados, em assembléia, não tem conotação política. Mas, significa prestigiar as autoridades que tomam posse e, outrossim, demonstrar a esperança depositada na nova administração. Também, alerta a nova administração para que não caia na ilusão de administrar apenas com palavras. As pessoas anseiam por “realidades”, significando obras públicas, melhoramentos diversos em um município em que muito havia por se fazer. Lembra que o julgamento de sua administração será feito, nas urnas, nas próximas eleições.

⁹⁵ (...) A estrada de Brasília a Belém agora passa por Mara Rosa, mas estão fazendo um desvio para eliminar uma curva, com isso ela ficará afastada uns dez quilômetros da estrada principal. Um contratempo, pois, a estrada nos faria muito bem por causa da boa comunicação com as outras cidades, e tem uma grande influência na população. Fizemos algumas tentativas perante o governo e em Brasília, mas sem resultado positivo.

Nessa homilia, o padre aborda uma prática corrente entre os grupos políticos vencedores das eleições que é a perseguição aos vencidos. Aconselha a buscar uma conciliação entre os grupos políticos a fim da promoção do bem comum, uma vez que as perseguições pessoais geram as exclusões e injustiças, além de prejudicar a administração. O padre, encerrou sua homilia, alertando que erros cometidos pela administração anterior, não justificarão os erros que poderão vir a ser cometidos no futuro.



A presença da Igreja na Nova Administração

EXMO. SR. DR. CARLOS ROBERTO BRAGA DO CARMO
DD. PREFEITO
EXMO. SR. AMADO OLÍMPIO ROSA - DD. PREFEITO
ELEITO
JOVENS VEREADORES...E DEMAIS AUTORIDADES
CAROS SENHORES, SENHORAS E JOVENS PRESENTES!
NESTE ATO.

Estamos aqui reunidos para dar início - aos atos oficiais que hão de ser realizados - com motivo da posse das novas autoridades - Municipais, eleitas pelo voto no último pleito de novembro.

Para dar início aos atos de posse, nenhum outro é mais indicado que este, de que estamos participando: oferecendo um sacrifício de ação de graças a Deus, reconhecendo-o como princípio e fim de todas as coisas. E ao mesmo tempo queremos pedir as luzes e as inspirações divinas para que as novas autoridades, possam realizar um governo baseado na honestidade, na justiça e no amor fraterno.

Estamos, também, reunidos não representando um determinado grupo político (a política já passou), mas como Comunidade religiosa e Municipal, para prestigiar os atos de posse das novas autoridades, e dando provas de que temos fé e confiança nelas e que também esperamos muito delas, apesar das dificuldades econômicas que afetam tanto ao Estado como a Federação.

Nestas oportunidades, estamos acostumados a ouvir palavras e frases escolhidas e bonitas, mais que poucas vezes chegarão a ser realidades. Mais, tenham presente, prezadas autoridades, que as Comunidades já não se conformam com palavras ou promessas, exigem realidades. E nas próximas eleições saberão pagar-vos em conformidade com vossa administração e realidades.

Desde o início de vossa administração, procurai buscar harmonia entre todos os grupos (políticos) para formar uma Comunidade Municipal unida, e com a ajuda de todos, será mais fácil lograr uma boa administração. Esse esforço da classe de perseguição e determinação por causa políticas e sobretudo quando as pessoas afetadas desempenham com toda honestidade e cumprem com seu dever, seu afastamento possa trazer prejuízos a Comunidade Municipal. A perseguição e a injustiça geram o ódio e as inimizades. Os erros administrativos anteriores, não justificarão os erros que possam vir a acontecer na próxima administração. O passado já pertence a história e nós devemos construir o futuro, baseado no progresso, na paz e na justiça social.

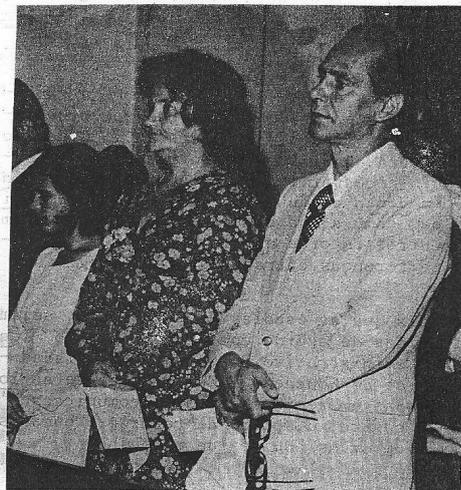


Figura 9: Missa da posse do prefeito de Mara Rosa senhor Amado Olímpio Rosa ocorrida em 1977.
Fonte: Livro do tomo da Paróquia de Santo Antonio em Mara Rosa.

O padre também esteve envolvido na educação. Primeiramente, na Escola da Congregação e, depois, no serviço público, como diretor do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco.

Como sujeito da memória, o padre participa da realidade da memória individual e coletiva, e assim, pode em um processo de “negociação”, conciliar a memória coletiva e a individual, no sentido de se formar uma base comum. Isso significa que na memória estão contidas sensibilidades e experiências individuais; subjetividades, experiências e participação em episódios comuns ou de conhecimento geral. Pois, conforme Pollak, é possível participar da memória também “por tabela”. Por meio dos registros escritos de suas memórias, pe. Lourenzo criou a memória da presença ad vincula na cidade de Mara Rosa. E, essa criação caminhou, de certa forma, junto com a criação dos lugares de memória.

Lugares de memória na acepção de Pierre Nora são lugares materiais onde a memória social se aporta e pode ser alcançada pelos sentidos; são lugares funcionais cuja “função” é a de alicerçar memórias coletivas. Também são lugares simbólicos onde a memória coletiva revela a identidade local. (NORA, 1993)

Percebe-se que os lugares de memória jamais são espontâneos, revelam, antes, interesses e paixões provenientes de processos sociais que os gestaram e iconizaram para as futuras gerações. São portanto, construções:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Os arquivos da Congregação de São Pedro ad vincula guardaram os “escritos do padre Lourenzo”. E ele, ao mesmo tempo que como lugar de memória representa a condensação da visão de um missionário em sua morada, onde viveu e morreu, contém também a comprovação da materialização dos monumentos construídos, pelo padre fissioniano em nome de sua “pequena congregação” como a chamavam.

Esses lugares são os seguintes:

3.1 Escola São Pedro

O “lugar de memória” por excelência da congregação de São Pedro ad Vincula é, sem dúvida, a Escola São Pedro.

Assim que os dois padres da Congregação de São Pedro ad Vincula chegam à Mara Rosa, percebem a precariedade no ensino, pela ausência de quem ensinasse e de locais de ensino. Motivados à missão em todos os sentidos da formação humana, cogitaram abrir uma escola paroquial. Contudo, a posição do superior naquele momento, não era favorável, conforme se pode ver na carta de novembro de 1961, cujo parecer é que *“no están experimentados en eso de dar aula y por lo tanto es mejor que de momento no pongan la escuela parroquial (...)”*.⁹⁶ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO.CARTA DE 29 DE NOVEMBRO DE 1961). Ele os aconselha a ministrar aulas em escola estadual para aprender o funcionamento de uma escola e, posteriormente, em um ano ou dois, quando já se sentirem seguros, então, poderiam iniciar a escola paroquial. Em tom amigável, assevera: *“Usted puede pues hacer lo que le parezca, pero ya sabe que haciendo esto que le digo tiene mi parecer y aprobación.”*⁹⁷ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO.CARTA DE 29 DE NOVEMBRO DE 1961)

Mariano Bustillo afirma que, como os religiosos estavam ansiosíssimos para iniciar suas atividades no magistério, *“uma possibilidade era assumir a direção de um grupo escolar que o Estado tinha em construção em Mara Rosa.”* (BUSTILLO, 2001, p. 72) Naquela época, (1961), o Estado preferia sempre entregar a direção de escolas a sacerdotes e religiosos, uma vez que, a formação do magistério autóctone era deficiente.

Contudo, os padres não poderiam naquele momento, assumir a direção de uma escola, pois a exigência desse cargo poderia limitar sua missão evangelizadora. Preferiram propor ao governo que lhes emprestasse umas salas para que pudessem por em funcionamento como escola paroquial. Seu projeto foi aceito e, no dia 08 de março de 1962, a *“ Escola Paroquial são Pedro ad Vincula’ abria suas portas em duas salas de aula emprestadas.”* (BUSTILLO, 2001, p. 72). Permaneceram dessa forma por dois anos. Os dois padres da congregação, pe. Lourenzo e pe. Pedro, ficaram lecionando nas séries iniciais, até que pudessem construir sua sede própria.

O projeto da construção de uma escola paroquial não foi esquecido. Chega à Mara Rosa, o bispo da diocese de Uruaçu D. Francisco Prada, aos seis dias do mês de outubro de 1963, para proceder a benção solene da *“primeira Piedra de nuestro Colégio de San Pedro de Mara Rosa, o sea de la primera casa que la Congregación de San Pedro ad*

⁹⁶ *“não são experientes nisso de dar aulas e portanto é melhor que, no momento, não se estabeleça a escola paroquial (...)”*

⁹⁷ *“Você pode fazer o que achar melhor, mas já sabe que fazendo isto que lhe digo, tem o meu parecer e aprovação.”*

Vincula, tiene en tierra de misiones del Brasil y en el Estado de Goiás.”⁹⁸ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO, CARTA 7/10/1963)

No dia seguinte à benção da pedra fundamental, começaram os trabalhos nos alicerces de duas salas de aula. Pelos planos do religioso, estas seriam suficientes para atender cerca de cento e cinquenta alunos. As aulas aconteceriam nos períodos matutino e vespertino.

Dez dias depois, padre Lorenzo escreve, entusiasmado, para informar que as obras do colégio já haviam começado e que seriam construídas duas salas de aula. Cheio de esperanças conta que houvera recebido a promessa de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) para a construção do colégio, advindo de um deputado ao qual havia solicitado. Conta com mais dois milhões que virão do Pe. Ruiz secretário do Ministério da Educação.⁹⁹ (Pe. Lorenzo, 20/10/63)

Contudo, em carta posterior, o sacerdote reclama que a verba prometida pelo deputado, após haver sido aprovada pela assembléia de Goiânia, foi vetada pelo governador do Estado, o Dr Mauro Borges Teixeira. Imediatamente, a providência do padre foi a de perpetrar outro pedido de Cr\$ 400.000,00, enviar muitos atestados, certificados e requisições e continuar aguardando.

Pela carta de 19 de dezembro de 1963, soubemos que as paredes do colégio já estavam erguidas a uma altura de 3.80m. Porém, a obra havia sido paralisada por falta de numerários e, em seu benefício, o padre já havia conseguido arrecadar sessenta novilhos, cuja venda serviria para comprar a madeira para a cobertura.

Em 9 de abril de 1964, a Escola São Pedro Ad Vincula começou a funcionar em sede própria com cadeiras e mesas emprestadas do grupo escolar de Santa Tereza, cedidas pelo então prefeito, que por amizade ao sacerdote, lhe emprestara os móveis. Os primeiros professores foram os dois padres fissionianos: Lorenzo Martinez Arias e Pedro Martinez Carrizo. Além deles, também uma senhorita mineira, que segundo o padre, apesar de não ser normalista, os ajuda muitíssimo.

No mês de junho de 1964 quando escreve ao superior, os pensamentos do padre Lorenzo já estão povoados de novas construções para o colégio, cogitando iniciar as obras já em meados de agosto do mesmo ano. Em 19 de novembro, afirma que as obras das novas salas de aula já estão bastante adiantadas, estando prevista a inauguração para “daqui a um mês e meio.”

⁹⁸ “*Pedra Fundamental do nosso Colégio de São Pedro de Mara Rosa, ou seja da primeira casa que a Congregação de São Pedro Ad Vincula tem em terras de missões no Brasil e no Estado de Goiás.*”

⁹⁹ Em dezembro de 1963, um novilho era vendido entre oito e onze mil cruzeiros.

Com o golpe militar ocorrido no Brasil em 1964, ocorreu a queda de vários prefeitos, inclusive do prefeito de Santa Tereza, e assim, o padre se prepara para devolver as mesas e cadeiras escolares. Aproveitando de um retiro na capital para estudar o concílio vaticano II, vai até a secretaria de educação e ganha para a escola paroquial mesas duplas (...)

Posteriormente, constrói mais salas de aula e, administra a escola São Pedro até a chegada das irmãs assunção para ajudá-lo.

3.2 O Jeep

Embora os sacerdotes, nos primeiros tempos em Mara Rosa jamais tivessem esmorecido diante das dificuldades encontradas, sendo inclusive obrigados a aprender a montar cavalo para fazer a gira missionária, ocasião em que visitavam as fazendas situadas no território de sua paróquia, tiveram no Jeep uma ajuda incomensurável. Este diminuía as distâncias, o que possibilitava aos padres irem além, conforme expresso na carta de 8 de junho de 1964:

(...) mi primera obligación es la de agradecer a Recia. Y a toda la Congregación, la ayuda material prestada a estos dos miembros, que trabajan por la conquista universal de Cristo. Por nuestra parte quedamos con la obligación, ante la Congregación, hacer servir el jeep, “misionario”, para la parroquia, para las almas e para la Congregación y en fin un jeep para la gloria de Dios. Confiamos en vuestras fervorosas oraciones, para que con ese medio de apostolado, indispensable en estas latitudes, podan “os servos inuteis “multiplicar su celo misional, a la vez que lograr un copiosísimo fruto espiritual en nuestra Parroquia, donde es grave el grito de Cristo” las mies es mucha y los operarios son pocas.¹⁰⁰ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO, carta de 8 de junho de 1964)

Conforme visto, o jeep era para o padre Lourenzo, um missionário, um instrumento que possibilitava multiplicar sua presença e a do padre Pedro, seu companheiro missionário. Ao agradecer a Congregação pelo o jeep, ele faz uma análise da situação local e diz: a messe é grande e os operários poucos. Para saber o tamanho da messe, ele transcreveu os limites de sua jurisdição paroquial conforme abaixo:

¹⁰⁰ (...) *minha primeira obrigação é a de agradecer a Recia e a toda a congregação, a ajuda material prestada a estes dois membros que trabalham pela conquista universal de Cristo. De nossa parte, ficamos com a obrigação, diante da congregação, de prestar serviço com o jipe “missionário” para a paróquia, para as almas e para a congregação e, em fim, um jipe para a Glória de Deus. Confiamos nas suas fervorosas orações, para que com esse meio de apostolado, indispensável nestas latitudes, possam “os servos inúteis” “multiplicar o seu zelo missionário e, ao mesmo tempo, obter um abundante fruto espiritual na nossa paróquia, onde é grave o grito de Cristo “a seara é grande e os obreiros são poucos.”*

Limites da Paróquia de Amaredoeste

Nós, D. Francisco Prada Camara, C.M.F. por ordem de Deus e Santa. Se. Apollonia, Bispo de Mauau
 Aos que estas Nossas Letras Lerm, ouvidação, e por
 um N. Senhor.

Fazemos saber que com o último reajustamento, este, por ocasião da criação da Diocese de Mauau, foi separado um pequeno território da paróquia de Parangatu, hoje da Prelazia de Cristalândia, território que queremos seja anexado como de facto o anexamos à Paróquia de Santo Antonio de Amaro Leste. Territórios que tem estes limites: Corrego Sto. Antonio, Cabeceiras do Rio de Ouro este acima até o Rio Santa Tereza, por este acima até o Corrego Sto. Antonio.

Mauau, 22 de Outubro de 1961

Francisco Prada Camara, C.M.F.
 Bispo de Mauau

Pe. Eusebio Leue
 Secretário do Bispo

Figura 10: Cópia dos limites da paróquia de Santo Antonio feita pelo padre Lourenzo.
 Fonte: Livro do tombo da paróquia Santo Antonio – Mara Rosa.

Conforme podemos ver, era bastante extensa a jurisdição da Paróquia sob a responsabilidade do Padre Lourenzo.

Se olharmos o mapa dos atuais municípios podemos localizar os domínios da paróquia de Santo Antonio. No tempo do padre Lourenzo, os municípios de Amaralina, Nova Iguaçu e Alto Horizonte, ainda faziam parte do município de Mara Rosa. Contudo, a divisão eclesiástica não corresponde à jurisdição política. Assim, caberiam à assistência do pároco de Mara Rosa, o território correspondente aos atuais os municípios de: Mara Rosa (que englobava: Amaralina, Alto Horizonte, Nova Iguaçu), Santa Tereza, Formoso, Trombas, Estrela do Norte. E, posteriormente, também os municípios de Campinaçu e Minaçu.



Figura 11: Microrregião de Porangatu.

Fonte: Mapas das Microrregiões de Goiás – IBGE. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepim/>

Quando o padre Vicêncio Illera esteve em visita à paróquia, em fevereiro de 1964, sentiu a necessidade de adquirir uma condução própria para os dois missionários no Brasil.

O superior tentava conseguir um ou dois missionários de sua congregação para mandar ao Brasil, mas não conseguia. Vendo a possibilidade de aumentar o contingente missionário sem ter que deslocar material humano, se empenha para que a compra do Jeep se realize. Em São Paulo visita uma concessionária e constata que:

*Hay buenos descuentos en Jeep si pagando al contado, pero yo no disponía. Es pues necesario formar un capital, ir metiendo en vuestra cuenta del banco y no saquéis nada, yo también meteré algo y cuando haya un capital viajar a Sao Paulo y volverse con el Jeep.*¹⁰¹ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA DE 4 DE MARÇO DE 1964)

¹⁰¹ Há bons descontos em Jipe, para quem paga à vista, mas eu não dispunha. É pois necessário formar um capital, ir colocando em vuestra conta do banco e que não saqueis nada, eu também colocarei algo e quando haja um capital viajarei a São Paulo e voltarei com o Jipe.

O superior confessa não saber de onde sairá o dinheiro para a compra do Jeep, mas “*con una corazonada os digo que estoy seguro de que saldrá.*” (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA DE 4 DE MARÇO DE 1964)

Pe. Vicêncio Illera conta nesta mesma carta que na viagem de volta à Espanha ao meditar sobre o trabalho e as dificuldades que passavam os dois primeiros missionários da congregação no Brasil, pela igreja e pela congregação, as lágrimas rolaram de sua face copiosamente. Chorava também de satisfação, disse ele, “*por haber comprobado que vuestra misión era tal cual yo la había imaginado y buscado: Misión nada envidiable, olvidada, pobre y sacrificada, para Ella darse a la Iglesia y ser contrapeso de todas las otras obras de nuestra Congregación.*”¹⁰² (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA DE 4 DE MARÇO DE 1964)

Ao chegar a Barcelona Illera conta que inicia as providências para a compra do Jeep. Convoca o Conselho Geral da congregação e, além de outros assuntos, faz aos religiosos uma explanação dos trabalhos empreendidos pelos dois missionários Pedro e Lorenzo, no Brasil. Seu discurso faz sentido para os conselheiros, que aprovam cem mil pesetas destinadas à compra do primeiro Jeep, para a congregação, no Brasil (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. carta 29 de abril de 1964)

O primeiro jeep foi comprado de segunda mão e causou muito sofrimento aos padres, pois sempre necessitava de reparos. Posteriormente, adquiriram um jeep zero quilômetro para percorrerem a região de formoso e Trombas na gira missionária. Este foi comprado com uma verba enviada à congregação como ajuda dos alemães aos países subdesenvolvidos.

Em 1972 padre Lourenzo compra um fusca que, muito mais econômico, certamente contribuiu para que as despesas da paróquia se diminuíssem.

3.3 O sete de setembro

Na carta de 11 de setembro de 1964, que o padre Lourenzo escreveu ao superior da congregação, ficou registrada a realização do primeiro 7 de setembro em Mara Rosa. A narração é detalhada e reveladora das práticas e costumes da década de 1960, na região, conforme veremos:

¹⁰² “por ter comprobado que vossa missão era tal como eu a tinha imaginado e procurado: Missão nada invejável, esquecida, pobre e sacrificada, para ser oferecida à Igreja e ser contrapeso de todas as outras obras da nossa Congregação.”

Comenzaré por comunicarle que acabamos de celebrar hace uns días “a grande data do Brasil: 7 de setembro, dia da independéncia.” (...) Es la primera vez que se celebra em Mara Rosa. El pueblo se acudió todo a presenciar el desfile. Comenzó la fiesta com la asistencia de los alunos a la santa Misa, a las 6:30. A las siete nos reunimos em el colégio y aquí comecemos el desfile y nos encontramos com los alunos del grupo escolar frente a la prefectura, donde nos esperaban algunas de las autoridades. Logo fuimos invitados a sentarnos em la mesa de las autoridades. A continuación tubimos discursos, cantos, poesias por parte de los alunos de ambos educandarios. [Escola José Feliciano e Escola São Pedro]¹⁰³

De acordo com o relato do padre, terminada essa primeira parte, o desfile prosseguiu pelas ruas da parte da cidade, por onde ainda não haviam passado. Ao passar pela Escola São Pedro, o presidente da câmara municipal se encontrava a postos para astear a bandeira nacional, enquanto os alunos cantavam o hino nacional. Em seguida, marcharam em direção ao grupo escolar e repetiram o feito.

Padre Lourenzo prossegue o relato informando que a comemoração foi uma festa nacional muito animada que agradou tanto às autoridades quanto às pessoas. Comenta que o comportamento dos alunos naquele dia, superou as expectativas. Por isso, como recompensa promoveu um pic-nic. Contudo, não foram somente alunos e professoras, “*también tuvimos que hacer una invitación general para asistir, porque ya ante lo habian hecho las professoras del grupo. Aquí tienen esa costumbre.*”¹⁰⁴

O referido pic-nic ocorreu numa quinta-feira e,

Además de los alunos, unos sessenta e cinco, pués no fueron todos, fueron otras personas: como madres, padres, hermannos, familiares y otras personas que no eran nada, entre los que había mozos y mozas. Mas o menos fuimos unas cem personas. El lugar escogido fue el rio Santa Tereza. (...) también habiamos invitado a los alunos del grupo escolar de esa ciudad a realizar algunas competiciones esportivas. Todo salió bie, cada un llevó su comida. Se beñaron quanto quisieron y a las dos y media salimos para estrela do Nort, donde no recibieron los alunos con toda pompa, saliendo a nuestro encuentro cantados el hino nacional y otros cánticos. Realizamos los juegos y después nos vino la mayor sorpresa: un beredadero banquete para la toda comitiva, ofrecido por las profesoras y por el prefecto. Esto ciertamente no lo esperabamos. Al final agradecí toda eses homenages y los invité para ir a Mara Rosa, lo que naturalmente aceptaron. El camión iba engalanado con papelas y pamcartas com saludos a los alunos y pueblo em general, y esto que los movió a hacer tanto preparativos em nosso favor. Em fin, la primera excursión fue maravillosa, y

¹⁰³ *Começarei comunicando-lhe que acabamos de comemorar, há uns dias, “a grande data do Brasil: 7 de setembro, dia da Independência.” (...) É a primeira vez que é celebrada em Mara Rosa. O povoado todo apareceu para assistir ao desfile. A festa começou com a participação dos alunos na Santa Missa, às 6h30. Às sete, nos reunimos no colégio e, aqui, comecemos o desfile e nos encontramos com os alunos do grupo escolar em frente da Prefeitura, onde nos esperavam algumas das autoridades. Logo, fomos convidados a sentarmo-nos na mesa das autoridades. Continuando, tivemos discursos, cantos poesias por parte dos alunos de ambas escolas [a Escola José Feliciano e a Escola São Pedro].*

¹⁰⁴ “também tivemos que fazer um convite geral para assistir, porque as professoras do grupo já o tinham feito antes. Aqui têm esse costume.”

*todos quedaron encantados y en la espera de otra. La noticia deseguida se esparció por todos los lugares.*¹⁰⁵ (Escritos do Padre Lourenzo, carta 11 de setembro de 1964)

Conforme se observa, padre Lourenzo não tem dificuldade em adaptar-se aos costumes locais, ao contrário, esforça-se para se inserir no contexto, ou seja, ser um mararrosense.

Outras atividades incentivadas pelo padre foram: os campeonatos esportivos, as gincanas, as excursões. De uma desta, há no arquivo da Paróquia de Santo Antonio, vários recortes. São de uma foto da carava feita em excursão, publicada em algum jornal local, que o padre guardou.

Tratava-se da primeira turma de concluintes (38) alunos do curso ginásial do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco de Mara Rosa, acompanhados por seus professores e do então diretor do colégio o padre Lourenzo, o qual aparece na foto, na margem direita, marcado por um xis (x) feito à caneta azul, creio que por ele mesmo.



Figura 12: Excursão primeira turma de formandos do colégio Castelo Branco.

Fonte: Livro do toambo paróquia Santo Antonio.

¹⁰⁵ Além dos alunos, uns sessenta e cinco, pois não todos compareceram, foram outras pessoas: como mães, pais, irmãos, familiares e outras pessoas que não tinham nenhuma relação com os alunos, entre os quais havia moços e moças. Mais ou menos éramos umas cem pessoas. O lugar escolhido foi o Rio Santa Tereza. (...) também tínhamos convidado aos alunos do Grupo Escolar dessa cidade a participarem de algumas competições esportivas. Tudo saiu bem, cada um levou a sua comida. Tomaram banho o quanto quiseram e às duas e meia da tarde, saímos para Estrela do Norte, onde os alunos foram recebidos com muita pompa, saindo ao nosso encontro cantando o Hino Nacional e outros cânticos. Realizamos os jogos e depois veio a maior surpresa: um verdadeiro banquete para a toda a comitiva foi oferecido pelas professoras e pelo prefeito. Isto certamente não o esperávamos. Finalmente, agradei toda essa homenagem e os convidei para irem a Mara Rosa, o que naturalmente aceitaram. O caminhão já enfeitado com papéis e cartazes com saudações aos alunos e ao povo em geral e isto foi o que os motivou a fazerem tantos preparativos para nós. Em fim, a primeira excursão foi maravilhosa e todos ficaram encantados e à espera de outra. A notícia em seguida se espalhou por todos os lugares.

3.4 A sede paroquial

A sede da paróquia de Santo Antonio que se encontrava no povoado de Amaro Leite foi trasladada para Mara Rosa a partir de janeiro de 1965:

*D. Prada, a pedido nuestro, trasladó la sede parroquial de Amaro Leite para Mara Rosa, así que La Parroquia, a partir de primeros años se llama: Parroquia de Santo Antonio de Mara Rosa. El Patrón Titular de la parroquia quedo el mismo, quedando Santa Teresa del Niño Jesús como patrona de la ciudad.*¹⁰⁶(ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA, 27 DE JANEIRO DE 1965)

Embora a sede da Paróquia tenha sido trasladada, a imagem de Santo Antonio original teve que ficar na capela de Amaro Leite pois: *“Pela primeira vez na história da paróquia, celebramos a festividade do padroeiro na nova sede paroquial de Mara Rosa. Trouxe durante a novena a imagem de Santo Antonio, ‘lho que disgustou’ ao povo de Amaro Leite, mas, logo terminada a festa a levei [de volta à amaro Leite].”*¹⁰⁷. (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA, 29 DE JULHO DE 1965)

As celebrações na nova sede paroquial se davam na pequena matriz construída no período do mandato político do prefeito Antonio Caldeira que programou a construção. Quinze anos depois da chegada dos ad vinculas, a pequena matriz de Mara Rosa já não comportava a quantidade de fiéis que freqüentava as missas. Assim, em 1976, padre Lourenzo empreende uma campanha para angariar fundos, e iniciar a construção de uma matriz nova, cuja pedra fundamental foi implantada em 8 de maio de 1977.

O argumento do padre ao superior para a construção da nova matriz era o de que a atual matriz era pequena, as pessoas participavam das missas em pé, e que havia comprado doze mil hóstias, dado o aumento do número de fiéis na paróquia.

A construção dessa nova matriz exigiu muito trabalho e mobilização da sociedade mararrosense. Por isso, tornou-se um marco da presença ad’vincula. O padre pessoalmente organizou quatro comissões, a saber: 1) de bezzeros; 2) de arroz; 3) de cimento; 4) de tijolos. A empreitada de arrecadar bezerros para serem leiloados e, assim, angariar fundos para a construção da nova matriz, coube ao pároco. Na carta de 23 de março de 1976, informa ao superior já haver conseguido 77 (setenta e sete) bezerros de oito meses a um ano de idade. A

¹⁰⁶ D. Prada, a pedido nosso, mudou a sede paroquial de Amaro Leite para Mara Rosa, assim que a paróquia, nos seus primeiros anos tinha o nome de “Paróquia de Santo Antônio de Mara Rosa.” A padroeira titular da paróquia ficou a mesma, permanecendo Santa Tereza do Menino Jesus, como padroeira da cidade

¹⁰⁷ *“Pela primeira vez na história da paróquia, celebramos a festividade do padroeiro na nova sede paroquial de Mara Rosa. Trouxe durante a novena a imagem de Santo Antonio, o que desgostou ao povo de Amaro Leite, mas logo, terminada a festa, a levei [de volta à amaro Leite].”*

campanha de arroz ficou sob a responsabilidade dos homens, a de cimento coube aos jovens. E, finalmente as mulheres dos cursilistas da paróquia se responsabilizaram por conseguir seis milheiros de tijolos. Nesta mesma carta, padre Lourenzo conta que no domingo seguinte será escolhido por meio de eleição, uma comissão economica administrativo que o ajudará, na administração e aplicação dos bens da paróquia.

Em 10 de julho de 1978, o pároco de Mara Rosa padre Lourenzo escreve um “Informe geral dos seis últimos anos da vice-província do Brasil “. Nele, consta que a matriz de Mara Rosa com seus 590 m² encontrava-se com toda a estrutura de cimento e telhado de alumínio prontos, e já iria iniciar a segunda etapa planejada que era a colocação de portas, vitros e teto.

Em 4 de fevereiro de 1981, escreve que pensa em não desfrutar de suas férias de direito (cinco em cinco anos), pois, pretende inaugurar a igreja em 3 de outubro de 1981, quando completa 20 anos de sua chegada à Mara Rosa. Informa, ainda, que está sendo concluído o piso da nova matriz. Assim, segundo informações contidas na mesma carta, ficam faltando: o forro, a pintura e alguns pequenos detalhes, uma vez que o sistema de som já se encontra instalado, e os ventiladores comprados.

Contudo em 18 de outubro de 1983, ao escrever ao superior, padre Lourenzo comenta que pretende inaugurar a nova matriz no ano seguinte, pois, ainda faltam os novos bancos. O forro, feito por um espanhol chamado Henrique, segundo o padre ficou muito bonito e é admirado por todos. Era em gesso decorado à mão. As luzes todas modernas e bonitas, segundo ele.

Em 10 de dezembro de 1984, a matriz de Mara Rosa ainda não tem bancos, pois, o padre informa ao superior que chegaram de Rondonia sete metros cúbicos de madeira para serem empregados na construção dos mesmos. Faltavam chegar mais quatro metros, pois, necessitariam de onze metros cúbicos de madeira para se fazer os bancos da nova matriz. De posse de toda a madeira, faltava por perto, alguma serraria que pudesse serrá-la. As serrarias eram de pequeno porte e incapazes para serrar as tábuas compridas inteiriças. A solução foi enviar a madeira para o norte de Goiás (hoje Estado do Tocantins) há 840km de distância para que fosse serrada. Essa escolha causou um enorme problema para o padre Lourenzo. A madeira enviada para a tal serraria, de lá não retornava. Isso obrigou o padre Lourenzo a ir até o local onde se encontrava a madeira da paróquia e, lá, ajudar a serrá-la e até a carregar o caminhão com a referida madeira, conforme atesta na carta de 5 de maio de 1984. Nesta mesma carta, ele conta que os novos bancos foram feitos em Mara Rosa e, que foram estreados em dezembro, na “missa do galo”.

Essa igreja que tanto labor custou ao padre Lourenzo e aos seus paroquianos, segundo consta de suas diversas cartas, tornou-se irrecuperável na concepção dos padres diocesanos que o sucederam, por questões estruturais.

Hoje ela se encontra praticamente toda demolida, o formato original concebido como moderno pelo padre Lourenzo e que era uma marca de sua presença na comunidade foi bastante modificado e em nada se parecerá ao que era a matriz construída pelo padre Lourenzo conforme pode-se ver a seguir.



Figura 13: Igreja Matriz construída pelo Padre Lourenzo em reforma (Fotografada em 01/03/2011).



Figura 14: Prospecto da nova matriz de Mara Rosa.

3.5 O colégio Castelo Branco

De acordo com as informações contidas na carta enviada pelo padre Lourenzo ao superior, em 13 de dezembro de 1967, para que se construíssem o “ginásio estadual”, o governo expropriou a Cr\$ 200.000, quatro lotes da congregação, adquiridos a Cr\$ 10.000 e a Cr\$ 25.000. Conforme o que vem praticando o governo em outros lugares, a direção do colégio deverá ser entregue à Congregação, supõe o padre que já planeja aceitar de pronto uma vez que para ele:

Si no lo propone, según sean las condiciones, lo aceptaremos, pues nos interesa tener en nuestras manos a los jóvenes, en los que hemos de cifrar nuestras esperanzas de apostolado, para el día de mañana tener ciudadanos competentes en todos los sectores, porque ellos serán nuestra ayuda.¹⁰⁸ (ESCRITOS DO PADRE LOURENZO. CARTA DE 13 DE DEZEMBRO DE 1967)

¹⁰⁸ *Se nos propõem, de acordo com as condições, o aceitaremos, pois nos interessa ter em nossas mãos aos jovens, nos que devemos depositar nossas esperanças de apostolado, para no futuro ter cidadãos competentes em todos os setores, porque eles serão nossa ajuda.*

As intenções do padre eram as melhores e o povo acolhia e apoiava sempre seus projetos. A direção do ginásio estadual foi, de fato dada ao religioso que um ano depois, buscava religiosas para ajudar-lhe. Na carta de 11 de dezembro de 1968, ele informa ao superior que está aguardando resposta de duas congregações femininas para trabalhar no colégio estadual.

3.6 As religiosas

Tendo trabalhado por quase seis anos (desde 1968), para conseguir uma congregação feminina para assumir o colégio Estadual Presidente Castelo Branco, finalmente em 1974, na carta que escreve em 8 de maio, padre Lourenzo passa a narrar a triunfal chegada das irmãs assunção à Mara Rosa:

(...) La llegada a Mara Rosa fue apoteótica, pues aquí se da mucha importancia a las cosas exteriores, se dio el día 17 de febrero del año en curso, a las dos de la tarde. Media hora antes, de noventa a cien y cinco coches e muchos fieles las estábamos esperando a diez kilómetros donde parte de la carretera federal,(...) Poco antes de la hora marcada llegó el Sr. Obispo y después lo hicieron la comitiva de religiosas que irían a quedarse aquí, en número de veinte y tres.¹⁰⁹ (ESCRTOS DO PADRE LOUENZO. CARTA DE 8 DE MAIO DE 1974)

O ato seguinte do cerimonial foi apresentar as religiosas às autoridades locais. Estavam presentes: o juiz e promotor de justiça, prefeito, a câmara de vereadores, o chefe de polícia etc. Em seguida rumaram para Mara Rosa, em fila indiana que media um quilômetro ou mais. Ao chegarem à Mara Rosa:

(...) los fieles ya estaban esperando y llenó de alegría toda la ciudad que no habis presenciado una manifestación de esa natuleza, dimos una paseata por la avenida principal en medio de una nove de povo levantada por los coches y en estruendo que habian lo cohetes en grande numero.¹¹⁰ (ESCRTOS DO PADRE LOUENZO. CARTA DE 8 DE MAIO DE 1974)

¹⁰⁹ (...) A chegada a Mara Rosa, foi apoteósica, pois aqui se valorizam muito as coisas exteriores, aconteceu no dia 17 de fevereiro do ano em curso, às duas da tarde. Meia hora antes, entre noventa e cento e cinco carros e muitos fiéis as esperávamos a dez quilômetros de onde começa a estrada federal, (...). Pouco antes da hora marcada, chegou o Sr. Bispo e depois o fizeram a comitiva de religiosas que iam ficar aqui, em número de vinte e três.

¹¹⁰ (...) os fiéis já estavam esperando e toda a cidade, que nunca antes tinha presenciado uma manifestação dessa natureza, se encheu de alegria. Fizemos uma passeata pela avenida principal em meio a uma nuvem de poeira levantada pelos carros e o barulho que faziam os fogos de artifícios em grande número.

Após esta apresentação pública e notória, a comitiva se dirigiu à casa paroquial para uma recepção. As três e meia da tarde foi celebrada uma missa concelebrada pelo sr. Bispo e mais outros cinco sacerdotes, entre os quais se encontravam os padres Lourenço e Pedro. A homilia ficou a cargo do bispo que enfatizou a importância da presença das religiosas na paróquia e os benefícios advindos por meio do trabalho delas.

De acordo com padre Lourenço:

*Terminada la missa, hicimos la entrega ofical de la casa que la comunidad parroquial les ofrece em usufruto. La casa es la mejor y la mas cara de ciudad. En esta oportunidad saludó a las religiosas el prefecto de la ciudad y yo hice la entrega de las llaves. A las siete horas nos dirigimos para el clube local donde los cursillistas y la comunidad d jóvenes habian preparado un coquetel, para ellas y para mas de cien personas incluidas las representaciones de las ciudades vecinas que habiamos invitado.*¹¹¹ (ESCRTOS DO PADRE LOUENZO. CARTA DE 8 DE MAIO DE 1974)

Conta o padre que a recepção terminou debaixo de uma torrencial chuva e ventos, impedindo que fossem feitos os discursos finais.

Esta carta na qual estão as informações ateriores se inicia assim: “*Hace unos dias que les prometi enviarles una carta explicando la llegada de una comunidad Assunción para residir em Mara Rosa, ahora procuraré cumplir la promesa.*”¹¹² (ESCRTOS DO PADRE LOUENZO. CARTA DE 8 DE MAIO DE 1974)

Ou seja, agora ele irá lembrar, rememorar e contar. Todo esse processo é carregado de subjetividades, forte tensão emocional e escolhas pessoais. Esse mesmo sujeito participa da realidade da memória individual e coletiva no que Pollak (1989) baseado em Halbwachs afirma haver uma “negociação” para que entre a memória coletiva e a individual haja uma conciliação. Isso no sentido de se formar uma base comum, para que todos possam se beneficiar mutuamente das memórias do narrador.

A presença da irmãs assunção significou uma grande realização ad vincula, pois por cinco anos o pároco negociou com as congregações religiosas até conseguir seu intento. Tudo isso, por ele acreditar ser necessário o contato da igreja com os jovens para encaminhá-los, formá-los nas ciências e para a vida. Muitos jovens que estudaram no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco naquela época, hoje trilham uma vida e carreira de glória profissional. São médicos,

¹¹¹ *Terminada a missa, fizemos a entrega oficial da casa que a comunidade paroquial lhes oferece em usufruto. A casa é a melhor e a mais cara da cidade. Nesta oportunidade, o prefeito da cidade cumprimentou as freiras e eu fiz a entrega das chaves. Às sete horas, dirigo-nos para o clube local onde os cursilhistas e a comunidade de jovens tinha preparado um coquetel para elas e para mais de cem pessoas, incluindo os representantes das cidades vizinhas que tinham sido convidados.*

¹¹² “Há uns dias, prometi enviar-lhes uma carta explicando a chegada de uma comunidade da Assunção para morar em Mara Rosa, agora procurarei cumprir a minha promessa.”

advogados, engenheiros, padres, mestre de obras, pedreiros, pintores etc. Mas não foram todos que se tornaram bem sucedidos. Daquele Colégio, mesmo tendo recebido toda a formação católica, também saíram jovens que resolveram trilhar os descaminhos do crime.

Recordemos porém, que o padre diz serem os jovens educados sob a responsabilidade de religiosos uma esperança, não uma garantia de bons frutos. Tudo isso, porque não queremos aqui superestimar a formação dada por religiosos, em detrimento da formação oferecida por leigos. O que ocorria é que naquele tempo, na cidade, não havia pessoas detentoras de conhecimentos e habilidades disponíveis para a educação.

3.7 Latência ou esquecimento?

Eric Hobsbawm (1995, p. 13) afirma que:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo (...).

O presente contínuo de que fala Hobsbawm, ao produzir a não existência de um passado, vincula o esquecimento a não existência, cujo oposto é o existir pela lembrança. Assim, lembrança e esquecimento se opõem para significarem existência e não existência. Contudo, o esquecimento pode ser tão revelador quanto uma lembrança.

Néstor Canclini (1998, p. 190 apud Enne, 2004) entende que há entre os humanos uma necessidade de criar mitos e monumentos de preservação do passado, como forma de construção de identidades, incluindo, nesse processo, os documentos escritos. Nesse sentido, o padre Lourenzo procurou construir, por meio de sua correspondência, uma maneira de preservação do passado, ainda que esta fosse uma exigência de sua congregação. Contudo, não pode controlar o processo de esquecimento que se impuseram à sua memória, após sua morte.

Já, durante o tempo do tratamento de saúde do padre Lourenzo, o padre José Fernandes substituiu o moribundo nos trabalhos pastorais. Após o falecimento daquele sacerdote, coube ao padre José Fernandes, substituí-lo definitivamente. Este, segundo ele próprio, não tinha interesse em continuar o trabalho missionário, nem construções; apenas esperava as negociações entre sua congregação e a diocese para que deixasse, definitivamente, a paróquia.

Com a saída da congregação de São Pedro ad vincula de Mara Rosa, a paróquia Santo Antonio passou a ser administrada pelos padres diocesanos. Estes, com seu estilo pastoral,

“renovados”, adeptos de celebrações ao modo da Renovação Carismática Católica, realizaram de missas de cura e libertação que deixavam a matriz abarrotada de fiéis e curiosos. Isso foi como um “fogo novo” na comunidade. Alguns ministros extraordinários da comunhão foram substituídos por outros escolhidos pelos padres.

Coube ao padre Adair José Guimarães a função de primeiro pároco, após a saída da Congregação de São Pedro Ad vincula. Contudo, a comunidade até sua chegada definitiva, foi assistida pelo Padre Edilson que também era diocesano.

Os dois padres Edilson e Adair trataram de promover toda sorte de encontros e formações de grupos pastorais a ritmo acelerado. Dessa feita, não mais falavam no pioneirismo do padre Lourenzo. As pessoas da comunidade estavam encantadas com o dinamismo dos novos celebrantes. Com isso, começaram a se lembrar do padre Lourenzo, cada vez mais distante e obsoleto.

As dificuldades transpostas pelos padres europeus citadinos ao enfrentarem os perigos das matas virgens dos Gerais, as perigosas viagens empreendidas sobre lombo de cavalos, muitas vezes debaixo de chuva, ou do sol estafante, os transbordamento de rios com as chuvas que lhes impossibilitavam o tráfego, a falta de tudo, até mesmo de alimentação, nada disso, foi medido na contabilidade do esquecimento. A memória do padre foi de tal forma descuidada que não se encontra na cidade, escola, biblioteca, praça... nenhum monumento que leve seu nome, a não ser uma rua nos arredores da cidade, próxima a saída norte para Amaralina, em um setor conhecido popularmente como “morro dos macacos.”.

Um pesquisador poderia sugerir disputas de memória, outro apagamento... Acreditamos, que no caso do padre Lourenzo, o silêncio não se traduz em esquecimento. Sua memória passa por um período de latência. Está à espera de quem possa continuar a recontar sua história e, restituir-lhe o lugar de pioneiro. Destemido sacerdote, desbravador de selvas, imitador de Cristo.

Não falta na cidade que se lembre, falta sim, quem se ocupe de colher essas lembranças e transformá-las em história. Quando este dia chegar, muito mais facetas desse sacerdote serão descobertas. Algo além do que ele se propôs a deixar por escrito e, que procuramos utilizar, a fim de contribuir para que sua memória fosse colocada em perspectiva. Posição, em que possa ser alcançada pela comunidade, cujas bases materiais, religiosas e sociais receberam: valiosa contribuição de um educador, sacerdote e missionário chamado Lourenzo Martinez Arias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou analisar na correspondência do padre Lourenzo Martinez Arias, missionário da congregação religiosa denominada “Congregação de São Pedro Ad’Vincula”, fundada pelo sacerdote Carlos José Maria Fissiaux, em 1839 na cidade de Marselha na França. Posteriormente, por razões políticas, a congregação foi transferida para a Espanha, onde se encontra, ainda hoje, a casa generalícia.

A preocupação com a memória e a história é uma característica marcante dessa congregação que desde 1889. Havia, naquela ocasião, a proposta do superior para que “em cada casa da congregação um membro fosse designado para relatar os fatos mais importantes, quer do passado, quer do futuro”. (ROUX, 1998) Embora esse desejo do superior não tenha se concretizado de imediato, encorajou um padre chamado pe. Aillaud a preservar a memória da congregação que anotou datas importantes e outras notas. Tais anotações puderam auxiliar os padres Roux e Bustillo a em anos posteriores escreverem a história de sua Congregação. Escreveram dois livros. Embora esses dois livros sejam dedicados, exclusivamente, aos membros da congregação, foram por nós utilizados como fontes dessa pesquisa, com expressa autorização do superior geral. Foi por meio dessa relevante fonte que pudemos conhecer a história dos ad’vincula até sua vinda em missão ao “coração do Brasil”.

No início da década de 1960, a carência de sacerdotes no interior do Brasil era uma realidade que o então bispo da recém criada diocese de Uruaçu, o espanhol dom Francisco Prada, precisava suprir. A oportunidade surgiu ao encontrar um superior ad’vincula que desejava expandir seus domínios para além do território espanhol.

A audácia de dois sacerdotes: Lourenzo Martinez Arias e Pedro Martinez Carrizo, concretizou o anseio de ambas as partes. Ao chegarem ao Brasil, escolheram a paróquia de santo Antonio de Amaro Leite que fica na cidade de Mara Rosa.

A partir daquele momento em que chegaram ao Brasil, deu-se, por conseguinte, o início do processo de correspondências entre os missionários e o superior da Congregação, na Espanha. Essa atitude gerou uma coleção de cartas preservadas pela congregação. Tentamos, nesse trabalho, analisar as representações que o padre Lourenzo fez sobre o lugar, as pessoas, sua missão e sobre si. Ao buscar na referida fonte, elementos que pudessem justificar suas práticas, consideramos a noção de representação contida na teoria de Roger Chartier. Nesta teoria, são as práticas que identificam as representações feitas pelo sujeito da ação.

O padre Lourenzo era espanhol de nascimento. Viveu metade de sua vida em Mara Rosa. Ali esteve a serviço da igreja católica e de sua congregação. Por isso, ele e sua congregação se confundem no momento de representar. A Congregação é o objeto representado pelo padre, no sentido de tornarem-se presentes. Portanto, a presença dele era, ao mesmo tempo, a presença de sua congregação e a presença desta, ao mesmo tempo, a presença dele.

Assim, a Congregação de São Pedro Ad Vincula esteve presente na história de Mara Rosa e de sua gente desde 1961 até 1995. Primeiramente, com padre Lourenzo e, depois, com Padre José Fernandes até 1997.

Durante todo esse tempo a correspondência entre o missionário Lourenzo e sua congregação foi arquivada por ambas as partes. As cartas eram escritas com cópias e arquivadas. Após a morte do padre Lourenzo essa correspondência foi reunida em um só volume denominado “Escritos do Padre Lourenzo”, nossa principal fonte de pesquisa.

Este padre missionário: em relação à sua congregação, acreditava ‘dever’ sacrificar-se por ela – ou seja, fazê-la prosperar; em relação às pessoas do lugar, seu dever era levar-lhes “civildade”, e fazer-las partícipes da igreja católica.

Em vários momentos de nossas leituras o encontramos analisando a conjuntura política local ou nacional. Também o encontramos participando de eventos políticos, cívicos ou culturais como os desfiles de sete de setembro, os pic-nics, as excursões estudantis. Padre Lorenzo foi, por nós, visto tanto no presbitério, proferindo homilias carregadas de conotação política, quanto ajudando a carregar o caminhão de madeira que serviria para a fabricação dos bancos de sua nova matriz paroquial.

Por meio de seu olhar europeu olhamos o sertão, sua gente, costumes, tradições, crenças e dificuldades. Mas, olhamos também, todo o empenho do padre em seu fazer-se sacerdote. Isso desde a chegada ao Brasil, quando ao se esforçar para aprender o mais rapidamente possível o português, aprender a cavalgar para poder ir mais longe na missão até, por fim, aprender a dirigir para multiplicar sua missão. O jeep era, na ocasião, a representação de “mais dois padres”. Admiramos seu esforço por assimilar os costumes locais, ao organizar as festas do padroeiro, ao gosto das pessoas do lugar.

Conforme ele mesmo afirmou, sua vida se resumiu em: missionária, sacerdotal e docente. E, suas ações tanto sociais, quanto políticas, docentes ou como pároco foram capazes de traduzir a sua compreensão sobre sua condição e seu dever.

Dessa forma, entendemos que, a dedicação com que cumpre sua missão é consequência das representações que faz de si, e de sua missão “salvífica”: de almas, inclusive a sua, e a da própria congregação.

Hoje, a Congregação de São Pedro Ad'vincula possui duas prósperas casas no Brasil. Uma fica em Contagem Minas Gerais e a outra em Goiânia Goiás.

A leitura e análise dos escritos do padre Lourenzo nos permitiu compreender as ações do padre Lourenzo na comunidade da Paróquia de Santo Antonio e na sociedade mararrosense. Permitiu-nos até mensurar a importância de sua presença, no coração do Brasil. Ao mesmo tempo em que nos possibilitou conjecturar as razões do aparente “esquecimento” de sua memória, especialmente, pelo poder público e pela igreja local, possibilitou-nos ainda, chegar à conclusão que sua memória encontra-se em um período de latência. Está à espera de quem possa continuar a recontar sua história e restituir-lhe o lugar de: pioneiro, educador, destemido sacerdote, missionário desbravador de selvas, imitador de Cristo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social**: uma genealogia do conceito. *Comum* - Rio de Janeiro - v.10 - nº 23 - p. 122 a 138 - julho / dezembro 2004.

AMADO, Janaína. **Eu quero ser uma pessoa**: Revolta Camponesa no Brasil. (Mimeo) s/d.

ANDRADE, Solange Ramos de. **A religiosidade católica e a santidade do mártir**. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008.

ANGELIDES, Sophia. **Carta e Literatura**: correspondência entre Tchekhov e Gorki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: Ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção História Geral da Igreja na América Latina).

BESSELER, José Van Den. **Introdução aos Estudos Históricos**. São Paulo: Herder, 1972

BLOCH, Marc. **A apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUSTILLO, Mariano C. **Religiosos de são Pedro ad Víncula: uma presença que liberta – Crônicas Fissionianas, 1950-1970**. Coord. Pe. Cristiano. Goiânia: Gráfica & editora Redentorista, 2001.

CAMINHAR JUNTOS: o porta voz da Diocese de Uruaçu. Ano XX – Edição 208 – Abril 2008.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **O Mundo Como representação**. *Estudos Avançados*, 11 (5), São Paulo, 1991.

CHAUL, Nasr N, Fayad. **Caminhos de Goiás**: Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editoria da UFG, 2002.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Tradução oficial da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da Igreja no oeste do Paraná**: a construção do imaginário católico (1930-1990). 2004. 250 f. Tese (Doutoramento em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2004.

DUARTE, Teresinha M. **Se as paredes da catedral falassem. A Arquidiocese de Goiânia e o Regime Militar (1968-1985)**. Goiânia: UFG, 1996. Dissertação de Mestrado, mimeo.

ENNE Ana Lucia S. Vol. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional Revista Fronteiras – estudos midiáticos. VI N° 2 julho/dezembro 2004

FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini. **Lembrar-esquecer: Trabalhando com as memórias infantis**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 39-59, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FERNANDES SOBRINHO, José. **Vivências no agreste**. Goiânia: Bandeirante, 1997.

FOUCAULT, Michel. “A Escrita de Si”. In: **O Que é Um Autor**. Lisboa: Edições 70, s/d.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. **A correspondência de Simón Bolívar e sua presença na literatura: uma análise de O General em seu labirinto de Gabriel García Márquez**. HISTÓRIA, São Paulo, 28 (1): 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GINZBURG, Carlo. Representação: a Palavra, a Idéia, a Coisa. In: **Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância**. Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOIÁS, **Diário oficial**. Ano 117, n. 6.925, 27 de agosto de 1953.

GOMES, Ângela de C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Adalberto Rafael; OLIVEIRA, Ilca Vieira de. **Cartas perto do coração: Clarice Lispector e Fernando Sabino e o arquivar de suas vidas**. Revista Litteris – Literatura Número 5, Julho de 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. **Acervo de Documentação Territorial do Brasil**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Última atualização (Ter, 29 de Julho de 2008 15:01)

INFORMAÇÃO GOYANA, A. AGEPEL (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira), 2001. CD-ROM.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

LEFEBVRE, H. **La presencia e la ausencia: Contribución a la teoría de las representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas (SP): Unicamp, 1996.

LE MOS, Renato. **Bem traçadas linhas**. A história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil**. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996.

LUMEN GENTIUM: Constituição dogmática sobre a Igreja, sobre a sua natureza e missão universal. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis, Vozes, 1968.

LONDOÑO, Fernando Torres. **Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 43, pp. 11-32 2002.

MATTOS, Raymundo José da Cunha. **Chorographia Histórica da Província de Goyas**. Goiânia: Editora Lider, 1979, p. 69-70.

MATTOS, Raimundo César de Oliveira. **As cartas revelam** – analisando o oitocentos através da Correspondência. Disponível em: www.encontro2010.rj.anpuh.org/.../1276191678_ARQUIVO_ASCARTASREVELAM.pdf.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). **Prezado senhor, Prezada senhora**. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas as representações sociais: elementos para uma historia. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-66.

NEIVA, Ivany Câmara. **Imaginando a capital: cartas a JK (1956 – 1961)**. Tese de doutoramento. Brasília: UnB, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

PAPA BENTO XVI. Homilia de Celebração da Santa Missa na solenidade de Todos os Santos. 01/11/2006. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061101_all-saints_po.html.>Acesso em 20/09/2008.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para investigação comportamento humano no meio urbano In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p.26-67.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história**. *Revista brasileira de história*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el : 28 janvier 2006, URL : [http:// Nuevomundo.revues.org/index1499.html](http://Nuevomundo.revues.org/index1499.html).

_____. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-13, 1989.

REINATO, Eduardo José; MOREIRA. **Se liga no Futuro**, Governo do Estado de Goiás, Pesquisa histórica, 2004.

ROUX, Ernesto. **A congregação de são pedro ad vincula: 1868-1950**. Goiânia: s/e, 1998.

SÁ Ezeqson Fernandes de. **Uruaçu e a sua História**. Goiânia: Kelps, 2005. Disponível em: <carzem.com/down/livro_urua.doc>

SARTORE, Domênico, TRIACCA, Achille M. (org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

SANTOS, Zeloí Ap. Martins dos. **A arte de escrever cartas: a experiência com as fontes**. Disponível em: em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/I_encontro_inter_artes/26_Zeloi_dos_Santos.pdf.

SEMIN, G. R. Protótipos e representações sociais. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERj, 2001.

TIN Emerson. **Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar**. IV Semana de Estudos do curso de Letras da Universidade Paulista – UNIP: Campus Limeira, em 20 de setembro de 2005. Disponível em: www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf

Internet

<http://saopedroadvincula.blog.terra.com.br/>

<http://www.diocesedeuruacu.com.br/portal/dompradahistoria.php>

Documentos

As cartas constantes do Volume Escritos do Padre Lourenzo - Recebidas de diversos remetentes (excluindo padres) – ordenadas por datas – Datilografadas e manuscritas

01	Sagrário Martinez - carta sem data	s/d
02	Sagrário Martinez - carta sem data	s/d
03	Maria Eulália (missionária) -	16/12/1963
04	Laurentina	17/12/1985
05	Paco	12/12/1986
06	Hermenegilda	13/12/1986
07	Trinidad	14/12/1986
08	Trinidad	14/06/1987

09	Hermenegilda	15/7/1987
10	Paco (irmão)	27/7/1987
11	Trinidad Martinez, Sagrario Martinez, Paulina Martinez	25/8/1987

As cartas constantes do Volume Escritos do Padre Lourenzo - Cartas recebidas superiores - ordenadas por datas - Datilografadas e manuscritas

12	Mariano Bustillo		
13	Mariano Bustillo		
14	Mariano Bustillo – cartão		
15	Vitor Cuesta		
16	Vitor Cuesta		
17	Vitor Cuesta		
18	Mariano Bustillo		
19	Mariano Bustillo		
20	Mariano C. Bustillo		
21	Vivêncio Illera	12/7/	1961
22	Vivêncio Illera	14/8/	1961
23	Vivêncio Illera	16/9/	1961
24	Vivêncio Illera	21/9/	1961
25	Vivêncio Illera	29/11/	1961
26	Vivêncio Illera	6/1/	1962
27	Vivêncio Illera	24/3/	1962
28	Vivêncio Illera	24/4/	1962
29	Vivêncio Illera	22/6/	1962
30	Vivêncio Illera	23/6/	1962
31	Vivêncio Illera	16/7/	1962
32	Vivêncio Illera	13/10/	1962
33	Vivêncio Illera	26/11/	1962
34	Vivêncio Illera	22/12/	1962
35	Vivêncio Illera	4/3/	1963
36	Vivêncio Illera	22/4/	1963
37	Vivêncio Illera	26/5/	1963
38	Vivêncio Illera	6/6/	1963
39	Vivêncio Illera	13/7/	1963
40	Vivêncio Illera	21/8/	1963
41	Vivêncio Illera	28/10/	1963
42	Vivêncio Illera	2/11/	1963
43	Vivêncio Illera	30/11/	1963
44	Vivêncio Illera		1964
45	Vivêncio Illera		1964/65 (?)
46	Vivêncio Illera	4/3/	1964
47	Vivêncio Illera	29/4/	1964
48	Vivêncio Illera	18/5/	1964
49	Vivêncio Illera	14/6/	1964
50	Vivêncio Illera	3/8/	1964
51	Vivêncio Illera	27/9/	1964
52	Vivêncio Illera	5/11/	1964
53	Vivêncio Illera	10/12/	1964

54	Vivêncio Illera	9/2/	1965
55	Vivêncio Illera	9/3/	1965
56	Vivêncio Illera	22/4/	1965
57	Vivêncio Illera	27/5/	1965
58	Vivêncio Illera	11/7/	1965
59	Vivêncio Illera	8/8/	1965
60	Vivêncio Illera	28/9/	1965
61	Vivêncio Illera	26/10/	1965
62	Cipriano Rodriguez	22/6/	1968
63	Cipriano Rodriguez	8/10/	1968
64	Cipriano Rodriguez	22/12/	1968
65	Mariano C. Bustillo	Sd	1972
66	Mariano C. Bustillo	14/3	1973
67	Mariano C. Bustillo	10/5/	1973
68	Mariano C. Bustillo	7/7/	1973
69	Mariano C. Bustillo	16/08	1973
70	Mariano C. Bustillo	22/11/	1973
71	Mariano C. Bustillo	22/06/	1974
72	Mariano C. Bustillo	31/01/	1975
73	Mariano C. Bustillo	23/04/	1976
74	Mariano C. Bustillo	13/7/	1976
75	Mariano C. Bustillo	23/5/	1977
76	Mariano C. Bustillo	28/3/	1978
77	Mariano C. Bustillo	3/4/	1978
78	Mariano C. Bustillo	1/6/	1978
79	Mariano C. Bustillo	21/10	1978
80	Mariano C. Bustillo	s/d	1981
81	Mariano C. Bustillo	2/3/	1981
82	Mariano C. Bustillo	5/4/	1981
83	Mariano C. Bustillo	8/4/	1981
84	Mariano C. Bustillo	24/4/	1981
85	Mariano C. Bustillo	9/10/	1981
86	Mariano C. Bustillo	8/2/	1982
87	Mariano C. Bustillo	2/5/	1982
88	Mariano C. Bustillo	28/6/	1982
89	Mariano C. Bustillo	8/3/	1983
90	Mariano C. Bustillo	5/8/	1983
91	Mariano C. Bustillo	7/11/	1983
92	Vítor Cuesta	7/4/	1985
93	Vitor Cuesta	24/4	1985
94	Vitor Cuesta	25/9/	1985
95	Vitor Cuesta	15/12/	1985
96	Vítor Cuesta	17/3/	1986
97	Vitor Cuesta * futebol	2/8/	1986
98	Benjamín Paino	21/11	1990
99	Benjamín G. Paíno	27/4/	1990
100	Benjamin Garcia Paíno	12/7/	1990
101	Vitor Cuesta	8/9/	1990
102	Benjamín Garcia Paino	20/9/	1990
103	Benjamín García Paíno –	1/1/	1991

104	Benjamín Garcia Paino	22/2/	1992
105	Benjamin Garcia Paño	5 /7/	1992
107	Benjamin Garcia Paño	5/7	1992

As cartas constantes do Volume Escritos do Padre Lourenzo - recebidas de outros padres da congregação – ordenadas por datas – Datilografadas e manuscritas

108	Formulário em branco		
109	Oração pelo capitulo		
110	Curriculum padre Lorenzo		
111	Fuente SC	30/9/	1971
112	Ata reunião pré-capitular	28/3/	1972
113	Fuente	29/03/	1972
114	E. Jáñez – Enonomo geral	4/3/	1978
115	Rufino Ordoñez	4/4/	1981
116	Rufino Ordoñez	5/1/	1982
117	Rufino Ordoñez	15/4/	1982
118	Benjamín García Paino – secret. Geral	30/9/	1983
119	Vitor e José Maria - Informe - projeto pastoral juvenil vocacional	Sd	1986
120	Jesus Fuentes	13/1/	1986
121	Manolo	16/2/	1987
122	E. Jáñez – informe econômico	29/1/	1990
123	Rufino Ordonhez, secretario	1/1/	1991
124	Relação religiosos XXI capitulo		S/D
125	Formulário em branco	s/d	s/d

CARTAS CIRCULARES RECEBIDAS

126	Circular Benjamin Paino	22/6/	
127	Mariano C. Bustillo - Comunicado aos capitulares		
128	Vicêncio Illera	1/1/	1962
129	Vicêncio Illera	20/8/	1962
130	Vicêncio Illera	6/6/	1963
131	Cipriano Rodríguez – Circular	3/12/	1967
132	Mariano C. Bustillo – anúncio xxi cap	15/10/	1971
133	Secretaria geral - Questionário	7/12	1972
134	Mariano C. Bustillo – Circular tomada posse	27/7/	1972
135	Mariano C. Bustillo – circular dia mundial de oração pelas vocações	23/4/	1973
136	Mariano C. Bustillo – anúncio assembléia geral para revisão das constituições e estudo do diretório	30/12/	1975
137	Mariano C. Bustillo – 109 anos pe. Fundador	3/12/	1976
138	Mariano C. Bustillo – sobre circular xxii		1977
139	Circular	12/10/	1977
140	Temas	25/3/	1978
141	Mariano C. Bustillo -112 anos morte fundador	/12/	1979
142	Mariano Bustillo – Rufino Ordonez = conselheiro: sobre vocações.	20/4	1980

143	Mariano C. Bustillo – circular xxiii	1/8	1983
144	Sobre circular xxiii	1/8	1983
145	Mariano C. Bustillo – 116 anos da morte fundador	3/12/	1983
146	Mariano C. Bustillo programação reunião preparação encontro		1983
147	Mariano C. Bustillo comunicado aos capitulares		1983
148	Mariano C. Bustillo Memória capitular	7/3/	1983
149	Vítor Cuesta Circular 117 anos da morte fundador	4/11/	1984
150	Vítor Cuesta – anuncio 2ª etapa XXII capítulo	10/7/	1984
151	Vítor Cuesta – apresentando-se como superior	22/4/	1984
152	Vítor Cuesta – 121 anos da morte fundador	4/11/	1988
153	Vítor Cuesta – anuncio XXIV capítulo geral	12/10/	1989
154	Benjamín Paino – circular	21/11/	1990
155	Vítor Cuesta	6/1/	1990
156	Benjamín Paino – 125 anos da morte do fundador	1/8/	1992
157	Mariano C. Bustillo - Circular proclamando os membros do xxiii capítulo		Sd
158	Desideratas ao capítulo general		Sd
159	Carta circular finalização XXIV capítulo geral		Sd
160	Vítor Cuesta 118 anos da morte fundador		Sd
161	119 aniversario morte fundador		Sd

As cartas constantes do Volume Escritos do Padre Lourenzo - Cartas enviadas pelo pe. Lorenzo aos superiores ordenadas por datas - ordenadas por datas - Datilografadas e manuscritas

162	Fragmento		
163	Vicêncio Illera	07/10	1963
164	Vicêncio Illera	19/12	1963
165	Vicêncio Illera	20/10	1963
166	Vicêncio Illera	22/12	1963
167	Vicêncio Illera	07/07	1964
168	Vicêncio Illera	08/06	1964
169	Vicêncio Illera	11/09	1964
170	Vicêncio Illera	19/11	1964
171	Vicêncio Illera	21/03	1964
172	Vicêncio Illera	04/12	1965
173	Vicêncio Illera	15/01	1965
174	Vicêncio Illera	26/10	1965
175	Vicêncio Illera	27/01	1965
175	Vicêncio Illera	28/02	1965
177	Vicêncio Illera	29/07	1965
178	Vicêncio Illera	01/02	1966
179	Vicêncio Illera	04/02	1966
180	Cipriano Rodríguez	09/12	1966
181	Vicêncio Illera	10/05	1966
182	Cipriano Rodríguez	12/04	1967
183	Cipriano Rodríguez	13/12	1967
184	Cipriano Rodríguez	13/12	1967
185	Cipriano Rodríguez	15/01	1967
186	Cipriano Rodríguez	16/01	1967

187	Cipriano Rodríguez	26/05	1967
188	Cipriano Rodríguez	03/07	1968
189	Cipriano Rodríguez	11/12	1968
190	Cipriano Rodríguez	14/03	1968
191	Cipriano Rodríguez	15/03	1968
192	Cipriano Rodríguez	13/07	1969
193	Mariano C. Bustillo	17/08	1970
194	Mariano Bustillo	17/08	1970
195	Cipriano Rodríguez	20/03	1970
196	Cipriano Rodríguez	26/04	1970
197	Mariano C. Bustillo	26/11	1970
198	Mariano C. Bustillo	05/05	1971
199	Mariano C. Bustillo	05/11	1971
200	Mariano C. Bustillo	07/01	1972
201	Mariano C. Bustillo	16/06	1972
202	Mariano C. Bustillo	29/02	1972
203	Mariano C. Bustillo	29/10	1972
204	Mariano C. Bustillo	05/12	1973
205	Mariano C. Bustillo	12/03	1973
206	Mariano C. Bustillo	17/09	1973
207	Mariano C. Bustillo	08/05	1974
208	Mariano C. Bustillo		1975
209	Mariano C. Bustillo	20/08	1975
210	Mariano C. Bustillo	23/03	1976
211	Mariano C. Bustillo	10/07	1978
212	Mariano C. Bustillo	10/07	1978
213	Mariano C. Bustillo	10/07	1978
214	Mariano C. Bustillo	16/05	1978
215	Mariano C. Bustillo	05/07	1979
216	Mariano C. Bustillo	04/02	1981
217	Mariano C. Bustillo	12/05	1981
218	Mariano C. Bustillo	01/06	1982
219	Mariano C. Bustillo	18/10	1983
220	Vitor Cuesta	10/12	1984
221	Mariano C. Bustillo	23/07	1984
222	Mariano C. Bustillo	29/03	1984
223	Vitor Cuesta	17/07	1985
224	Vitor Cuesta	05/05	1986
225	Vitor Cuesta	26/10	1986
226	Vitor Cuesta	18/09	1987
227	Vitor Cuesta	13/07	1988
228	Vitor Cuesta	10/04	1989
229	Vítor Cuesta	21/06	1989
230	Benjamin Garcia Paño	17/02	1990
231	Benjamin Garcia Paño	24/04	1990
232	Benjamin Garcia Paño	29/04	1991
233	Benjamin Garcia Paño	12/10	1992
234	Benjamin Garcia Paño	19/06	1992
235	Benjamin Garcia Paño	19/10	1992
236	Benjamin Garcia Paño	27/03	1992

As cartas constantes do Volume Escritos do Padre Lourenzo - Cartas enviadas pelo padre Lourenzo a diversos destinatários – ordenadas por datas – Datilografadas e manuscritas

237	Srta. María Eulália y condiscípulas	7/7/	1964
238	Guillermo Martínez	22/02	1964
239	Sem destinatário definido	06/02	1964
240	Madre Gemma Emanuel –	12/3/	1973
241	D. Antonio Ribeiro de Oliveira – arcebispo de Gyn *	30/8/	1988
242	D. José Freire Falcão arcebispo DF	30/8/	1988
243	Srta. Paulina Martinez Arias	26/9/	1992

Documentos diversos

Curso atualização teológica para missioneros
 Conferencias espanholas de religiosos e religiosas
 Titulo de cidadania Estrela do norte
 Memorias
 Levantamento
 Datas importantes
 Diploma de honra ao mérito
 Certificado curso Parapsicologia e Religião
 Ficha de visita canônica do Sr bispo de Uruaçú